



COMBATE AO HIV

Mais de 7,5 mil pessoas recebem medicamentos gratuitos na PB

■ Campanha Dezembro Vermelho destaca os cuidados voltados à prevenção.

■ Tratamento ofertado pelo SUS garante melhoria da qualidade de vida. *Página 4*



Foto: Roberto Guedes

Terapias com animais devolvem autonomia a pacientes

Atendimentos realizados com cães e cavalos ajudam a melhorar condições físicas e mentais de crianças e adultos que possuem diferentes diagnósticos. *Página 5*

■ “Uma vez ou outra, encontrava-se, nas pilhas a réis do chão do lado oposto, algo a despertar interesse de leitura. E por uma ninharia, um troco que se recebesse das lojas vizinhas mais caras.”

Gonzaga Rodrigues

Página 2



Edição 2025 do Campeonato Paraibano promove clássicos do futebol local

Confrontos entre Botafogo e Auto Esporte, Treze e Campinense, e Nacional e Esporte prometem esquentar a competição.

Página 21

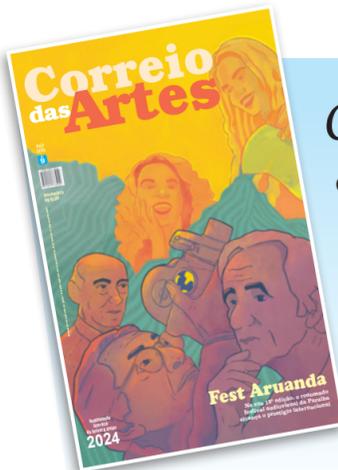


Foto: Divulgação/BEPTur

PM reforça ações para o verão

Com investimentos em estrutura e formação profissional, o objetivo é levar mais segurança e tranquilidade para quem mora na cidade ou a visita.

Página 7



Correio das Artes

Celebrando sua 19ª edição, o Fest Aruanda, principal evento audiovisual da Paraíba, expande e consolida seus novos horizontes internacionais, com a participação de projetos de países como Portugal, EUA e China.

Página 9

Conquistar a casa própria ainda é o maior sonho para 31% dos brasileiros

Para atender à demanda, governos e empresas investem em programas habitacionais.

Página 17

Natal da Usina começa, hoje, celebrando Vó Mera e Pedro Osmar

Evento é gratuito e segue até o dia 28, com atrações para todas as idades, a partir das 16h.

Página 9

Conde encanta turistas com praias e cultura, no Litoral Sul

Riquezas naturais, gastronomia e vivências culturais garantem um destino paradisíaco.

Página 8

Editorial

Ordem nas redes sociais

A realidade é que as relações sociais estão cada vez mais atravessadas pela tecnologia. A popularização de equipamentos portáteis, como *tablets*, *notebooks*, e sobretudo, os celulares *smartphones*, tanto possibilitam quanto contribuem para o acesso quase permanente das pessoas a conteúdos disseminados nos mais variados ambientes virtuais, principalmente nas redes sociais.

Uma marca desses espaços é a variedade de publicações associadas a uma diversidade de temáticas. A rede mundial de computadores, por sua vez, não está alheia às dinâmicas da vida, por assim dizer. Ao contrário, ela se apresenta como reflexo das disputas que permeiam a sociedade de modo geral.

Nesse sentido, em um contexto no qual o pensamento autoritário, supremacista, racista, xenofóbico, misógeno, LGBTQIAPN+fóbico ganha força e aderência nos mais diversos lugares do globo, a internet passou a ser utilizada, dentre outras coisas, como locus de explanação e disseminação desses discursos. Associada a esses discursos de ódio contra grupos minorizados, está a difusão em massa da desinformação por meio de notícias mentirosas ou manipuladas.

Nesse cenário no qual a internet se tornou terra de ninguém, ou seja, ambiente no qual uma série de temas ilegais e imorais se proliferam, o assunto regulamentação ganhou destaque na agenda pública. A necessidade, por sua vez, de regulamentar esses ambientes virtuais se faz em virtude do significado dos conteúdos disseminados; no entanto, não apenas por isso.

Um aspecto, talvez mais complexo, diz respeito à lógica de disseminação dos ambientes virtuais. Múltiplas pesquisas desenvolvidas desde o início da década de 2020 demonstram que postagens de ódio costumam gerar mais cliques e engajamentos, ou seja, garantem mais retorno financeiro para as empresas nas quais esses *posts* são publicados. As próprias plataformas estão cientes desse processo de disseminação de ódio, tendo em vista que constam nos relatórios provenientes de suas pesquisas internas.

Os debates sobre regulamentação das redes no Brasil suscitaram outro ponto passível de discussões: o quanto as empresas de mídias sociais são responsáveis pelo conteúdo ofensivo e ilegal nelas divulgados por seus usuários. Em busca de uma conclusão jurídica a respeito do tema, o Superior Tribunal federal (STF) retomou o julgamento de duas ações voltadas à constitucionalidade do artigo 19 do Marco Civil da Internet, de 2014, cujo texto define que uma plataforma só poderá ser responsabilizada por conteúdo divulgado por terceiros caso não tenha cumprido ordem judicial de remoção da postagem.

Embora as grandes corporações de mídias sociais aleguem investir milhões em tecnologias de segurança e autorregulação, o que se vê ainda é a proliferação de postagens raivosas, preconceituosas e criminosas. Talvez responsabilizar essas empresas seja um caminho para o desenvolvimento de ações mais contundentes no sentido de acabar com essas postagens, tendo em vista que ações individualizadas não têm conseguido.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

Um mundo moderno, mas intranquilo

A geração atual deve ficar se perguntando como conseguíamos viver sem o celular, a internet, a TV a cabo com 100 canais à disposição, sem o computador, sem o caixa eletrônico bancário, sem o cartão de crédito. Os que usufruem de toda essa praticidade do mundo moderno devem ficar imaginando como era complicada a nossa vida tempos atrás.

Hoje em dia, sentimos dificuldades em tocar nossa vida sem essas novidades dos tempos modernos. Ficamos mal-acostumados. Ou será que o termo mais exato seria “bem acostumados”? Tornamo-nos dependentes de tudo o que proporciona facilidade nas ações do cotidiano.

Quando não havia celular, a comunicação por telefone teria que ser feita por aparelhos fixos, que não eram baratos. Nem todo mundo tinha condição de possuir uma linha telefônica. Se não existia a internet, não tinha como acompanhar o que acontecia no mundo em tempo real. As notícias chegavam até nós com algum atraso. A televisão em preto e branco, também artigo de luxo por algum tempo, só sintonizava dois ou três canais.

O computador nos libertou da máquina de datilografia, tornando a comunicação e o registro escrito mais rápidos e eficazes. Esse equipamento não nos obriga mais a consultar as Enciclopédias Barsa ou Delta Larrousse para nos informar melhor de algo que desconhecemos. Substituiu as correspondências por cartas pela interação virtual. Eliminou os arquivos de papéis pela memória digital.

A movimentação da nossa vida financeira exigia que nos deslocássemos a uma agência bancária para retirar ou depositar algum dinheiro. Nem se pensava na existência de caixas eletrônicos, nem os cartões de crédito/débito. Enfrentávamos uma fila enorme, além de termos

de suportar alguma demora para que o funcionário do banco examinasse numa ficha de conta corrente a nossa disponibilidade financeira e checasse a autenticidade da nossa assinatura num cartão de autógrafo que tínhamos assinado lá.

Se desejávamos comer algo que já estivesse pronto, não teria outra forma de esquentá-lo, se não fosse no fogão. O micro-ondas ainda não havia aparecido. Ficávamos ansiosos para receber fotografias que fazíamos para documentar momentos de felicidade, porque a revelação demorava alguns dias. Nem as polaróides, nem os celulares com fotos instantâneas, estavam ainda ao nosso dispor.

São só alguns exemplos. Mas, apesar de tudo isso, éramos felizes. Em contrapartida, podíamos andar tranquilamente pelas ruas a qualquer hora do dia.

“

A geração atual deve ficar se perguntando como conseguíamos viver sem o celular, a internet, a TV a cabo com 100 canais à disposição

Rui Leitão

Foto Legenda

Julio Cezar Peres



Volta da feira

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Como ir atrás de uma coisa e achar outra

Deu para notar a ausência daquele vendedor de livros usados empilhados a partir de um pé de parede da esquina esquerda do Paraíba Hotel? Era ele do lado oposto ao de Regis, este um dos antigos gazeteiros que fundou seu ponto e sua parte com o Ponto de Cem Reis à porta de entrada do hotel.

Uma vez ou outra, encontrava-se nas pilhas a réis do chão do lado oposto, algo a despertar interesse de leitura. E por uma ninharia, um troco que se recebesse das lojas vizinhas mais caras e bem menos futuras. Quando um pacote de café custava 4 ou 5 reais menos inflacionados, empatava em preço com a maioria dos títulos e achados, às vezes raros. Preciosíssimos se se levar em conta a confissão, em crônica de 1960, de um leitor especial como o poeta Drummond. Pois não é que, há dez anos atrás, dei com um exemplar da *Careta*, a revistinha que dosou o humor nascente do único fazendeiro do ar da poesia universal? Está em seu Diário: “Fui levar livros a um preso, na Penitenciária Lemos Brito. De volta, procurei na Rua Frei Caneca a sede da revista *Careta* que acaba de desaparecer e que eu adorava quando criança pelas caricaturas de J. Carlos, seu ilustrador na fase áurea”.

A anotação de Drummond vem de novembro de 1960. Ora, 16 ou 17 anos antes, um dos coroinhas do Ginásio Pio XI, em Campina Grande, obviamente longe do mesmo auspicioso proveito, mas sem menor incitação, passava a dividir o gubi de capitão Marvel pela *Careta* de J. Carlos. Escolhido pelo diretor, padre Odilon, depois de ajudada a missa e tomado o café, para transportar os portões do internato e sair em liberdade para apanhar os jornais de seu hábito diário de leitura, o *Jornal do Comércio do Recife*, o *Diário de Pernambuco* e a *Imprensa*, sentia-me batendo asas com a passarinhada dos jardins da rua de Seu Cabral, a Getúlio Vargas, e a liberdade bem luminosa, da cabeça aos pés, nessa meia hora de recreio interior.

E nisso, tropecei com o olhar no mesmo objeto de sedução do poeta menino que viria ler muito depois uma vez ou outra, o velho Davino rendia-se a meu olho pidão e caía com a *Careta*.

Oitenta anos depois, passando sem deixar de olhar para a pilha do livreiro de pés no chi-

nelo, a camisa solta e bem aberta ao peito, vendendo livro como quem vende mangalho, avisto um exemplar da *Careta* num topo de pilha com um peso em cima.

E me vejo rápido, voltando a Campina, ao padre Odilon, a seu Davino, a Drummond, inteiramente desligado dos 70 e tantos anos que me dissociavam da submersa emoção. Folheio venturoso o meu achado, enfio a mão no bolso, sem pena, fosse quanto fosse, já apertando a revistinha debaixo do braço.

“Quanto é?”, disponho-me.

“Tá vendida, seu Gonzaga, deixei bem à mostra para não esquecer quando ele voltar”.

“Pago o dobro, o triplo, quanto é?”

“Ele já pagou, me desculpe, espere por ele, quem sabe se não lhe cede!”

Bem, a partir daí, já não era mais a revista o que importava. Era o homem que irrompia daquela desarrumação e que já não pude encontrar, há poucos dias, quando saí de mãos para trás querendo saber o que vão fazer de novo no Ponto de Cem Reis.

“Onde está ele”, perguntei a sua vizinha que continua na sua banca de bicho.

“Ele está noutra, se foi há uns dois anos com a Covid”.

Um homem que nem o nome eu sabia.

Gonzaga Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

JOÃO PESSOA

Estado recebe oficina do Ministério da Cultura

Propósito é construir os objetivos do próximo plano nacional para o setor

Da Redação
 Com Agência Gov

A Paraíba receberá, na próxima terça (3) e quarta-feira (4), a Oficina Territorial sobre o Plano Nacional de Cultura (PNC). O evento, realizado pelo Ministério da Cultura (MinC), acontecerá na Usina Cultural Energi-sa, em João Pessoa. Produtores culturais, gestores, artistas, membros de comitês e conselhos locais interessados em participar da oficina devem se inscrever por meio de formulário on-line.

De acordo com o Governo Federal, o propósito central da iniciativa é construir, coletivamente, os objetivos e metas do próximo PNC, de forma a materializar as transformações desejadas com as políticas culturais nos próximos 10 anos.

O encontro será conduzido pela subsecretária de Assuntos Estratégicos, Leticia Scharwz, e pela coordenadora-geral de Governança Interna do MinC, Leticia Nery.

Para a coordenadora-geral de Projetos Estratégicos do MinC, Sofia Mettenheim, este é um momento de aprofundar, com a sociedade civil, os debates iniciados na 4ª Conferência Nacional de Cultura e materializar quais são as prioridades para a política cultural dos próximos 10 anos.

“É um processo de escuta e de trabalho, de colaboração na construção desse importante conteúdo que vai nortear as ações do Sistema Nacional de Cultura nessa próxima década”, explica



Foto: Luciana Bessa/Secom-PB

Produtores culturais indicarão as demandas de todas as origens étnicas e faixas etárias

Sofia Mettenheim.

O plano define princípios, diretrizes, objetivos e metas que têm impacto direto na vida das pessoas, pois orienta a elaboração e execução de políticas para o atendimento das demandas culturais dos brasileiros de todas as situações econômicas, localizações geográficas, origens étnicas e faixas etárias.

■ Evento será conduzido por representantes da Secretaria de Assuntos Estratégicos e da Governança Interna do MinC



Pelo QR Code acima, acesse a página de inscrições do evento

Confira a programação do evento:

Terça-feira (3)

■ Abertura: 18h às 20h.

Quarta-feira (4)

■ 9h às 10h: Credenciamento e acolhimento;

■ 10h às 11h: Apresentação do percurso CNC-PNC;

■ 11h às 12h30: Diálogo sobre diagnóstico por eixo e objetivos do PNC;

■ 12h30 às 13h: Compartilhamento dos resultados dos grupos;

■ 13h às 15h: Intervalo para almoço;

■ 15h às 16h: Rodada de trabalho para construção de propostas;

■ 16h às 17h30: Partilha dos resultados de cada grupo e mobilização de multiplicação;

■ 17h30 às 18h: Fechamento dos resultados e encerramento das atividades.

Nordeste ganha versão própria da Rouanet

O Ministério da Cultura lançou, na última quinta-feira (28), em Teresina, capital do Piauí, o Rouanet Nordeste. Com investimento de R\$ 50 milhões, a iniciativa faz parte da política da nacionalização e democratização dos recursos de incentivo à cultura, com ações afirmativas e de acessibilidade, voltadas a projetos de impacto social. A previsão é que o edital do programa seja lançado em março de 2025.

Para a ministra Margareth Menezes, a iniciativa representa mais um passo na nacionalização do fomento aos movimentos culturais e a concretização da missão do Governo Federal de união e reconstrução do país. “Para a qualidade de vida da população, é necessário garantir acesso ao fomento de incentivo à cultura também para quem mais precisa. É com essa visão que estamos trabalhando todas as nossas políticas do Ministério da Cultura. Uma política que atenda todos”, afirmou. A titular da pasta também enfatizou o trabalho de organização do MinC para garantir que as iniciativas da gestão federal alcancem maior capilaridade e eficiência no apoio às manifestações culturais.

O ministro do Desenvolvi-

mento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, Wellington Dias, destacou que o anúncio da política é momento de celebração. “A cultura também faz parte do desenvolvimento social. Ao investir nas diversas manifestações e ações de arte e cultura, estamos abrindo caminhos para a população. É um grande momento para celebrar, ainda mais, a cultura”, disse.

“A cultura é uma das riquezas do nosso Nordeste e do nosso país. Trazer investimento de recursos para esse patrimônio brasileiro é tratar a cultura não somente como manifestação social, mas também como atividade econômica que dinamiza e leva desenvolvimento e avanços para a população”, declarou o diretor de planejamento do Banco do Nordeste (BNB), José Aldeir Freire. A empresa estatal é uma das parceiras do programa Rouanet Nordeste.

Durante a solenidade, o secretário Henilton Menezes ressaltou a importância da legislação como mecanismo e ferramenta de incentivo à cultura no Brasil. “A credibilidade da Lei Rouanet voltou. E, com esse novo programa, estamos fortalecendo a ação de ‘fazer cultura’ e apoiando o desenvolvimento da cultura brasileira”, narrou o gestor.



Foto: Roberta Aline/NDS

Ministra Margareth Menezes defendeu incentivo à cultura

A iniciativa

O Rouanet Nordeste, regulamentado pelo Decreto de Fomento Cultural nº 11.453/2023, busca democratizar o acesso aos recursos da legislação de incentivo à cultura, com foco em ações afirmativas e de acessibilidade na região. A iniciativa visa ampliar o alcance do investimento cultural, priorizando projetos de impacto social significativo. Além dos estados da região, o programa contemplará o norte de Minas Gerais e o norte do Espírito Santo.

O programa tem o objetivo de valorizar iniciativas de pequenos municípios e de gestores culturais que ainda não foram beneficiados pela Lei Rouanet. Além disso, dá ênfase a manifestações cultu-

rais de grupos historicamente marginalizados, como pessoas negras, indígenas, comunidades tradicionais, quilombolas, populações nômades, povos ciganos, LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência e outros em situação de vulnerabilidade.

O programa abrangerá cinco áreas artísticas: artes cênicas, artes visuais, audiovisual, música e literatura. Os recursos serão viabilizados por adesão de empresas estatais, como Banco do Brasil, BNB, Petrobras, Correios, Caixa, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero) e Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro).

UN Informe

DA REDAÇÃO

PARAÍBA SEDIA CONGRESSO DO MINISTÉRIO PÚBLICO DA REGIÃO NORDESTE

João Pessoa será palco, de 4 a 6 de dezembro, do 7º Congresso do Ministério Público da Região Nordeste, no Centro de Convenções. Promovido pela Associação Nacional dos Membros do Ministério Público (Conamp) e pela Associação Paraibana do Ministério Público, com apoio do MPPB, o evento discutirá o tema “Novas tecnologias, combate à criminalidade e desenvolvimento regional sustentável”. Membros do Ministério Público de todo o país são esperados. A programação inclui reuniões de quatro colegiados, como o Conselho Nacional de Procuradores-Gerais e o Conselho Nacional dos Corregedores-Gerais, além de palestras e painéis sobre temas cruciais, como os impactos tecnológicos no combate ao crime, direitos das vítimas, violência de gênero e probidade administrativa. A abertura, no dia 4, às 20h, contará com palestra inaugural de Emerson Garcia (foto), do MPRIJ, sobre os desafios contemporâneos do Ministério Público. O procurador-geral de Justiça do MPPB, Antônio Hortêncio Rocha Neto, destacou a importância do evento. “É uma honra receber reuniões tão relevantes em nossa capital. Esperamos debates que tragam avanços para a instituição e para a sociedade”, afirmou. O congresso promete alinhar inovações tecnológicas e reflexões sobre sustentabilidade e igualdade com as demandas atuais do Sistema de Justiça.



Foto: Divulgação/MPRJ

PROTAGONISMO DA UFPB

A UFPB foi escolhida como representante da Região Nordeste no Colégio de Gestores de Relações Internacionais da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). A coordenação ficará a cargo da professora Ana Berenice Peres Martorelli, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e atual presidente da Agência UFPB de Cooperação Internacional (ACI/UFPB).

IDENTIDADE ÉTNICA (1)

A Fundação Casa de José Américo (FCJA) vai sediar, amanhã, às 13h, a abertura da Semana Nacional de Mobilização do Registro Civil de Nascimento e Documentação Básica na Paraíba. Com o tema “Identidade Étnica e Cidadania: reconhecendo nossos povos”, a atividade desenvolvida pelo Comitê de Documentação Básica visa promover uma série de ações junto às comunidades indígenas Warao, Potiguara e Tabajara.

IDENTIDADE ÉTNICA (2)

Junto aos cartórios, a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh) vai viabilizar às populações indígenas da Paraíba a entrega de certidões de nascimento com os reconhecimentos étnicos de direito, além da promoção da regularização documental por meio do Programa Cidadão Itinerante e da Receita Federal, como também ações de atualização do Cadastro Único e do Bolsa Família

BNB PREMIA EMPREENDEDORES

Nove clientes, entre agricultores familiares e microempreendedores da Paraíba, foram premiados, na última sexta-feira (29), no XVII Prêmio Banco do Nordeste de Microfinanças e no IX Prêmio Banco do Nordeste da Agricultura Familiar. O evento, promovido pelo Banco do Nordeste, reconheceu empreendedores espalhados pelo estado e suas trajetórias de impacto social, expansão dos negócios e práticas sustentáveis.

COMUNICAÇÃO EM CAMPINA

A Prefeitura de Campina Grande reuniu seus assessores, na última semana, para o I Seminário de Comunicação Pública e Cidadania. Participaram presencialmente representantes das secretarias de Saúde; Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti); Juventude Esporte e Lazer (Sejel); Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos (STTP); Gabinete do Prefeito; e Procon. Os demais acompanharam na modalidade on-line.

FEIRA REÚNE AGRONEGÓCIO, INOVAÇÃO E TURISMO EM GUARABIRA

A cidade de Guarabira, no Brejo paraibano, vai receber uma feira com eventos paralelos voltados ao agronegócio, ao turismo e à inovação. É a Agrotur, que acontece de 5 a 7 de dezembro, no Eco Club Vale, dentro do projeto Juntos pelo Agro, realizado pelo Sebrae-PB e Faepa-Senar. O evento deve reunir pelo menos três mil pessoas, entre empreendedores e profissionais de diversas áreas.



Foto: Evandro Pereira

Adriana Cavalcanti

Diretora clínica do Hospital Clementino Fraga

“A pessoa que tem HIV, hoje, possui qualidade de vida muito boa”

Infectologista combate estigmas e explica importância da prevenção e do tratamento de pessoas que vivem com o vírus

João Pedro Ramalho
joaoprimalhom@gmail.com

Hoje, 1º de dezembro, é o Dia Mundial de Combate à Aids. A data dá início às ações do Dezembro Vermelho, campanha nacional voltada para a prevenção, a assistência e a proteção dos direitos das pessoas infectadas com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). O Complexo de Doenças Infectocontagiosas Clementino Fraga, localizado em João Pessoa, é a instituição referência no combate ao HIV em toda a Paraíba, com atendimento gratuito, ofertado por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). Entre os serviços disponibilizados, estão os testes rápidos, que podem ser feitos por qualquer pessoa, de segunda a sexta-feira, entre as 8h e as 16h. A instituição também distribui a medicação antirretroviral aos pacientes com o vírus. Atualmente, são realizados aproximadamente dois mil testes rápidos por mês, enquanto 7.510 pessoas são usuárias dos medicamentos, sendo que 524 delas iniciaram o tratamento neste ano.

O Clementino Fraga preparou uma programação especial em referência ao Dezembro Vermelho, com palestras para profissionais de saúde na próxima quinta-feira (5) e intensificação das testagens com os pacientes, uma vez por semana. Para entender sobre a importância da prevenção ao HIV e à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), o Jornal **A União** conversou com a médica infectologista e diretora clínica do hospital, Adriana Cavalcanti. Na entrevista, ela também abordou a necessidade de ampliar o acesso à informação para combater o preconceito.

A entrevista

■ *Qual a diferença entre falar que uma pessoa tem HIV e tem Aids?*

A diferença, basicamente, é que quem tem o HIV é portador do vírus, mas não teve nenhuma manifestação da doença em si. A pessoa descobriu precocemente, fez os exames e já começou a medicação. Já quem tem Aids possui o que a gente chama de diagnóstico tardio, ou seja, já veio por causa de algum sintoma: estava perdendo peso, aparecendo um gânglio, adoecendo demais ou com diarreia de longo prazo... Então, ela testou para HIV e deu positivo, mas já com sintomas.

■ *O que determina esse limite entre apenas contrair o vírus e o momento em que a pessoa começa a desenvolver a Aids?*

Existem alguns critérios. Um dos mais fáceis — que é numérico, então é bem objetivo — seria a quantificação da imunidade, que a gente chama de CD4. O CD4 abaixo de 350 é considerado imunossuprimido, por isso já caracteriza a Aids, mesmo que a pessoa não tenha nenhum sintoma. Também tem outros critérios, que seriam os sintomas clínicos e infecções mais graves. Isso acontece com quem tem tuberculose; com quem tem pneumonia por um tipo específico de agente, que é o [fungo] *Pneumocystis jirovecii*; ou com quem tem toxoplasmose no sistema nervoso central. Agora, é importante dizer que, quando a pessoa contrai o HIV, dependendo do ritmo de desenvolvimento, ela pode passar três, cinco ou até 10 anos sem sentir nada, só com o vírus. Essa é a fase de latência, caracterizada pela ausência de sintomas. Mas, nesse período, o vírus está se multiplicando. Depois, começa a imunossupressão e, a partir daí, os sintomas.

■ *E o que seria a imunossupressão?*

Como o vírus age dentro do organismo?

O vírus destrói uma célula que a gente chama de maestro do sistema imune, que é o sistema CD4; por isso, é feita a contagem dos linfócitos CD4. O HIV entra na célula, infiltra-se no DNA e aquela célula, para sempre, está marcada com o vírus. Aí, toda vez que ela se multiplica, vai liberando o vírus na circulação e vai morrendo também. Essa destruição das células CD4 é o que causa a imunossupressão. Na verdade, o vírus em si nem causa tantos sintomas; o que chama a atenção é a destruição das células. Por causa da imunidade fraca, começam os sintomas por outros agentes, responsáveis pelas infecções oportunistas — que se chamam assim justamente por se aproveitarem dessa oportunidade aberta pelo sistema imunológico deficiente.

■ *Quais são as formas de contração do HIV? A mais comum seria a relação sexual desprotegida?*

Sim. Também há outras formas, como a transfusão de sangue, mas isso é mais difícil hoje em dia porque o sangue, nos hemocentros, é muito bem testado. Além disso, a transmissão pode ser feita pelo compartilhamento de objetos que possam ter contato com o sangue e, também, a partir da tríade gestação, parto e amamentação.

■ *Como é feito o acompanhamento das gestantes?*

Aqui, no Clementino Fraga, a gente não acompanha a gestante. Ela é encaminhada para o Hospital Universitário Lauro Wanderley, que é referência do estado. Mas a paciente toma a medicação durante toda a gestação; no momento do parto, dependendo de como estão os exames dela, é escolhido o parto normal ou a cesariana; e, durante o trabalho de parto, ela recebe uma medicação na veia. O bebê também toma um remédio no momento em

que nasce e nos primeiros 14 ou 28 dias, a depender dos exames da mãe.

■ *E o que não transmite o HIV?*

Muita gente me pergunta isso. O que transmite o vírus é o sangue, os fluidos corporais, principalmente os fluidos genitais na hora do sexo, e o parto. Mas a saliva não transmite, beijo e abraço não transmitem... O mesmo vale para o compartilhamento de copo, talher, toalha e roupa de cama. Isso é importante porque, às vezes, a pessoa vai visitar a outra e fica com receio; e o próprio paciente pode ficar com medo de passar para alguém da família. Em um ônibus, sentar no mesmo assento que outra pessoa também não transmite.

■ *Como as pessoas podem se prevenir?*

A principal forma é o tratamento. Inclusive, isso mudou em 2013, quando o Ministério da Saúde modificou o conceito de tratamento. Antes, só eram tratadas aquelas pessoas que já estavam sintomáticas ou com imunodepressão. Isso mudou para a ideia de tratar para prevenir. Quanto mais alta está minha carga viral, mais fácil de passar o vírus para outra pessoa. Agora, se eu descubro que estou com o HIV e não estou sentindo nada, mas começo a tomar a medicação, minha carga viral fica controlada e minha chance de transmissão diminui. Usar preservativo na relação sexual e tratar outras ISTs [Infecções Sexualmente Transmissíveis] também são formas de prevenção. Em lugares onde há muitos usuários de drogas, uma opção é fornecer agulhas, o que é controverso, porque alguém pode dizer que se está estimulando o uso da droga. De todo modo, fornecer agulhas para não permitir o compartilhamento também é uma forma de prevenção do HIV, já que evita o contato com o sangue.

■ *Ainda a respeito da prevenção, pode explicar o que são PEP e PrEP?*

A PEP é a Profilaxia Pós-Exposição. Uma pessoa que se expôs com alguém que não conhece bem e, depois, ficou com receio de que ela tivesse o HIV pode tomar uma medicação para evitar que esse vírus entre em uma célula, multiplique-se e se instale. Já a PrEP é a Profilaxia Pré-Exposição. Antes mesmo que eu me exponha por meio da relação sexual, já começo a tomar a medicação. Seja porque eu não sou aderente à camisinha, por exemplo, ou porque eu sou profissional do sexo e não sei com quem vou usar o preservativo, ou então eu não sei se a quantidade dessas camisinhas vai dar para o que eu precisar. O motivo depende da vida de cada um. Agora, tanto a PEP como a PrEP são fornecidas pelo SUS. A primeira tem um período curto e delimitado, de 28 dias, enquanto a segunda dura por um período indefinido, enquanto eu quiser

fazer a prevenção.

■ *Como é possível ter acesso e quem tem direito a essas duas medicações?*

Para ter acesso à PEP, tanto profissionais da saúde que se furaram ao fazer algum procedimento, como pessoas comuns que se expuseram sexualmente podem vir aqui ao Clementino Fraga. O interessado só precisa trazer os documentos — a identidade, o cartão do SUS e o comprovante de residência. Ele consegue fazer os exames, a gente libera a PEP e agenda um retorno para depois de mais ou menos um mês. A PrEP também é liberada aqui, trazendo esses mesmos documentos, porém é agendada, não é de urgência.

■ *O teste rápido seria a forma mais fácil de chegar ao diagnóstico do HIV?*

É a forma mais rápida, mas, obviamente, depois dela a gente costuma fazer outros exames para investigar a doença, o que acaba sendo, também, uma forma de confirmar o resultado. Para o teste rápido, existe a chamada janela imunológica, que é o período em que o exame pode ser negativo mesmo se a pessoa tiver o HIV. Contudo, esse período tem sido muito curto ultimamente. A gente diz que é de um mês, por segurança, mas na verdade é menos do que isso — algo em torno de 10 dias. Mas a pessoa que teve a exposição sexual não precisa esperar esse tempo para fazer o teste rápido; ela pode vir logo após a relação, realizar o teste, começar a PEP e, depois de 30 dias, repetir a testagem.

■ *Uma vez que a pessoa testou positivo para o HIV, quais são os procedimentos adotados aqui no Clementino Fraga para lidar com esse paciente?*

Imagine que o paciente veio fazer o teste porque queria tirar a dúvida. Ele passa na psicóloga, que faz o aconselhamento; depois, realiza o exame e espera o resultado, que deve sair entre 20 e 30 minutos, e, em seguida, volta para a psicóloga. Se o teste der positivo, ele é encaminhado para o médico infectologista, para ter a primeira conversa sobre como é o tratamento, o que significa o vírus, se ele tem algum sintoma ou não, se há alguma outra infecção associada. O médico solicita outros exames, como o da carga viral, e, depois disso, a pessoa já pode começar a medicação. A gente consegue resolver isso tudo dentro de uma semana.

■ *Como é feito o tratamento?*

A medicação é conhecida como coquetel, por ser mais de um remédio. Trata-se de antivirais em comprimidos — não tem remédio injetável — que a pessoa precisa tomar diariamente. Aqui, quando a gente inicia o tratamento, o usuário já leva para casa o equivalente a um ou dois meses, dependendo do estoque, e fica buscando a reposição. Isso deve ser feito por um período indefinido, assim como no trata-

mento da hipertensão e da diabetes. O que difere, em relação a quem acompanhou o HIV em épocas passadas, é que a pessoa que tem HIV, hoje, possui uma qualidade de vida muito boa. Ela pode trabalhar, estudar, fazer atividade física, viajar e até morar em outro país, ter uma vida normal e uma expectativa de vida igual à pessoa que não tem o vírus. Claro que, para isso, a única condição é tomar a medicação diariamente. Aqueles que não têm boa adesão e esquecem algumas doses costumam adoecer mais.

■ *O Clementino Fraga realiza alguma ação educativa a respeito do HIV?*

A gente trabalha com campanhas externas, muitas vezes, nas ruas, em alguma instituição que nos chame, e também nas praças públicas, na Lagoa e onde houver uma grande concentração da população. Oferecemos esse teste às pessoas porque, quanto mais você testar e mais precocemente a pessoa descobrir, melhor é o prognóstico do tratamento.

■ *Como essas campanhas contribuem para combater o preconceito contra as pessoas com HIV?*

Quanto mais a pessoa tiver informações sobre o HIV e souber que os pacientes vivem bem, sem serem “inválidos”, menos preconceito ela tem. Isso acontece ainda mais quando os casos são próximos. Porque, às vezes, quando se ouve falar de alguma situação da saúde distante do seu círculo de vida, você tem mais estranhamento, mas, se você consegue ver que, na sua rua, na sua escola, na sua universidade, tem uma pessoa que convive com o HIV, o preconceito diminui, ainda mais sabendo que existem armas que podem nos proteger. E, em geral, eu considero que o preconceito ainda existe, mas, em comparação a outrora, diminuiu bastante, principalmente em cidades maiores.

■ *Que avaliação a senhora faz sobre a atuação do Clementino Fraga em relação ao HIV?*

Nossa diferença, em relação a outros serviços de saúde que tratam o HIV, é que tudo a gente consegue fornecer em um lugar só. Aqui, eu tenho todos os exames de sangue que o paciente precisa fazer, tanto os relacionados ao HIV quanto os exames de *check-up*. A gente também consegue fazer radiografia do tórax, ultrassom, endoscopia, além da consulta com o infectologista e com vários outros especialistas, como fisioterapeuta, odontólogo, psicólogo e nutricionista. Se o paciente precisar, por exemplo, de um atendimento de urgência, a gente também atende. E se, por acaso, a pessoa precisar ser internada, também fazemos a internação. Então, o Clementino consegue fornecer para as pessoas com HIV e Aids um tratamento integral de sua saúde, o que facilita, principalmente, para quem vem do interior.

ZOOTERAPIA

Animais melhoram vida de pacientes

Adotando cães e cavalos, abordagem terapêutica favorece tratamentos de condições físicas e mentais variadas

João Pedro Ramalho
joaoprimalhom@gmail.com

Diz o ditado popular que o homem tem, no cachorro, o seu melhor amigo — um posto que também pode ser ocupado por outros animais domésticos, como gatos, cavalos, hamsters. Engana-se, porém, quem considera o afeto como o único benefício que esses seres trazem à humanidade. Por meio da interação com diferentes espécies, e de acordo com a necessidade e os objetivos de cada pessoa, é possível tratar diversas condições de saúde física e mental, em uma abordagem multiprofissional conhecida como Terapia Assistida por Animais (TAA) ou zooterapia.

Segundo o médico veterinário Felipe Sobral, as duas modalidades mais comuns de TAA, feitas com espécies de fácil manejo, são a cinoterapia, realizada com cães, e a equoterapia, que tem os cavalos como aliados. A primeira vale-se, por exemplo, do vínculo emocional entre humanos e cachorros. Já a segunda baseia-se em uma característica anatômica específica dos equinos. “Os cavalos têm uma andadura tridimensional. Ou seja, a forma como eles andam, mesmo sendo um animal quadrúpe-

de, cria o mesmo movimento que nós, seres humanos, fazemos quando caminhamos. Por isso, você vê muito o uso de cavalos por aqueles pacientes que têm dificuldade de equilíbrio, paralisia cerebral ou atraso motor”, explica Felipe.

Apesar da predominância das terapias com cachorros e cavalos, é possível aplicar a TAA com outras espécies, a depender do planejamento traçado para isso. Um exemplo mencionado pelo médico veterinário é o do uso de jabutis para estimular a locomoção. “Existem alguns trabalhos feitos com idosos que estão sendo condicionados para a movimentação e tentando deambular [ou caminhar]. Aí, coloca-se o jabuti, que é um animal mais lento, para ir caminhando com a pessoa, já que ela não tem o mesmo ritmo que tinha quando mais jovem”, descreve o especialista.

Além da locomoção, os benefícios da zooterapia podem estender-se para outras áreas da saúde humana, como a cognitiva e a emocional. “Pessoas com autismo, com síndrome de Down e outras condições de atraso cognitivo são também público-alvo dessas terapias. É comum pacientes que têm problemas neurológicos,

como depressão e ansiedade, serem tratados com TAA, para aprenderem a esperar, entenderem o tempo do animal e saberem que tudo acontece no seu determinado momento”, aponta Felipe.

Especialidades diversas

A variedade de benefícios proporcionados pela TAA justifica seu caráter multiprofissional, podendo incluir a atuação de médicos, fisioterapeutas, educadores físicos, fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos, assistentes sociais e terapeutas ocupacionais. Há, ainda, os especialistas no trato com os animais, como médicos veterinários e adestradores, responsáveis por treinar os bichos e garantir que eles estejam saudáveis, vermifugados e com esquema vacinal completo.

Na interação entre animais e seres humanos, também é fundamental o cuidado com a adaptação, embora o tempo varie caso a caso. Isso é necessário para as duas pontas da terapia, conforme aborda Felipe. “Na equoterapia, por exemplo, tem criança que vai montar no cavalo e não consegue, porque é um animal grande. Aí ela tem medo, espera um tempo, mas vai botando a mão no cavalo e se acostumando. Ao mesmo tempo, a gen-



Foto: Roberto Guedes



Com epilepsia e esclerose tuberosa, Igor Jadson, de 11 anos, tem apresentado evolução, desde que começou as sessões de equoterapia, na Aspeq

te vê crianças que chegam de um ambiente rural, e, às vezes, até de um ambiente urbano, que montam de imediato. Da mesma forma, os

‘animais terapeutas’ só entram em trabalho de terapia propriamente dita quando se percebe que estão aptos. Não tem como colocar um ani-

mal arredio, agressivo para trabalhar com crianças. Tem que ser um animal que aceite o contato”, esclarece o médico veterinário.

Associação auxilia cerca de 150 pessoas, entre adultos e crianças

Dois espaços, em João Pessoa, oferecem TAA com o uso de cavalos: o Centro de Equoterapia da Polícia Militar da Paraíba (PMPB) e a Associação Paraibana de Equoterapia (Aspeq). Na Aspeq, a maior parte dos praticantes (como são chamadas as pessoas atendidas) ingressa de forma gratuita, por meio de uma parceria entre a instituição e a prefeitura da capital. Para ter acesso à terapia, contudo, é preciso passar por uma triagem, em que os profissionais avaliam critérios como a mobilidade do candidato e a adequação de seu comportamento às atividades praticadas.

Semanalmente, cerca de 150 pessoas são atendidas no local. De acordo com a fisioterapeuta Emille Rodrigues, o público da Aspeq tem um perfil diverso, desde crianças com paralisia cerebral, autismo, síndrome de Down ou transtorno opositivo desafiador (TOD), até adultos que sofreram traumatismo cranioencefálico ou acidente vascular cerebral (AVC). Para cada caso, um plano é traçado, com impactos na mobilidade dos praticantes. “Se for uma criança que tem hipotonia, ou seja, possui o tônus mais reduzido e é mais ‘molinha’, a gen-

te trabalha para que ela possa se manter em cima do cavalo e ganhar fortalecimento”, exemplifica Emille, o que reforça que a TAA é uma terapia complementar a outras abordagens de saúde.

A prática da equoterapia pode trazer, ainda, benefícios à saúde mental, como expõe a psicóloga Thaynah Xavier. “A gente desenvolve as habilidades sociais das crianças, porque elas interagem com o cavalo, com os profissionais e com os colegas de atendimento. Elas também verbalizam melhor os sentimentos. Tem meninos que chegam e não sabem expressar qual emoção estão sentindo, mas, após o vínculo formado, conseguem dizer: ‘Tia, hoje eu estava triste na escola, mas, sabendo que vinha para a equoterapia, estou me sentindo melhor’. A gente percebe também uma adaptação na parte comportamental: para uma criança que é muito agitada e muito agressiva, o cavalo dá a sensação de bem-estar”, conta Thaynah.

Quem vivencia as mudanças proporcionadas pela interação com os cavalos é Igor Jadson, de 11 anos, que tem epilepsia e esclerose tuberosa, síndrome que causa deficiência intelectual. De

acordo com sua mãe, Fabiana Alves, a evolução é notada, principalmente, na cognição e no comportamento, mesmo com a terapia tendo iniciado há pouco mais de um mês. “Meu filho está mais corajoso e tendo mais iniciativa. Ele era muito tímido, mas, aqui, ele conversa com as terapeutas e brinca. E o momento de alimentar os cavalos [para agradecer a eles] é incrível, porque ele ama, ri e entende o que acontece”, comemora Fabiana.



Foto: Roberto Guedes

Desenvolvemos as habilidades sociais das crianças. Elas também verbalizam melhor os sentimentos

Thaynah Xavier

Cachorros contribuem para alegria e bem-estar no Hospital Metropolitano

Uma vez por mês, os pacientes do Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires (HMDJMP), na cidade de Santa Rita, recebem uma visita cheia de pelos e alegria: um cachorro, acompanhado de seu tutor, além de estudantes e professores de Medicina Veterinária. Trata-se do projeto de cinoterapia “Inovação nos modos de cuidar”, coordenado pelo setor de Psicologia da instituição, com o apoio da Comissão de Humanização do hospital e da Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde), em parceria com a Faculdade Reboças de Campina Grande (FRCG).

Segundo a psicóloga e coordenadora do projeto no hospital, Vaneide Delmiro, três cães se revezam nas visitas ao local. A chegada do “convidado especial” do mês é anunciada por meio de marcas de patinhas de cachorro, fixadas no chão da

recepção principal e no corredor da enfermaria pediátrica. “Cada visita tem duração de até três horas e se efetiva por meio da recepção e do acolhimento do animal na recepção, onde já se percebe a surpresa, o envolvimento e a alegria dos presentes. Em seguida, fazemos um percurso que envolve corredores e recepção do ambulatório, enfermarias pediátricas — onde a visita é especialmente aguardada — e setores administrativos e de apoio. Ao longo do circuito, há várias pausas para interações, brincadeiras e fotos”, relata.

Já os impactos da terapia abrangem diversos âmbitos da saúde e das relações no contexto hospitalar, conforme expõe a coordenadora do setor de Psicologia da instituição. “A visita do animal traz benefícios físicos, estimulando o movimento e a mobilidade; psicológicos, com a redução de estresse e de ansie-

dade; emocionais, por meio da expressão e do reconhecimento das emoções; sociais, por desenvolver a comunicação e a interação social; e cognitivos, com o estímulo à atenção, à memória e à percepção. Também oportuniza um ambiente acolhedor a pacientes, familiares e profissionais, e cria um espaço para uma troca lúdica e afetiva entre os envolvidos”, finaliza Vaneide.

■ Visitas dos animais também têm impacto positivo sobre a mobilidade, cognição e comunicação



Foto: Joyce Kelly Costa/HMDJMP

Coordenado pelo setor de Psicologia da instituição, projeto tem apoio da PB Saúde e da FRCG

YOGA

Prática beneficia o corpo e a mente

Atividade ajuda a reduzir estresse e ansiedade, melhora o equilíbrio, a concentração e o condicionamento físico

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Uma combinação de técnicas de respiração, meditação e práticas corporais, a *yoga* pode trazer benefícios para a saúde física e mental que vão desde a redução do estresse, promoção de relaxamento, aumento da força, flexibilidade e equilíbrio. Na sociedade atual, onde vemos problemas como ansiedade e depressão afetando cada vez mais pessoas, a prática pode ser uma aliada para quem deseja desacelerar um pouco e melhorar a qualidade de vida. A *yoga* ainda pode ajudar a reduzir problemas como dores crônicas, dificuldades de concentração e insônia, e quem pratica há anos diz que o hábito ainda leva ao autoconhecimento e às mudanças no estilo de vida de uma forma geral.

A professora de *yoga* Luciana Castro conta que começou na prática após ser demitida de um antigo trabalho, no qual preparava lanches em um quiosque. Na época, uma professora a convidou e, com a primeira aula, ela já teve uma grande identificação. “Era como se eu fizesse há muitos anos. Então, daí eu dei continuidade, praticava todos os dias. E quando surgiu uma vaga, eu fiz a formação para dar aulas”, contou. No início, ela lembra que já percebeu os benefícios. “Eu era muito estressada e não sabia respirar. Então, a primeira coisa que eu aprendi foi a respirar. Com as técnicas de *pranayama*, que estão dentro da *yoga*, junto com as *asanas*, que são os movimentos do corpo, eu já fui me



Foto: Roberto Guedes

Pessoas que optam pela *yoga* garantem que a prática regular dos *asanas* e *pranayamas* conduzem a um novo modo de vida

acalmado, tendo uma qualidade de vida melhor”, afirmou.

Luciana já dá aulas há 14 anos e conta com seu próprio espaço, a Casa Shanti, onde trabalha junto com outros profissionais que atuam com diferentes vertentes, como a *hatha yoga*, que é mais meditativo; o *acroyoga*, que une *yoga* e acrobacias, sendo praticado em duplas; a *yoga* que é feito na bola suíça, para as pessoas que não podem ter muito impacto durante os exercícios, como gestantes; a *SUP yoga*, que é realizado na praia, em cima de uma prancha; e a *power yoga*. “Eu tra-

balho com essa vertente, que é uma prática mais intensa. Ela é mais dinâmica, é uma meditação em movimento, para as pessoas que não conseguem ficar muito tempo paradas. Então, ela te tira do foco de lá de fora, e te ajuda a se conectar com seu movimento, com a sua respiração, e meditar dentro desse movimento, trazendo o foco para o momento presente”, explicou.

A professora ainda destaca que a prática é para todas as idades e todos os perfis de pessoas. Ela explica também a relação entre a meditação e a *yoga*. A primeira seria a busca pelo au-

toconhecimento, enquanto a segunda une técnicas de respiração, trabalho físico e a própria meditação. “Dentro da prática, a meditação é muito importante, para você tranquilizar a mente e se conhecer melhor. Porque quando você se conhece melhor, você encara o que está a sua volta com mais leveza, diante de tanto caos e tanto estresse”, afirmou.

O também professor de *yoga*, Kal Veras, optou pela atividade como uma forma de lidar com o estresse e a ansiedade, fatores comuns na sua rotina como produtor cultural. Atual-

mente, ele mudou seus hábitos, trabalha com aulas presenciais e on-line, e conta que a atividade deve ser encarada como um estilo de vida. “A prática de meditação e de *yoga* estão presentes em um momento do seu dia, mas você tem que tentar estender isso para as horas seguintes, bem como para o longo da semana. Sempre insisto com meus alunos para reservar um tempo, seja cinco, dez minutos, o tempo que tiver... para olhar para sua mente, para como você tem se relacionado consigo e com o outro”, comentou.

Kal também destaca que é

preciso entender que a vida não se resume apenas ao trabalho, relacionamento ou algum problema que esteja lhe afetando, e que a prática da meditação e *yoga* ajudam nisso, a ver as coisas de forma mais ampla. “O grande aspecto da meditação é você não reagir aos pensamentos, você olha para eles e deixa eles passarem. Eles são uma ferramenta, como um celular, que você usa se quiser, ao invés de se deixar ser arrastado por eles”, explicou. Ele ainda destaca que o trabalho corporal é essencial para que o corpo consiga ficar em repouso durante os exercícios de respiração e meditação usados na *yoga*.

Já a professora de *yoga*, Vânia Moura, que atua no Centro de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde - Equilíbrio do Ser, ligado à Secretaria de Saúde de João Pessoa, destaca como a prática vem sendo usada no Sistema Único de Saúde (SUS).

“Ela é uma tecnologia de saúde, que procura trazer esse cuidado integral do ser humano. Então, a pessoa chega com uma demanda de alguma dor, ou de saúde mental, e na *yoga* temos esse olhar holístico, que vai para além do que é sintoma naquele momento”, afirmou. Ela frisa que o objetivo é ajudar a tirar a pessoa desse estágio crítico, para que ela alcance um estágio de maior consciência de si, até mesmo para que a pessoa consiga perceber as mudanças em seu organismo, que podem apontar para o surgimento ou agravamento de problemas de saúde.

Aumento da autoestima e energia é percebido pelos alunos

Os benefícios da prática constante vão desde a melhoria do sono, alívio de problemas de coluna, aumento da concentração, redução do estresse e ansiedade, além do fortalecimento do corpo, como destacou Luciana Castro. “A gente fica com mais energia também. Então, quando a gente se olha no espelho, vê que está bem, porque está com uma boa postura. Começa a levantar o astral, o ânimo, a pele melhora, a gente fica superbem”, afirmou a professora.

Já Kal Veras aponta que a *yoga* ajuda a desacelerar os pensamentos, além de auxiliar na percepção e no conhecimento amplo sobre si mesmo e o universo. De acordo com ele, a atividade traz a ideia de união e aborda diversos seres e elementos que compõem o planeta. “Porque a gente não deixa de ser ferro, magnésio, água... então, somos parte desse planeta. Isso vai criando outra forma de pensar coletivamente”, destacou.

A professora Vânia Moura conta que começou a praticar *yoga* como uma alternativa

para lidar com o luto causado pela morte de sua mãe, e que a prática lhe ajudou a trabalhar sua espiritualidade. “Na época eu era atea, e hoje o que reverbera muito no meu ser é esse entendimento do que é religião e do que é espiritualidade. Porque, naquela época, eu negava os dogmas religiosos, mas depois eu compreendi que isso é diferente da espiritualidade, que é inerente ao ser humano, e é ela que vai buscar essa inteireza do ser humano consigo mesmo”, destacou.

Mudança de vida

A professora de dança, Laudicelia de Almeida, diz que começou a aderir à atividade há cerca de um ano e escolheu a prática como uma alternativa para sua rotina agitada. “Eu estava muito preocupada com tudo, e queria mudar um pouco meu estilo de vida. Então, comecei a fazer *yoga* e não parei mais. Os benefícios foram imediatos, comecei a ter mais foco em tudo, fiquei mais concentrada, mais tranquila”, afirmou. Ela conta ainda que a prática ajuda no seu dia a dia de



Foto: Roberto Guedes

Ela é uma tecnologia de saúde, que procura trazer esse cuidado integral do ser humano

Vânia Moura

um modo geral. “Isso aqui é um estilo de vida, você leva para tudo, tudo que você faz a *yoga* está presente”, destacou.

Já a aposentada Sandra Arnaud, de 59 anos, conta que co-

meçou a prática há cinco anos, também como uma possibilidade de melhorar seu estilo de vida. “Vivia em meio a muita agitação, insônia, ansiedade. Vinha procurando, em outros caminhos, esse repouso e cuidado com o eu interior, e não achava. Então, comecei a *yoga*, e hoje durmo muito bem!”, afirmou. Quanto à ansiedade, ela destaca que, embora esse problema ainda esteja presente na sua vida, aprendeu a controlar essas situações. “Com a respiração, com o modo de você se pôr durante os estados da vida”, destacou.

Sandra ressalta ainda que a atividade proporciona o autoconhecimento, o que contribui para melhorar a sua vivência de uma forma geral. “Tudo que a gente faz aqui na *yoga* reflete em todo o nosso comportamento lá fora. Você fica uma pessoa mais pensativa, mais comedida, você se concentra melhor. Em todas as suas posturas em relação à vida, daqui é que a gente tira o ensinamento”. Além disso, a prática lhe trouxe benefícios físicos: “Tudo aqui você tem que fazer com todos



Foto: Roberto Guedes

Depois da *yoga*, Sandra Arnaud não teve mais insônia

os músculos contraídos, então, realmente não é fácil. Tem gente que pensa que a *yoga* é só relaxamento, mas não é; a gente

trabalha o corpo, a alma, a concentração. A gente trabalha do dedo do pé a ponta do fio de cabelo. É muito intenso”.

História

■ A *yoga* surgiu na Índia, há mais de cinco mil anos, com o objetivo de promover um equilíbrio emocional, mental e espiritual. Ela surge inicialmente com a meditação. Com o passar do tempo, com o conhecimento sendo transmitido oralmente de geração em geração, vem sendo incorporada também à prática física. Esse processo contou com a contribuição de vários mestres e praticantes, o que também deu origem a vertentes diferentes da atividade. A palavra *yoga* tem origem no sânscrito e está ligada a vários significados, como “unir”, “concentração”, “conjunção” e “ação”.

Saiba Mais

■ Em João Pessoa, o Centro de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde – Equilíbrio do Ser oferece *yoga* e outras práticas de forma gratuita. A população pode acessar os serviços se dirigindo à sede do espaço espontaneamente, ou por meio de encaminhamento médico. O centro fica localizado na rua João Batista Maia, s/n, Bancários, e também é possível tirar dúvidas e obter mais informações pelos telefones: (83) 3213-7634, ou (83) 98202-1572 e (83) 3214-3502, por meio do WhatsApp.

POLICIAMENTO TURÍSTICO

Por uma alta temporada mais segura

Batalhão especializado da PMPB reforça estrutura e efetivo para melhor atender a moradores e visitantes na capital

Samantha Pimentel
 samanthauniao@gmail.com

A chegada do verão representa o início da alta temporada de movimentação turística nas regiões litorâneas do Brasil, o que promete atrair, entre este e o próximo ano, muitos visitantes à Paraíba — especialmente, à capital do estado. João Pessoa tem despontado, de fato, como um dos destinos mais procurados para 2025, não apenas no país, mas em todo o mundo, como aponta o recente levantamento promovido pela plataforma de viagens Booking.com.

E, para garantir mais segurança para quem visita a cidade, bem como para os seus habitantes, o Batalhão Especializado em Policiamento Turístico (BEPTur), da Polícia Militar da Paraíba (PMPB), vem reforçando sua estrutura de atuação e seu efetivo, investindo, inclusive, em ações de formação para os seus profissionais. Como indica o nome, a unidade é responsável por patrulhar áreas de forte fluxo de visitantes, como a orla pessoense e outros pontos turísticos locais.

Segundo o comandante do BEPTur, major Bruno, o crescimento do turismo, tanto no município quanto em sua região metropolitana, levam à necessidade de se intensificar a presença e as ações das Forças de Segurança nesses lugares — o que exige, por exemplo, aparatos operacionais específicos. “A Polícia Militar da Paraíba, por meio da Secretaria de Segurança, fez a aquisição de novos quadriciclos. Assim, aumentamos, em muito, a nossa capacidade de policiamento com esses equipamentos, na faixa de orla da nossa capital, e de Cabedelo também”, destaca.

Além dos quadriciclos, foram adquiridos *jet-skis*, com o objetivo de aprimorar o policiamento em zonas aquáticas que costumam atrair muitos banhistas no verão, como Areia Vermelha, Picãozinho e as piscinas naturais de Ponta do Seixas, além das praias de Lucena e do Jacaré, entre outras. “Temos também a intensificação do patrulhamento, por meio de viaturas e de bicicletas, feito pelo



Foto: Divulgação/BEPTur



Foto: José Marques/Secom-PB

Batalhão de Policiamento Turístico”, salienta o major Bruno, acrescentando que as regiões turísticas da capital também contarão com a assistência da cavalaria e de policiais motorizados, conferindo maior mobilidade à atuação do BEPTur.

Viaturas, cavalaria e policiais motorizados intensificarão patrulhamento em regiões turísticas

Curso inédito aborda áreas essenciais a demandas do turismo

Por meio de uma maior presença de equipes na faixa litorânea de João Pessoa, o comandante do BEPTur afirma que a Polícia Militar da Paraíba espera estreitar sua relação com os visitantes e a população pessoense, enquanto famílias e cidadãos de todas as idades aproveitam o clima e as belezas locais, em seus momentos de descanso e lazer, durante os próximos meses. “Estamos fazendo um grande planejamento, para que o turista e, claro, os cidadãos que moram aqui tenham uma orla tranquila, que possam frequentar os nossos pontos turísticos”, ressalta o major Bruno.

Outro esforço de destaque para melhorar o atendimento à população é a realização do 1º Curso de Policiamento Turístico, que teve início no dia 18 de novembro. A iniciativa, promovida pelo BEPTur, em parceria com a Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), vem reunindo policiais militares e integrantes de outras Forças de Segurança, de outras regiões e municipais, com o intuito de fornecer uma capacitação especializada aos participan-

tes e, dessa forma, contribuir com atuações mais eficientes nas demandas próprias do segmento turístico.

Conforme o major Bruno, o evento (que totalizará cerca de 200 horas/aula) atrai, até mesmo, profissionais de fora da Paraíba. “A formação conta com policiais da unidade [do BEPTur], de outras unidades da Polícia Militar e com guardas municipais de outros estados, como, por exemplo, do Amazonas. O comandante de Policiamento da Polícia Militar do Amazonas também está participando do nosso curso, como aluno”, relata o comandante do BEPTur, complementando: “Esse é mais um projeto para melhor atender a nossa população e, consequentemente, fazer uma cidade e um estado cada vez mais seguros, inclusive, para os turistas que aqui frequentam e vêm desfrutar das nossas belezas naturais”.

Temas diversos

As aulas do curso têm abordado temas como: história e geografia da Paraíba; Direitos Humanos voltados às minorias; Direito do Consumidor; Direitos da Crian-

ça e do Adolescente; fundamentos do turismo e da hospitalidade; ecoturismo; doutrina do policiamento turístico; mapeamento operacional de equipamentos



Foto: Arquivo pessoal

Esse é mais um projeto para fazer uma cidade e um estado cada vez mais seguros, inclusive para os turistas

Major Bruno

turísticos; atendimento pré-hospitalar tático; e combate a fraudes em documentos



Foto: Divulgação/Secom-PB

Iniciada no último dia 18, formação reúne diversos profissionais das Forças de Segurança

e outros crimes. Como observa o major Bruno, a variedade das áreas de conhecimento apresentadas visa preparar as equipes de segurança para as diversas situações com as quais elas podem se defrontar, durante seu trabalho nos pontos turísticos de João Pessoa.

“O curso tem, por exem-

plo, uma disciplina de hospitalidade, que é o bom trato com o turista. O policial também pode se deparar com situações de conflitos entre o hóspede de um hotel ou em restaurantes, então, o Direito do Consumidor é importante para que ele possa gerenciar esses conflitos e orientar melhor, tanto o comerciante

ou o hoteleiro, quanto o turista”, explica a autoridade.

A capacitação tem conclusão prevista para o próximo dia 13. Após a data, deve ser lançado o Projeto Verão, que apresentará a organização e a estrutura de atuação das Forças de Segurança para o período da alta temporada.

Para presidente da PBTur, capacitação deve ser contínua

Ferdinando Lucena, presidente da Empresa Paraibana de Turismo, enfatiza que o trabalho das Forças de Segurança é essencial diante do atual fortalecimento do turismo no estado. “Nesse cenário transformador do turismo da Paraíba, há a necessidade de integrar a segurança pública ao desenvolvimento do setor [turístico]. O Destino Paraíba vive um momento ímpar, com um

crescimento acelerado e com indicadores extraordinários. O policiamento deve evoluir para acompanhar essa expansão, garantindo a segurança e a tranquilidade dos turistas e dos nossos moradores”, avalia Ferdinando, que ministrou, inclusive, a aula inaugural do Curso de Policiamento Turístico.

Ainda de acordo com o presidente da PBTur, a capacitação promovida

pela BEPTur configura-se como um esforço importante para revigorar e aperfeiçoar o apoio da Polícia Militar durante a realização de eventos de grande porte e nas regiões turísticas do litoral. Além disso, ele reforça que a iniciativa deve ocorrer de forma contínua, preparando os policiais paraibanos para as novas demandas do turismo em todo o estado. “A nossa segurança no turis-

mo estará sempre alinhada ao conceito de acolhimento. O policiamento deve ser eficaz, mas, ao mesmo tempo, orientado pelo respeito

e pela hospitalidade”, pontua Ferdinando, frisando que “a nossa polícia turística tem cumprido com excelência essa missão”.

Saiba Mais

■ O Batalhão Especializado em Policiamento Turístico, da Polícia Militar da Paraíba, foi criado por meio do Decreto nº 41.334, de 10 de junho de 2021, com o intuito de preservar a ordem pública e trazer uma maior sensação de segurança à população paraibana e aos visitantes em áreas turísticas do estado, oferecendo um trabalho especializado para atender às demandas específicas do setor.

■ Ferdinando Lucena defende uma atuação policial baseada no respeito e na hospitalidade

COSTA DAS FALÉSIAS

Conde abre os braços para o verão

Além da orla paradisíaca, cidade oferece uma imersão cultural e gastronômica para quem busca viagens inesquecíveis

Teresa Duarte
teresaduarte2@gmail.com

Com mais um verão chegando, intensifica-se a procura dos turistas pelas praias da chamada Costa das Falésias, no Litoral Sul da Paraíba. Na região, o município de Conde destaca-se como um forte atrativo para quem gosta de locais paradisíacos, com águas cristalinas, gastronomia de qualidade e riquezas culturais, históricas e naturais.

A apenas 20 km de distância de João Pessoa, a cidade de Conde revela belas e inúmeras paisagens para os visitantes que chegam por meio da rodovia PB-008; entre elas, estão as praias de Barra de Gramame, Jacumã, Carapibus e Tambaba — a primeira praia oficial de nudismo no Nordeste e a segunda no Brasil, desde 1989.

Além de ostentar falésias, corais, rios e lagoas, a cos-

ta condense também chama atenção pela proximidade com a Zona Rural do município, estreitando os laços entre a natureza e a cultura de um lugar que é fascinante — inclusive, pelas vivências de povos indígenas e quilombolas que habitam a região.

Pioneira

Situado a 20 km da capital, município reúne algumas das praias mais conhecidas do estado, como Tambaba, considerada a primeira do Nordeste voltada ao naturismo



Entre os principais atrativos turísticos locais, estão a Praia de Carapibus, um shopping rural e um museu dedicado aos quilombos

Falésias, águas cristalinas e rica vegetação embelezam o litoral

Para quem gosta de calmaria, Barra de Gramame é a praia ideal em Conde; além do mar, há um pequeno rio, ótimo para relaxar, e várias mesas colocadas sobre uma extensa faixa de areia. Já os adeptos de esportes aquáti-

cos, como o kitesurf, apreciam os ventos perfeitos para esse tipo de prática. Outro destaque é o Santuário Ecológico Barra de Gramame, às margens do encontro entre o mar e o Rio Gramame. O lugar possui não apenas uma

fonte de água mineral, mas também a límpida e cristalina Lagoa Encantada, onde os turistas podem tomar um banho delicioso. Além do contato direto com a natureza, pode-se desfrutar da culinária servida pelos bares Mexica-

no, Felicidade, Tainha e Zezinho, entre outros.

Muito frequentada durante a alta temporada, a Praia de Jacumã, com suas areias claras, oferece um clima agradável, que atrai visitantes de todo o país e do exterior. Durante os meses do verão, o local torna-se um dos pontos mais populares de Conde, já que conta com uma grande infraestrutura para garantir lazer e relaxamento a toda a família. Mas o mar também podem ficar levemente agitado, tornando-se uma alternativa de lazer para praticantes de jet-ski e de outras atividades.

Na Praia de Carapibus, são disponibilizadas trilhas e passeios de buggy, mas muitos visitantes preferem apreciar o contato com a natureza por meio de uma caminhada à beira-mar. Situada entre a mata preservada de Conde e o mar, a praia dispõe de uma escadaria para facilitar o acesso às suas águas. E, durante os períodos de maré baixa, surge

um de seus maiores diferenciais: as piscinas naturais, frequentemente utilizadas para mergulho — uma das opções de lazer mais buscadas pelos turistas.

Além de ser uma das principais praias de naturismo do país, Tambaba, por sua vez, é considerada uma das mais limpas e bonitas do litoral paraibano. Entre seus atrativos, está um coqueiro nascido em uma pedra dentro do mar — uma vista fascinante, que faz sucesso entre quem gosta de fotografar cenários naturais. As falésias e o mar com cor de esmeralda, de águas quentinhas, completam a beleza da área, que abriga, ainda, uma rica vegetação. A praia faz parte, inclusive, de uma extensa Área de Proteção Ambiental (APA), dividida em zonas, com permissões e proibições estabelecidas para cada uma delas. O lugar reservado para os adeptos do nudismo fica, especificamente, na zona de conservação local — desti-

nada à preservação da flora e da fauna, além do uso moderado e sustentável dos recursos naturais. Lá, são permitidas caminhadas e passeios ciclísticos, entre outras atividades de turismo de aventura, mas é proibida a prática de esportes motorizados.

Mirantes

Para contemplar as maravilhas da costa de Conde sob vários ângulos, a faixa litorânea oferece diversos mirantes. Entre eles, há o Mirante Castelo da Princesa, que proporciona uma vista deslumbrante do Pico Castelo da Princesa, formação única nas falésias e uma das maiores atrações da cidade. No Assentamento Tambaba, onde se situa a estrutura, os visitantes ainda podem conferir a Cachaçaria Fogo no Rabo, conhecida por seus licores e cachaças artesanais, e o Restaurante Porto do Barão, que serve pratos regionais tanto em self-service como à la carte.



Em um dos mirantes da região, é possível contemplar o deslumbrante Pico Castelo da Princesa

Indígenas e quilombolas compartilham saberes e delícias

Passear pela Costa das Falésias também é uma oportunidade de descobrir as tradições e memórias ancestrais de diferentes povos originários, especialmente por meio do roteiro turístico Raízes da Cultura, que ainda passa por Pitimbu e Caaporã. Em Conde, a Aldeia Vitória promove atividades variadas de turismo cultural junto aos indígenas tabajara, incluindo artesanato, cantos, danças e pinturas corporais. Já o Território Macuxi propicia, além de banhos de argila, trilhas ecológicas e passeios de caiaque, o contato com as histórias e os conhecimentos do anfitrião, Julíndio Macuxi.

Por sua vez, a Comunidade do Ipiranga apresenta a riqueza da cultura quilombola local. Os turistas são guiados pela Mestre Ana, que, além de dominar o coco de roda, é uma artesã talentosa, criando

peças únicas com matérias-primas provenientes do próprio quilombo. A imersão se completa com visitas ao Museu do Quilombola, importante espaço de reverência aos costumes e saberes populares da região, e à padaria do grupo Mulheres Negras do Campo, no Quilombo de Gurugi — onde é possível saborear receitas autênticas de pães, bolos e salgados, feitas com ingredientes como inhame, batata e macaxeira, enquanto se apreciam os relatos de luta e resistência da comunidade.

Shopping e restaurantes

Entre outros destaques das atrações gastronômicas de Conde, o Doces Tambaba Shopping Rural já se tornou uma parada obrigatória na rota das agências de viagens. Composto por diversas lojas feitas em casas de

taipa, o local, considerado o primeiro shopping rural do mundo, expõe uma grande variedade de produtos regionais, como café, tapiocas, cachaças, peças de vestuário e bijuterias, além dos famosos doces Tambaba — criados pela empreendedora Nevinha Silva, cuja iniciativa inspirou toda uma comunidade a mudar de vida por meio do turismo.

Próximo ao shopping, no Sítio Tambaba, os turistas encontrarão o restaurante Casa de Taipa Tambaba. Lá, em meio a uma decoração encantadora e um ambiente acolhedor (incluindo um redário), o público pode degustar delícias da terra e do mar em pratos tradicionais, como peixe, camarão, galinha de capoeira e o famoso rubacão. É um excelente lugar para relaxar com a família e registrar imagens da



Passeio pela Zona Rural é uma oportunidade de degustar iguarias da culinária condense e de apreciar vivências dos povos originários



costa de Conde.

Já para quem quiser se aprofundar na culinária quilombola, o melhor destino é o Sabor do Quilombo. No cardápio, preparado com muito

carinho pela chef Valdelucia Nascimento, destacam-se o rubacão, a galinha de capoeira e uma irresistível feijoada. E, após o prato principal, os visitantes ainda podem pro-

var deliciosas geleias e outras iguarias artesanais preparadas pela chef, com sabores que traduzem uma trajetória de paixão e dedicação à rica gastronomia quilombola.

MÚSICA

Cultura de presente

Com homenagens a Vó Mera e a Pedro Osmar, começa hoje o Natal na Usina; o evento vai até o dia 28, com diversas atrações na Usina Energisa

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Em dezembro, a cultura popular na capital paraibana pulsa no compasso dos sinos natalinos, com vozes, ritmos e canções que atravessam gerações. Entre tantos grupos e nomes que sustentam a pisada e perpetuam as heranças culturais do nosso povo, a cirandeira Vó Mera e o idealizador do lendário Jaguaribe Carne, o compositor Pedro Osmar, figuram como estandartes da produção artística local. Justo em celebração a esses dois nomes, começa hoje, a partir das 16h, na Usina Cultural Energisa, a 11ª edição do Natal na Usina, com programação gratuita e diversificada para todas as idades, estendendo-se até o dia 28 deste mês.

A abertura contará com a apresentação da mostra de corais no Palco Bonde, às 16h, seguida pelo acendimento das luzes na área externa do equipamento, às 17h – momento solene em que toda a iluminação decorativa do local será acesa. Às 18h, na Tenda da Música, acontece o show de homenagem aos 90 anos de Vó Mera, ícone do coco de roda no estado,

reunindo outros importantes nomes da música local, como Escurinho, Totonho e Gláucia Lima.

“Para mim, está sendo muito gratificante. Hoje vai ser muito importante em minha vida e eu estou muito feliz”, declara Vó Mera. A noite continua com a apresentação artística do Cortejo Baque Mulher, às 20h, na área externa, encerrando-se com a performance da DJ Acarajow, às 21h, no Palco Bonde.

Ao longo de todo o mês, passarão pelos palcos do Natal na Usina atrações como Macumbia (dia 6), Juzé e Elon (dia 7), a volta do consagrado sarau de Suzy Lopes (dia 12), além de Polyana Resende (dia 13), Totonho (dia 14), Cátia de França e Nathalia Bellar (dia 21) e Escurinho e Quinteto da Paraíba no dia 27, entre outras.

Paulo Ró, irmão de Pedro Osmar, declara que o evento na Usina é atualmente “o evento” da música paraibana. “Reforça a arte feita na Paraíba. Que continue por mais 30 anos”. Acerca da homenagem a Pedro, Paulo Ró é categórico: “Pedro é uma pessoa que fez muito pela cultura paraibana. Ele sempre foi de pensar no coletivo, e acho que

esse pensamento deve ser sempre homenageado”, declara.

Dando as mãos

Ela diz que toca o reco-reco e o ganzá, “mas o zabumba não dá”. Nascida em 24 de dezembro de 1934, em Alagoinha, Damerina Nicolau da Silva – Vó Mera para os netinhos – é uma das mais importantes representantes do coco de roda.

A artista iniciou sua trajetória ainda criança, na lavoura, escrevendo cirandas e participando dos festejos juninos de sua cidade natal, mas partiu mesmo para a carreira profissional como cantadora de coco aos 60 anos de idade. Radicada no bairro do Rangel, em João Pessoa, costuma levar a cultura popular paraibana a igrejas e eventos culturais, como o Natal na Usina.

“Vou cantar para todo mundo, minhas netinhas vão tocar, vai ser uma apresentação muito linda, uma surpresa gostosa”, diz ela. Quando lembrada a respeito de estar prestes a completar 90 anos, ativa e cantando, Vó Mera não titubeia:

“Sabe o que é, meu amor, isso aí se chama dom, que Deus nos dá,

porque tudo é dom. Estou ainda copiando músicas, fazendo meus textos e isso é muito gratificante. Já recebi muita homenagem, mas essa vai ser a primeira de todas”.

Em 2008, lançou seu primeiro disco – *Vó Mera e Seus Netinhos* – reunindo 28 faixas, mesclando cocos de roda e cirandas, além de um bônus com cantigas de mergulho na música nordestina.

Reconhecida por sua contribuição à cultura regional, Vó Mera já se apresentou em vários estados e recebeu, em 2018, a maior honraria pública da cultura, a Ordem do Mérito Cultural (OMC), concedida pelo Ministério da Cultura. Em 2012, um anfiteatro no bairro do Rangel foi batizado com seu nome e, em 2016, ela participou da novela *Velho Chico*, interpretando a parteira Dona Noca.

Cavalo marinho e DJ

Mestra Tina, nascida em 1978, em João Pessoa, é referência no Cavalo Marinho, manifestação cultural que mistura música, dança e teatro. Jocilene Cunha da Silva herdou a tradição de sua avó e de figuras como Mestre João do Boi, de quem assumiu o le-

gado em 2012.

Atualmente, conduz os Ensaios do Cavalo Marinho Infantil Sementes do Mestre João do Boi, realizados no Bairro dos Novais, em João Pessoa, incentivando a nova geração a se conectar com a cultura popular. Premiada pelo Prêmio Lei Aldir Blanc em 2020 e 2021, a mestra é uma defensora da preservação e da continuidade das manifestações culturais regionais.

Já a DJ e produtora cultural Acarajow, nome artístico de Jô Pontes, utiliza a música negra como ferramenta de resistência e transformação social. Nascida em João Pessoa e formada em jornalismo, iniciou sua pesquisa em música negra enquanto integrava o grupo Coco das Manas.

“Para mim, é uma honra estar no mesmo dia em que acontece a homenagem para Vó Mera e Pedro Osmar, duas referências da cultura e para minha história também de vida”, afirma Jô. Em suas apresentações, Acarajow explora uma diversidade de ritmos oriundos de guetos e periferias, como afrobeat, samba e reggae, pois, para ela, a discotecagem é muito mais do que entretenimen-

to. Suas performances, realizadas em casas de shows e quilombos paraibanos, dialogam com diferentes gerações e promovem a valorização da música preta.

Além de DJ, Acarajow atua em movimentos sociais e culturais, vinculando seu trabalho à militância feminista e ao fortalecimento da identidade negra. “Vou estar trazendo um set que enaltece a cultura negra, já que me volto para música preta como transformação social, como mudança de realidade, e também para a gente se divertir e dançar, porque a gente quer ver a nossa população feliz, sobretudo”, destaca.

A programação inclui ainda a exposição de presépios natalinos e Feirinha Criativa e Gastronômica, aberta de quinta-feira a domingo, das 16h às 22h. O evento é produzido pela Atua Comunicação Criativa, com apoio do Instituto Energisa, patrocínio da Energisa e realização do Ministério da Cultura e do Governo Federal, reforçando a importância da cultura popular, com diversas atrações artísticas, bem como ações sociais, em parceria com a Central Única das Favelas (Cufa-PB).



Foto: Edson Mateos/Diágrago



Foto: Murilo Alves/Diágrago



Foto: Roberto Queiroz



Foto: Diágrago

Vó Mera (no centro) recebe homenagem hoje; Totonho (à esquerda, acima) canta no dia 14; Cátia de França, no dia 21; e Escurinho, no dia 27

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Robert T. Carroll e a síndrome do crente

Robert T. Carroll foi um famoso cético estadunidense, falecido em 2016, que procurava desmascarar pseudociências, charlatanismos e aquilo que muitos chamam de Nova Era — movimento que nasceu na década de 1970, reavivando práticas místicas e religiosas e gerando várias terapias alternativas.

Robert T. Carroll é também autor do *Dicionário do Cético*, que tem uma edição disponível em português na internet. Um dos temas que ele discute no dicionário é a síndrome do crente, um conceito criado por M. Lamar Keene. De modo simplificado, a síndrome do crente acontece quando um indivíduo insiste em acreditar em algo, mesmo com provas apontando o contrário. Trata-se, na visão de Carroll, de um distúrbio cognitivo. O que levaria certas pessoas a não abandonarem suas crenças místico-religiosas no poder de paranormais, quando os fatos são suficientemente robustos para que deixem de crer?

Distúrbio

De modo simplificado, a síndrome do crente acontece quando um indivíduo insiste em acreditar em algo, mesmo com provas apontando o contrário

Penso que, em grande medida, a crença sustenta coisa maior, isto é, a própria compreensão que temos do mundo e de nós mesmos. Abandonar determinadas crenças pode produzir um tipo de “desintegração da personalidade”. As nossas vidas estão sujeitas às dinâmicas de reconheci-

mento e não reconhecimento social. Cada indivíduo se encontra no interior de sistemas de controle social, o que implicaria um campo semântico moral específico, em forma de valorização do mundo e a sujeição a padrões emocionais.

É por isso que a síndrome do crente dificilmente se explicaria pela ideia de que os indivíduos estão mentindo para si. Geralmente eles não acreditam nas informações verdadeiras, sempre confiantes que estão na autoridade do guru espiritual e na sensação de que possuem um conhecimento especial sobre um assunto. Carroll argumenta que, quando mentimos para nós mesmos, assumimos a posição de que estamos acreditando em uma coisa que sabemos ser falsa. O que é incoerente.

Dessa forma, é mais interessante buscar na identidade dos indivíduos e no sentido que um sistema simbólico pode dar às nossas vidas os fundamentos para continuarmos acreditando.

Estética e Existência

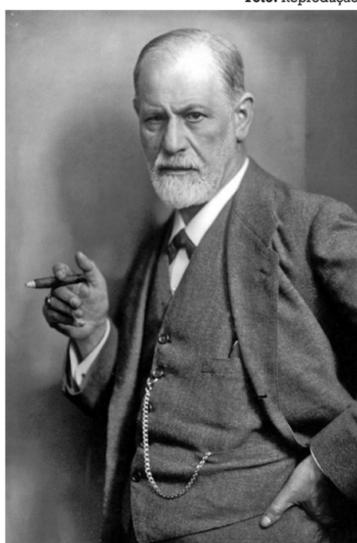
Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e psicanálise

A psicanálise, desenvolvida pelo neurologista austríaco Sigmund Freud (1856–1939), é um método de investigação e tratamento para alterações psíquicas, estruturado nas pulsões da sexualidade. Essa teoria foi elaborada entre o fim do século 19 e o ano de 1939. Fundamenta-se na tese de que o inconsciente é o mais determinante dos processos mentais, os quais influenciam diretamente o comportamento humano. A terapia psicanalítica ocorre por meio de uma relação de diálogo entre o paciente e o analista, cujo objetivo é identificar as causas dos sofrimentos psíquicos e das confusões de personalidade. Além disso, busca-se aliviar tensões emocionais e melhorar as relações interpessoais do indivíduo. Os principais conceitos da psicanálise freudiana incluem: inconsciente — constituído por desejos e pulsões que podem gerar neuroses; transferência — fenômeno projetado pelo paciente por meio de sentimento, como amor ou ódio, no analista; sublimação — processo de canalização da libido (energia sexual) para objetos ou atividades de natureza não sexual, como a arte ou a religião; complexos — são associações psíquicas responsáveis por perturbações mentais. A origem da psicanálise, frequentemente associada ao desenvolvimento teórico e clínico de Freud, foi influenciada por elementos culturais e pela subjetividade humana presentes na literatura, filosofia e arte.

“Estética” vem do grego *aisthesis*, que significa “compreensão pelos sentidos”. Trata-se de uma atividade filosófica que estuda a natureza da beleza, do gosto e a relação entre arte, cultura e natureza. Seu objeto é o belo, ou seja, a exposição sensível da “ideia” nas obras de arte, por meio da qual se apresenta a contradição entre sujeito e objeto. Isso ocorre porque a obra de arte é a primeira conexão entre o que é exterior, sensível e passageiro, e o pensamento. A origem estética da psicanálise foi influenciada pelo Romantismo dos séculos 18 e 19, movimento que explorava o interior do sujeito, sua expressão emocional e a irracionalidade da psique humana. Essa perspectiva enfatizava especulações subjetivas sobre o



Freud, considerado o pai da psicanálise

indizível ou o inacessível da consciência humana. Filósofos como os alemães Arthur Schopenhauer (1788–1860) e Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844–1900) analisaram a dinâmica dos impulsos internos, que atuam além da razão e da moralidade. Com isso, anteciparam a ideia de que a mente humana não é inteiramente acessível à razão consciente. Freud, em seus primeiros estudos, foi influenciado por essas discussões acerca do desejo, do sofrimento e da moralidade, conceitos essenciais em suas teorias psicanalíticas.

A arte, como forma de expressão do inconsciente, foi objeto de estudo para Freud, que analisava os sonhos e estabelecia analogias com a criação artística. O psicanalista via o processo artístico como um modo de realizar simbolicamente os desejos reprimidos, algo que ele descreveu no conceito de sublimação. Para o fundador da psicanálise, a arte explora o inconsciente. Ela permite a liberação de impulsos reprimidos de maneira socialmente aceitável. Por exemplo, literatura, música erudita e teatro, em sua busca por expressar conflitos psíquicos, refletem e, por vezes, antecipam conceitos psicanalíticos como repressão, desejo, culpa e catarse (liberação de tensões emocionais). Artistas como o pintor norueguês Edvard Munch (1863–1944), precursor do impressionismo e do expressionismo, refletem esses temas. Sua famosa obra “O grito”,

pintada em 1893, expressa melancolia, ansiedade, desespero e uma dor indizível. Da mesma forma, o escritor tcheco Franz Kafka (1883–1924), em seus romances, aborda angústias existenciais e as torturas do inconsciente. Outro exemplo de grande importância é o filósofo e escritor russo Fiódor Mikhaïlovitch Dostoiévski (1821–1881). Em seu clássico livro *Memórias do Subsolo*, publicado em 1864, Dostoiévski apresenta o monólogo de um homem amargurado, que vive num desespero subterrâneo, sem convivência social e sem encontrar sentido em sua própria existência. Essa obra influenciou decisivamente tanto o existencialismo quanto a psicanálise.

A psicanálise e a sublimação estão interligadas à estética. Freud descreveu a sublimação como o processo pelo qual as pulsões do inconsciente — frequentemente associadas à sexualidade ou à agressividade — são direcionadas para atividades socialmente aceitáveis, como a arte, a ciência ou o trabalho. A produção artística, nesse sentido, é um mecanismo psíquico que permite a integração de desejos reprimidos e conflitos internos, funcionando como um escape para as pulsões subconscientes. Um exemplo dessa relação é o movimento surrealista, surgido no início do século 20 e liderado pelo poeta e escritor francês André Breton (1896–1966). Inspirado pela teoria freudiana, o surrealismo buscava expressar as interrupções dolorosas da mente humana e os aspectos do inconsciente por meio de imagens simbólicas. Essas imagens lembravam sonhos perturbadores e fragmentados, conflitos psíquicos insuportáveis e traumas coletivos e individuais, apresentando-os de forma muito intensa.

Sinta-se convidado à audição do 49º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 1, das 22h à 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105,5, ou você pode acessar pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br ou pelo link <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei sobre o aspecto trágico nas sinfonias do regente e compositor tcheco-austríaco Gustav Mahler (1860–1911).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Carlos, o homem invisível

O último encontro com o jornalista Carlos Aranha foi no Banco do Brasil da Praça 1817. Não, não quero falar do último, nem da primeira vez, sequer da primavera. Entre o silêncio e o invisível, esbarramos numa epopeia, a velha epopeia, essa palavra que a gente usava muito nos anos 1980, assim como um *happening*.

Para alguns, Carlos Aranha está entre acenos do passado que o perseguem, nunca entre as frases, ditas ou escritas por ele, quando era um ser visível aberto a essas coisas ou coisa nenhuma.

Aranha viveu o gosto de um sonho que era para ele, mas acordou tarde naquele dia. Não guardo dele a fotografia que fizemos no interior do Banco do Brasil — até que procurei, mas lembro aquele momento, nós dois em plena lucidez.

Desde a primeira vez, talvez não, eu percebi nele um homem abalado pelo impossível, que sabia muita coisa, mas se agarrou ao jornalismo, certamente por uma questão de prazer e sobrevivência. Poderia ter sido cantor, mas não é fácil compor e cantar. “Ivone pelo telefone” que o diga.

Aranha sequer remexeu nos ciclos e, se um dia foi realizado como aprendemos a gostar de imaginar que somos, o futuro é tão antigo quanto o passado. Carlos sabia o que sabia e isso parecia suficiente. O que é o suficiente?

Se ao menos a gente soubesse o que sabemos agora, se nos fosse oferecida a oportunidade de outra vida simples ou voraz, não diria outra palavra, senão, repetir a sacada do refrão do Rappa: “Paz sem voz, não é paz é medo”.

Não estou dizendo exatamente nada sobre o tempo em que ele ficou internado num abrigo, num bairro da cidade — ali não era mais Carlos Aranha — não era mesmo — já tinha se despedido do mundo, ao morrer tantas vezes em demorado na sua imaginação — sim, a gente morre todos os dias.

Cada vez menos tocado no vinco da vida, Aranha voltou para casa, não a casa de Cruz das Armas, mas talvez ao extremo, o segundo sol ou o mais ansiado perfume das flores invisíveis de quem é merecedor.

Fazer renascer na própria vida quando o dia não é mais rotina, quando a idade bate na porta, certamente aumenta a fome de viver, mas não foi o caso dele. Já vivia o claro e o escuro, sem perguntar que horas são. Pra quê? Deixou para trás a Lagoa do Parque Solon de Lucena pé ante pé que ele adorava, sem jamais estrangular o cisne.

Não sei se lançou reflexos ou confesso, sei lá, procurando outra forma de vida. Claro que não.

Ontem olhando o mar não me lembrei dele, ele não era do mar. Nem imagino a última vez que Carlos esteve diante do mar. Mas isso pouco importa.

Na superfície, ele não está, falamos muito, e as palavras fazem-nos ver que o silêncio é maior e ter a certeza de que tudo isso será esquecido, até o mais singelo e verdadeiro gesto dele ou meu.

Não sei mais o que falar sobre Carlos Aranha — não sou nem mais doce ou misericordioso, nem guardo horas perdidas — a continuação da vida é uma ordem até que todos nós nos percamos de vista.

Kapetadas

- 1 - Sustentar uma decisão é pior do que decidir.
- 2 - Saber esconder a dor não significa que não dói.

Foto: Ivomar Gomes/Divulgação



“Carlos Aranha viveu o gosto de um sonho que era para ele”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O prêmio de cinema que ficou advindo

O esforço de uma comissão formada por alguns integrantes da Academia Paraibana de Cinema, outrora designada para compor regulamento daquele que seria o maior prêmio do cinema paraibano, parece ter ficado no passado; mesmo que APC tenha realizado algumas premiações de mérito, como as que aconteceram na Funesc, mostrando inicialmente o seu interesse pelo projeto.

Seriam reconhecidas as melhores produções realizadas dentro do nosso estado, com prêmios a serem outorgados às diversas categorias da atividade cinematográfica e audiovisual, indicadas por um conselho acadêmico da APC, sob o título de Grande Prêmio do Cinema Paraibano, entregue anualmente.

Na época, o comitê, presidido pelo acadêmico e professor Damião Ramos Cavalcanti, reuniu-se na elaboração da norma, que contemplaria com troféus e financiamentos os premiados filmes e vídeos de curta, média e longas-metragens. Notadamente, aquelas produções que melhor se destacassem em nossos festivais de cinema e videográficos.

O Grande Prêmio do Cinema Paraibano teria por finalidade contribuir, sobretudo, para a elevação promocional do cinema paraibano e regional junto à população. Possibilitando, ainda, o reconhecimento da qualidade técnica e artística de seus filmes, na busca de uma afinidade cada vez maior entre os



O curta "A Ninhada" foi um dos premiados pela Academia Paraibana de Cinema

profissionais da área.

Anualmente, o Conselho Acadêmico da APC outorgaria os prêmios às seguintes categorias para longa-metragem: melhor filme de ficção; melhor filme de documentário; melhor filme de animação; melhor direção; melhor direção de fotografia; melhor atriz; melhor ator; melhor atriz coadjuvante; melhor direção de arte; melhor montagem; melhor roteiro; melhor som e melhor trilha sonora.

Na categoria de curta-metragem, o regulamento previa prêmios para melhor filme de ficção; melhor filme do-

documentário e melhor filme de animação. Previa, ainda, para a televisão, as seguintes premiações: melhor produção independente em telefilme e melhor obra de dramaturgia em telefilme. Nesse sentido, entendimentos continuavam sendo mantidos pelos membros da comissão, da qual eu fazia parte, designada pelo presidente da Academia Paraibana de Cinema, jornalista Wills Leal.

Como se nota, apesar do nosso esforço, à época, o importante evento não teve a devida continuidade. – Para mais "Coisas de Cinema", acesse o nosso blog: www.alexasantos.com.br

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

A magnitude da Casa

Como já disse várias vezes, não sou contra a presença de escritores não literários na APL – Academia Paraibana de Letras. O "letras", da nomenclatura, contempla, obviamente, o campo de outras áreas, na esteira do modelo francês e do seu pupilo brasileiro.

Por conseguinte, o termo, nesse caso, diz respeito não somente a poetas, ficcionistas, ensaístas, enfim, escritores que tomem a palavra sempre com a preocupação de transformá-la num objeto estético. Concerne também àqueles que a usam na medida do referencial, como fazem, por exemplo, filósofos e cientistas. Aqui, podem conviver, em confortável harmonia, as funções poética, expressiva e denotativa da linguagem.

Gilberto Freyre é quem faz a diferença entre escritores literários e não literários. Lanço mão de sua tipologia para discutir o ingresso daqueles que não fazem literatura, em sentido restrito, na vetusta Casa de Coriolano de Medeiros.

Em seus domínios, sempre haverá espaço para essa espécie de gente, desde que possua obras que efetivamente a caracterize como figuras do pensamento crítico e da reflexão essencial. Obras de real valor e de qualidade teórica e técnica irrefutáveis.

Digo isso porque se sabe que existe aquele tipo de obra que depõe contra a sensibilidade e a inteligência do autor. O livro que desqualifica o autor. O livro que prejudica. O livro ruim e mal escrito.

Devo citar o artigo sétimo, *caput*, do Estatuto da Casa, que assim estabelece: "Associados Efetivos, tratados como Membros da Academia ou simplesmente Membros, são escolhidos, por sua contribuição singular às letras, artes ou ciências, para ocuparem, pela primeira vez, as cadeiras enumeradas no artigo quarto, e os eleitos, nos termos desse Estatuto e do Regimento, para sucederem vicariamente, nas referidas cadeiras, os Membros falecidos".

Observe-se bem: "contribuição singular às letras, artes ou ciências". Não se trata, portanto, de uma contribuição qualquer, porém, de algo de notabilidade reconhecida e consagrada.

Não vou referir nomes por uma questão de ética acadêmica e profissional, mas não estarei mentindo se lembrar que muitos dos livros que circulam por aí, frutos do desempenho de alguns candidatos a escritores, ou mesmo de alguns acadêmicos já instalados no seu postos, quer da literatura, quer das artes, quer das ciências, pouca ou nenhuma contribuição têm dado ao acervo histórico, científico e literário das nossas letras estaduais.

Grosso modo, são volumes ou opúsculos frouxos, invertebrados, despiciendos, exemplos vivos e concretos de cabeças que não pensam e que fazem do clichê e das nulidades conceituais a sua plataforma teórica.

Alguns, mais ousados ou mais ingênuos, optam pela seara estética, cometendo seus versinhos anêmicos, suas imagens batidas, seus lugares comuns, seus eflúvios emocionais e ridículos, dentro de uma perspectiva lírica insossa, desfibrada e sem qualquer consubstancialidade, no que concerne aos motivos tratados e aos sentimentos vividos. Reina, aqui, nesta terra de ninguém, a vaidade de estúpidos verzejadores associada à mais descabida ignorância, curiais aos elementos fundantes do discurso poético.

Se esses, falsos saltimbancos do verso, fracassam completamente no terreno da poesia, por absoluta falta de talento e vocação, outros atentam, com hilária exuberância e doura antipatia contra o romance, enquanto obra de arte, na medida em que, sem nenhum domínio técnico e nenhum brilho estilístico, metem-se a narrar fatos reais ou imaginários como se fossem modelos de ficção literária.

Não raro, o assunto, o tema, a motivação têm consistência, podendo trazer resultados artísticos dos melhores, se configurados pelas mãos de um autêntico romancista. Não é o caso, porém, o que se vê, na mais das vezes, é um mero arremedo da arte narrativa, sem os ingredientes sólidos que equilibram os fatores formais e a matéria do conteúdo. Enfim, a mais descarada caricatura da expressão literária.

Pelo exposto, quero crer que nós acadêmicos devemos meditar, com mais discernimento, justiça e seriedade, sobre o que postula a norma estatutária, sobretudo, por ocasião dos processos eleitorais, tentando, assim, fazer escolhas mais dignas da magnitude da Casa.

Colunista colaborador



Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

Esta semana, após participar como jurado do 19º Festival Audiovisual Comunicurtras, da UEPB, juntamente com seu secretário, Fernando Trevas, o presidente da Academia Paraibana de Cinema, prof. João de Lima Gomes, teve outro importante encontro. Dessa vez foi no Simpósio Nacional de Mídia, Inteligência Artificial e Desinformação, na Funesc.

Representando a APC, João de Lima Gomes coordenou o evento, com a realização de painéis e discussões sobre "Inteligência Artificial no combate à desinformação e produção de conteúdo audiovisual em multiplataformas". O evento foi realizado durante dois dias, na Sala de Concertos da Funesc, com entrada franca.

LITERATURA

Rinaldo de Fernandes lança contos na UFPB

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Após dez anos de lapidação, o escritor e professor universitário Rinaldo Fernandes lança *A Mulher que Sequestrou Chico Buarque*, seu segundo livro de contos breves, consolidando uma trajetória marcada pela dedicação ao gênero. Publicado pela editora Garamond, o livro reúne narrativas minimalistas que exploram a síntese e a densidade características do microconto. O lançamento da obra será amanhã, a partir das 9h30, no auditório 412 do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da UFPB, ocasião em que fará a palestra "80 anos de um artista brasileiro". Após a palestra, a Profª Dra. Silvana Oliveira (UFPB), a mestrande Amanda Trajano e a graduanda Stella Palitot farão comunicações sobre obras ficcionais de Rinaldo.

Natural do Ceará, o escritor começou a publicar contos durante a graduação na Universidade Federal do Ceará, antes de se transferir para João Pessoa, onde é professor titular de Literatura na Universidade Federal da Paraíba, há mais de 30 anos. Ele considera o conto seu gênero primordial. "Desde o início, minha relação foi com o conto. Eu lia muito os contistas brasileiros, como Machado de Assis, Dalton Trevisan, Rubem Fonseca e Clarice Lispector, além de autores internacionais, como Chekhov e Julio Cortázar".

O autor revela que o projeto teve origem entre 2013 e 2016, quando

criou a página do Facebook "O Livro dos Mil Microcontos". "Eu publicava, em média, quatro vezes por semana. Às vezes, contos mais longos, mas sempre um conto breve", relembra.

Parte do conteúdo resultou no livro *A Paixão Mortal de Paulo*, mas o novo trabalho, reflete o aprimoramento contínuo. "Entendo que este

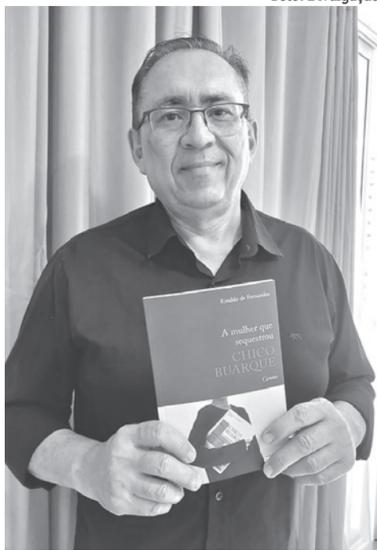
é meu melhor livro. Passei dez anos burilando esses textos", afirma.

O título da obra deriva de um dos contos, inspirado em um universo que ele pesquisou profundamente: as fãs de Chico Buarque. "Há um conto narrado do ponto de vista de uma fã que vive uma fantasia erótica com o cantor. Não posso dar *spoilers*, mas é uma homenagem às fãs do Chico", comenta.

Além disso, o autor já publicou livros sobre a obra de Chico e ministra palestras frequentemente sobre o tema. Em "Os olhos de minha boneca", um dos contos, afigura-se a truculência da ditadura militar sob o olhar de uma mulher, vítima da violência sexual dos militares. Já "Impostação de cansaço" retrata um homem que decide montar uma igreja com a missão quase impossível de não cobrar vintém algum dos fiéis.

O processo criativo do escritor parte de imagens marcantes, muitas vezes associadas a ambientes. "Eu sou apaixonado por imagens ambientais. Normalmente, o ambiente do conto já chega para mim, domina, e depois eu vou criando personagens e a trama", explica. Diferente de autores que começam pelo personagem, ele descreve sua abordagem como uma construção que emerge do cenário.

"Todo artista tem a necessidade de se expressar, mas também de comunicar uma mensagem, uma visão de mundo. Por fim, há o desejo de recepção, de que os leitores se conectem com a obra", finaliza.



Fernandes: homenagem às fãs de Chico

A MULHER QUE SEQUESTROU CHICO BUARQUE

- De Rinaldo de Fernandes.
- Editora: Garamond.
- Lançamento amanhã, 9h30.
- Na UFPB (Auditório 412, CCHLA, campus I, João Pessoa).
- Entrada franca.

LIVRO

O cinema na visão de Linduarte

Edição que compila críticas escritas pelo diretor de "Aruanda" será lançada amanhã, em Brasília

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Linduarte Noronha, realizador pernambucano-paraibano, tornou-se célebre graças ao seu trabalho como documentarista, a exemplo de *Aruanda* (1960), marco do Cinema Novo que retratava o cotidiano dos quilombolas de Santa Luzia, interior do estado. Mas, antes de se tornar diretor, ele esteve nas páginas de **A União**, diariamente, dissecando os lançamentos das salas de cinema da capital. O livro *Luz, Cinefilia... Crítica! - Arqueologia e Memória do Crítico Linduarte Noronha*, com organização de Lúcio Vilar, reúne alguns desses textos. A obra será lançada amanhã, no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, e na próxima quinta-feira (5), às 18h, na abertura do Fest Aruanda, em João Pessoa.

Luz, Cinefilia... Crítica! parte de pesquisa desenvolvida por Lúcio, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para o Departamento de Mídias Digitais (Demid) e contou com a participação do estudante Juan Vilar. A empreitada demandou três anos e utilizou como escopo o arquivo de **A União**; o recorte de tempo vai de 1956 a 1968. O livro, também publicado pela Editora A União, reproduz os textos selecionados, assim como traz impressa, junto a cada crítica, a página em que ele foi veiculado originalmente.

As críticas não dão conta apenas dos lançamentos da época — alguns deles, filmes clássicos como *Luzes da Ribalta* (de Charles Chaplin, 1952), a animação *A Dama e o Vagabundo* (de Wilfred Jackson, Clyde Geronimi e Hamilton Luske, 1955) e *Vidas Secas* (de Nelson Pereira dos Santos, 1963). O espaço de Linduarte no jornal também foi utilizado para tecer comentários sobre o "fazer" e o "consumir" cinema, a exemplo de "Universidade e fotograma" (texto publicado em março

de 1963), sobre a produção audiovisual na UFPB, e as duas partes de "Cinema Novo" (de dezembro de 1961), dando conta do movimento do qual fez parte e que estava começando.

As apresentações do livro são feitas por Tânia Maria Queiroga Nóbrega, diretora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) e por Naná Garcez, diretora-presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Naná, a propósito, ressalta fala de Linduarte, que definia o cinema como "patrimônio artístico dos mais importantes".

"[Ele] fez críticas contundentes às salas de exibição que davam pouco espaço ao cinema nacional e igualmente aos órgãos oficiais de estímulo à produção

de filmes", escreveu a gestora. O livro conta também com um apêndice, que agrupa rese-

nas contemporâneas sobre os textos de Linduarte: pesquisadores, docentes e outros críticos, como os paraibanos João Batista de Brito e Fernando Trevas, lançam seus olhares sobre os temas abordados, décadas antes, pelo conterrâneo. *Luz, Cinefilia... Crítica!* estará disponível para venda durante sua estreia no Fest Aruanda, e, a partir da sexta-feira (6), na Livraria A União, do Espaço Cultural, em João Pessoa, pelo valor de R\$ 60.

O organizador, Lúcio Vilar, destaca um dos textos que mais o surpreendeu durante a pesquisa, sobre o curta-metragem *O Pátio* (1959), um dos primeiros de Glauber Rocha. Ele salienta o legado de Linduarte em sua trajetória no cinema — passando da crítica para a frente das câmeras.

"Esse exercício diário foi resultante da cinefilia enquanto fenômeno cultural que marcou essas décadas de forma avassaladora para suas gerações. Eis um arco que reuniu cinefilia, crítica e produção cinematográfica propriamente dita", finaliza.

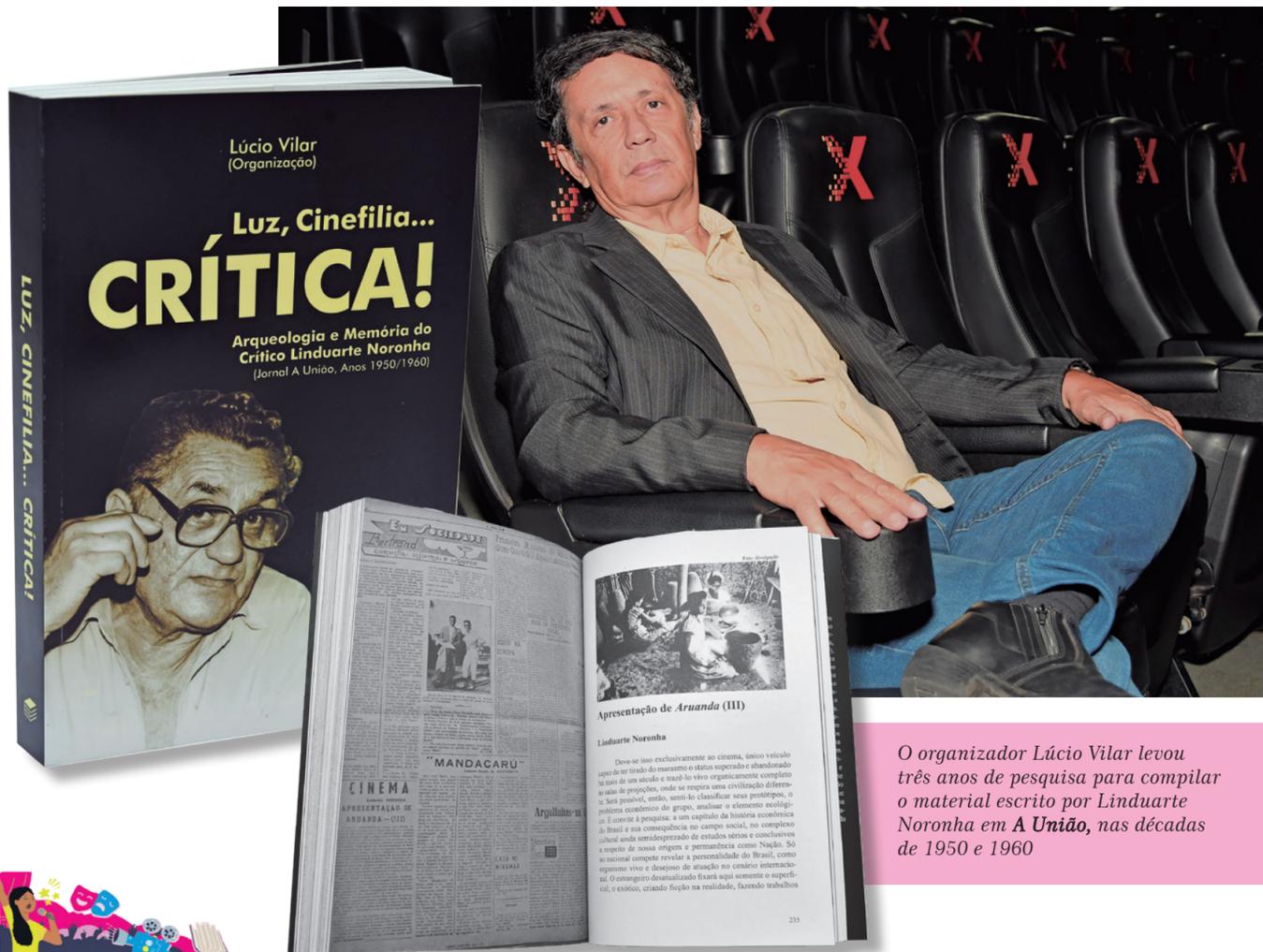
LUZ, CINEFILIA... CRÍTICA! - ARQUEOLOGIA E MEMÓRIA DO CRÍTICO LINDUARTE NORONHA

■ De Linduarte Noronha. Organizador: Lúcio Vilar.

■ Editora: A União

■ 289 páginas

■ Preço do livro: R\$ 60



O organizador Lúcio Vilar levou três anos de pesquisa para compilar o material escrito por Linduarte Noronha em *A União*, nas décadas de 1950 e 1960

Em Cartaz

Cinema

Programação de 28 de novembro a 4 de dezembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, *Cine Vieira*, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

CABRINI (*Cabrini*). Estados Unidos, 2024. Dir.: Alejandro Monteverde. Elenco: Cristiana Dell'Anna, David Morse, John Lithgow, Giancarlo Giannini. Drama/religioso. Imigrante italiana luta para conseguir do prefeito de Nova York cuidados para crianças pobres. 2h22. 14 anos. João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 22h15.

A CONTADORA DE FILMES (*La Contadora de Películas*). França/Espanha/Chile, 2024. Dir.: Lone Scherfig. Elenco: Sara Becker, Bérénice Bejo, Daniel Brühl. Drama. Na zona rural do Chile, nos anos 1960, garota muda a vida de sua família ao recontar os filmes de Hollywood. 1h56. 14 anos. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 13h. CENTERPLEX MAG 2: leg.: 16h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 13h45.

MOANA 2 (*Moana 2*). EUA/Canadá, 2024. Dir.: David G. Derrick Jr., Jason Hand e Dana Ledoux Miller. Vozes na dublagem brasileira: Any Gabrielly, Saulo Vasconcelos. Infantil/musical/animação. Jovem navegadora enfrenta mares desconhecidos para livrar uma das ilhas de seu povo de uma maldição. 1h40. Livre. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 19h20. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 14h, 16h15, 18h30, 20h50. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 13h, 15h15. CINÉPOLIS

MANAÍRA 4: dub.: 14h, 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h10, 15h20, 17h45, 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 15h, 17h30, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 3D: 14h30, 17h, 19h30, 21h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): dub.: 13h30, 16h, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 3D: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h30, 16h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h30, 18h, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 3D: 15h; 2D: 17h, 19h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h15, 16h15, 18h15, 20h15. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h, 17h, 19h, 20h55. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 3D: 14h15; 2D: 16h15, 18h15, 20h15. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 15h50. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 14h50, 18h50; 2D: 16h50, 20h45. MULTICINE PATOS 3: dub.: 15h35, 20h20. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: dom.: 14h30, 17h15, 19h30; seg. a qua.: 14h40, 17h15, 19h30. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 15h25. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 2D: 14h30, 18h30, 20h30; 3D: 16h30. Remígio: CINE RT: dub.: 14h, 16h, 18h20.

RELACIONAMENTO

RELATOS SELVAGENS (*Relatos Salvajes*). Argentina/Espanha/França/Reino Unido, 2014. Dir.: Damián Szifron. Elenco: Ricardo Darín, Oscar Martínez, Erica Rivar. Drama/comédia. Seis histórias sobre comportamentos humanos extremos sob estresse. 2h02. 14 anos. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 14h15.

CONTINUAÇÃO

AINDA ESTOU AQUI. Brasil/França, 2024. Dir.: Walter Salles. Elenco: Fernanda Torres, Seltón Mello, Valentina Herszage, Fernanda Montenegro, Humberto Carrão, Dan Stulbach, Daniel Dantas, Marjorie Estiano, Camila Márdila. Maeve Jinkins.

Drama. Família precisa lidar com o desaparecimento do marido, vítima da ditadura. 2h16. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 15h30, 18h15. CENTERPLEX MAG 4: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 16h20, 19h20, 22h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 13h, 16h15, 19h10, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 13h15, 16h15, 19h15, 22h15. CINESERCLA TAMBIA 2: 18h05, 20h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: 18h05, 20h40. Patos: CINE GUEDES 1: 18h30, 21h. MULTICINE PATOS 1: dom.: 18h15; seg. a qua.: 18h10. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: 17h30, 20h20. Remígio: CINE RT: seg. e qua.: 20h15.

ARCA DE NOÉ. Brasil/Índia/EUA, 2024. Dir.: Sérgio Machado e Alois Di Leo. Vozes na dublagem: Rodrigo Santoro, Marcelo Adnet, Alice Braga, Lázaro Ramos, Chico César. Aventura/animação. Dois camundongos entram clandestinos na arca de Noé e usam seus talentos para manter a esperança entre os animais. 1h49. Livre. João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 12h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h05.

GLADIADOR II (*Gladiator II*). Reino Unido/EUA, 2024. Dir.: Ridley Scott. Elenco: Paul Mescal, Connie Nielsen, Pedro Pascal, Denzel Washington. Aventura. Após ter sua casa tomada pela tirania de Roma, gladiador entra na arena para resgatar a honra do império. 2h28. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 15h10, 18h15, 21h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 12h45, 15h45, 18h45, 22h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 14h50, 17h40, 20h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h50, 17h40, 20h30. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 18h. MULTICINE PATOS 1: dub.: dom.: 21h; seg. a qua.: 20h55. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 17h20.

HEREGE (*Heretic*). EUA/Canadá, 2024. Dir.: Scott Beck e Bryan Woods. Elenco: Hugh Grant, Sophie Thatcher, Topher Grace. Suspense. Duas jovens religiosas são caçadas por um homem dentro de uma casa. 1h51. 16 anos. João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 16h25.

OPERAÇÃO NATAL (*Red One*). EUA, 2024. Dir.: Jake Kasdan. Elenco: Dwayne Johnson, Chris Evans, Lucy Liu, J.K. Simmons, Bonnie Hunt. Aventura. Quando Papai Noel é sequestrado, segurança do Polo Norte se une a caçador de recompensas para salvar o Natal. 2h03. 12 anos. João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 18h25. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 15h40. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 21h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 15h40. Patos: MULTICINE PATOS 1: dub.: 17h45. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dom.: dub.: 14h50.

VENOM - A ÚLTIMA RODADA (*Venom - The Last Dance*). EUA/Reino Unido/México, 2024. Dir.: Kelly Marcel. Elenco: Tom Hardy, Juno Temple, Chiwetel Ejiofor. Aventura. Alienígenas do planeta do simbiote Venom vêm à Terra para capturá-lo. 1h49. 16 anos. João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 19h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 20h50.

WICKED (*Wicked*). EUA, 2024. Dir.: Jon M. Chu. Elenco: Cynthia Erivo, Ariana Grande, Michelle Yeoh, Jeff Goldblum. Musical/drama. Amigas em universidade de bruxas se tornam rivais após encontro com o Mágico de Oz. 2h40. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h45, 18h; leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: dom.: 12h15, 15h30, 18h45, 22h; seg. a qua.: 15h30, 18h45, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 18h30; leg.: 21h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 14h15, 17h15, 20h15. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h15, 17h15, 20h15. Patos: CINE

GUEDES 1: dub.: 15h30. CINE GUEDES 2: dub.: 20h45. MULTICINE PATOS 1: dub.: 15h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 20h10. Remígio: CINE RT: dom. e ter.: dub.: 20h15.

Teatro

NESTA SEMANA

MINHA VIDA EM MARTE. Monólogo escrito e interpretado por Mônica Martelli. 14 anos.

João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Quinta, 5/12, 20h. Ingressos: de R\$ 90 (plateia B/ meia) a R\$ 220 (plateia A/ inteira), antecipado na plataforma Ingresso Digital.

Exposições

CONTINUAÇÃO

FIOS. Experiência interativa e imersiva que homenageia o algodão.

Campina Grande: MUSEU DE ARTE E CIÊNCIA DE CAMPINA GRANDE (R. João Lélio, 581, Catolé). Entrada franca.

PANAPANÁ PRETITUDES. Coletiva com cinco artistas: Cures, Malu Rolim, Thiago Costa, Vitória Trajano e Vive Sena.

João Pessoa: GALERIA ARCHIDY PICADO (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Visitação de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 13h às 21h, e nos fins de semana e feriados, das 10h às 16h, até 31 de janeiro. Entrada franca.

DE OLHO EM 2025

Legislativo foca na votação da LOA

Deputados e vereadores voltam as atenções para a peça que define receitas e despesas para o orçamento

Filipe Cabral
filipemscabral@gmail.com

Com a chegada de dezembro e a proximidade do receso parlamentar de fim de ano, as atenções nas casas legislativas de todo o país se voltam para um assunto especial: a votação das respectivas Leis Orçamentárias – seja em âmbito municipal, estadual ou federal – para o próximo ano. Na Paraíba, a proposta de Lei Orçamentária Anual (LOA) enviada pelo Governo do Estado à Assembleia Legislativa (ALPB) prevê uma receita total de R\$ 21,9 bilhões para o exercício de 2025, um volume de recursos 12,89% maior que o estabelecido na LOA 2024.

O documento foi aprovado preliminarmente pela Comissão de Orçamento, Fiscalização, Tributação e Transparên-



Foto: Divulgação/ALPB

Além dos deputados e representantes do governo, tivemos órgãos como o Tribunal de Justiça da Paraíba, a Defensoria Pública e a UEPB

Branco Mendes

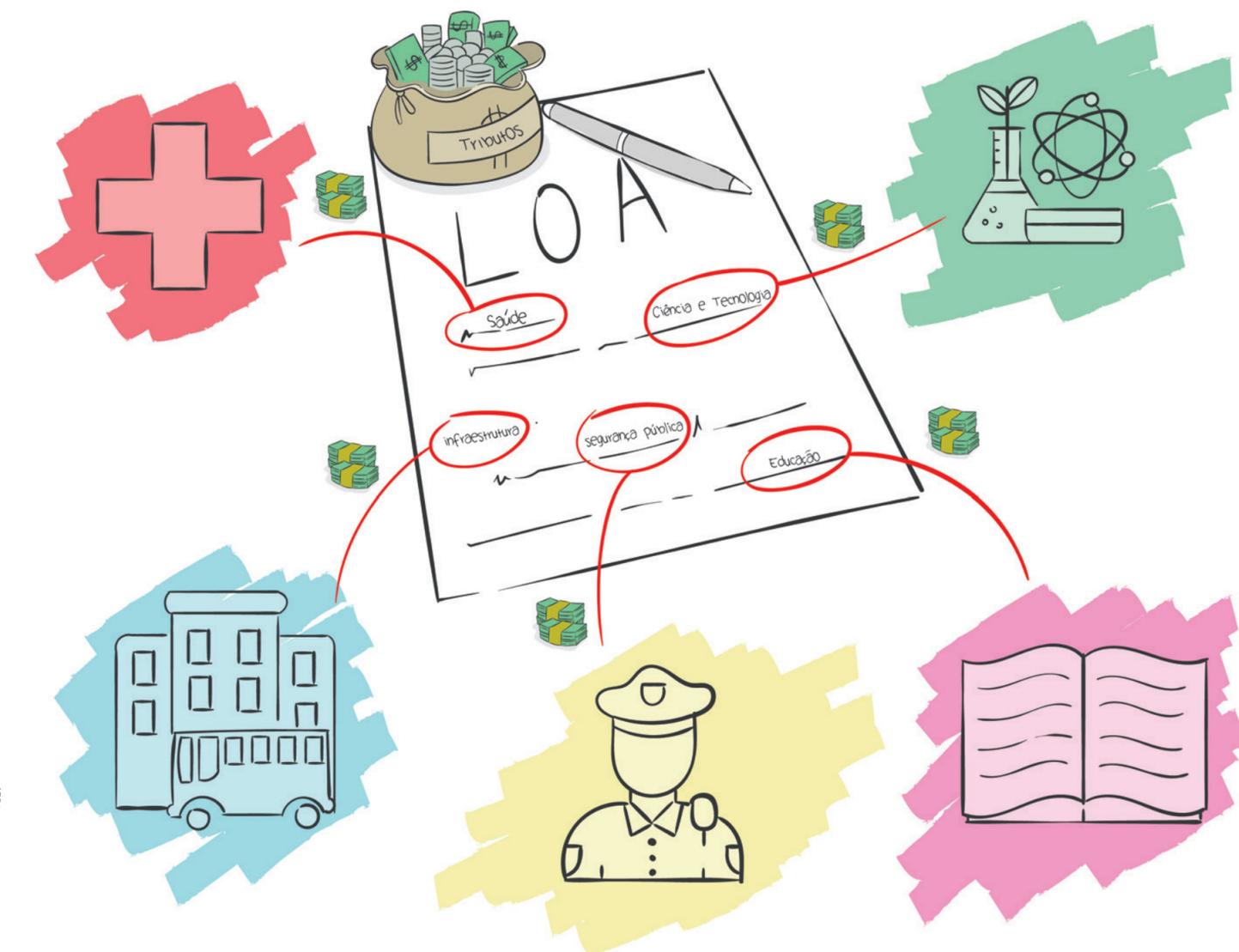


Ilustração: Bruno Chiozzi

cia da ALPB em outubro e deve ser pautado no Plenário nas próximas semanas. De acordo com o presidente da Comissão, deputado Jutahy Meneses, a expectativa é de que o Projeto de Lei nº 2.946/2024 – que inclui o orçamento fiscal, o da Seguridade Social e o de investimentos das empresas em que o Estado tem a maioria das ações – seja votado ainda na primeira quinzena de dezembro.

“O calendário do nosso regimento diz que a LOA pode ser votada até o dia 20 de dezembro, mas, no ano passado,

salvo engano, nós conseguimos aprovar no dia 15. Acredito que a gente vote aí, nesse prazo entre o dia 10 e dia 15”, adiantou.

O relator da matéria na ALPB, o deputado Branco Mendes, ressaltou que a Comissão tem cumprido todos os prazos e requisitos necessários à tramitação do projeto na Casa, dos quais destacou a audiência pública realizada em novembro com representantes de órgãos públicos e entidades da sociedade paraibana.

“Além dos deputados e re-

presentantes do Governo do Estado, tivemos vários órgãos aqui representados, como o Tribunal de Justiça da Paraíba, a Defensoria Pública, a Universidade Estadual da Paraíba, além de entidades civis, como a Associação Paraibana do Ministério Público e a Associação dos Policiais Civis (Aspol). Todos tiveram a oportunidade de debater seus interesses junto à Comissão de Orçamento e, graças a Deus, estão sendo atendidos através do bom entendimento que o governador João Azevêdo tem para com as ins-

tuições e órgãos do nosso estado”, comentou.

Ainda segundo Branco Mendes, a expectativa é de que a votação da peça orçamentária ocorra “de forma tranquila”. De acordo com ele, os deputados tiveram tempo suficiente para planejar e editar as emendas para o próximo ano. A proposta apresentada pelo Executivo estabelece o percentual de 0,9% da receita corrente líquida do Estado para as emendas parlamentares impositivas, o que corresponde a um total de R\$ 168 milhões. Dessa forma,

cada parlamentar terá direito a direcionar R\$ 4,6 milhões em emendas, das quais metade devem ser aplicadas na área da saúde. Em 2024, o percentual para as emendas foi de 0,8%, com um montante de R\$ 130 milhões.

“Eu não tenho dúvida de que o projeto da LOA 2025 será amplamente aprovado. O governador tem feito seu trabalho com muita eficiência e o Governo do Estado está totalmente equilibrado financeiramente”, avaliou Branco Mendes.

Lei também determina diretrizes e objetivos da administração

Além de definir as receitas e as despesas do Estado para o próximo ano, a LOA 2025 também determina as diretrizes, objetivos e metas da administração pública estadual. Nesse sentido, o secretário estadual de Planejamento, Orçamento e Gestão, Gilmar Martins, explica que, em 2025, o governo priorizará a realização de obras de infraestrutura, assim como os investimentos em educação, saúde e segurança pública.

“A prioridade na alocação dos recursos no projeto da LOA 2025 foram as obras de infraestrutura que possibilitem fazer da Paraíba um estado cada vez mais competitivo, fortalecendo seus modais de transporte e que melhore o ambiente de negócios, pois temos que nos preparar para a reforma tributária que se avizinha. Considerando estas premissas, podemos desta-

car a alocações de recursos para educação [R\$ 4,6 bilhões], saúde [R\$ 2,1 bilhões], segurança pública [R\$ 2,8 bilhões] e ciência, tecnologia, inovação e Ensino Superior [R\$ 578 milhões]”, detalhou.

Sobre o aumento de 12,89% em relação ao orçamento do ano corrente, Martins disse que só foi possível graças “ao bom momento econômico que o estado desfruta”.

“Para se ter uma ideia, a taxa de crescimento do PIB [Produto Interno Bruto] 2022 divulgada pelo IBGE mostra que a Paraíba cresceu 5,6%, uma taxa acima da média do Nordeste [3,6%] e do Brasil [3,0%]. Para este ano, o Banco do Brasil projeta que o PIB da Paraíba deve registrar uma expansão de 6,8%. Esse crescimento econômico deve-se com certeza à gestão fiscal conduzida pelo governador João Azevêdo, que possibilitou elevar o volume

de investimentos públicos de 6,18% da Receita Corrente Líquida em 2019 para 12,77% da em 2023”, afirmou.

Ainda conforme o secretário, o aumento geral do volume de recursos para 2025 permitirá ao Governo do Estado corrigir o duodécimo – repasse mensal do Executivo aos demais poderes e órgãos autônomos –, tal como o acordado na Lei das Diretrizes Orçamentárias (LDO), aprovada em junho pela ALPB. De acordo com a norma, o valor das propostas orçamentárias para o exercício de 2025 e respectivos limites para fixação das despesas dos poderes e órgãos autônomos serão os valores aprovados na LOA 2024, acrescidos do percentual de 4%.

Orçamento

Ao analisar o debate em torno da LOA, o economista Geraldo Medeiros Júnior,

professor do Departamento de Administração e Economia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), classifica o orçamento como “o grande espaço para o conflito de classes no século 21” e, por isso, chama atenção para a importância de que a sociedade civil se envolva na discussão.

“O orçamento público é gigante. Existem muitos lobbys no sentido de se apropriarem de fatias do fundo público. É importante que a sociedade se mobilize para que o interesse público predomine, em nome da equidade e do bem-estar social. Formalmente, existem conselhos na saúde e educação que acompanham a execução das políticas públicas. O Tribunal de Contas também julga a legalidade das prestações de contas. Mas a população precisa se articular para que o bem-estar social seja a prioridade das políti-

cas”, defendeu.

Ainda segundo Medeiros Júnior, para além do debate técnico e burocrático em torno do orçamento, é fundamental que os cidadãos paraibanos e brasileiros voltem a discutir a ideia de desenvolvimento, que, segundo ele, ultrapassa a mera conferência de índices e resultados econômicos.

“A população organizada precisa capacitar pessoas para fazer um debate qualificado sobre o orçamento. É muito importante que as prioridades sejam elencadas, mas a partir da preocupação com equidade, justiça social e desenvolvimento. É preciso voltar a discutir desenvolvimento no Brasil. Isto passa por qualidade de vida, pela qualidade do emprego que é gerado também. Não basta só que a economia cresça. É preciso que as pessoas vivam com qualidade”, pontuou.



Foto: Divulgação/Secom-PB

Para se ter uma ideia, a taxa de crescimento do PIB 2022 do IBGE mostra que a Paraíba cresceu 5,6%

Gilmar Martins



Deputados federais acataram mudanças propostas pelo Senado e encaminharam texto à sanção presidencial no último dia 19

NORMA COMPLEMENTAR

Nova lei define regras das emendas parlamentares

Transferência especial de recursos obedecerá a requisitos fiscais diversos

Da Redação
Com Agência Câmara

Após longo debate no Congresso Nacional, o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou, na última semana, a Lei Complementar nº 210/2024, que sana o impasse com o Poder Judiciário sobre o pagamento de emendas parlamentares. O texto torna mais transparentes as regras para a proposição e a execução das emendas feitas por senadores e deputados na Lei Orçamentária Anual (LOA).

Conhecidas como emendas Pix, as emendas individuais impositivas por meio de transferência especial ganham novas normas. Atualmente, nesse tipo de transferência, o dinheiro chega à conta de prefeituras e estados sem vinculação com qualquer tipo de gasto relacionado a projetos, embora não possa ser utilizado em despesas de pessoal, e 70% dele devam estar ligados a investimentos.

Essas emendas parla-

mentares, que somam cerca de R\$ 8 bilhões, em 2024, foram questionadas pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Flávio Dino e pelo procurador-geral da República, Paulo Gonet.

Com as novas normas, o autor deverá informar o objeto e o valor da transferência quando da indicação do ente beneficiado (Estado, Distrito Federal ou Município), com destinação preferencial para obras inacabadas propostas por ele anteriormente.

Os parlamentares definirão que os recursos da União repassados aos demais entes por meio de transferências especiais estarão sujeitos à apreciação do Tribunal de Contas da União (TCU). Estados ou municípios em situação de calamidade ou de emergência reconhecida pelo Poder Executivo federal terão prioridade na execução das transferências especiais.

Emendas de bancada

As emendas de bancada

estadual, por sua vez, deverão destinar recursos a projetos e ações estruturantes para a unidade federativa representada por essa bancada. O texto deixa claro que é vedada a individualização de ações e projetos para demandas individuais dos seus membros.

Prevaleceu a definição de oito sugestões para cada bancada estadual, mas podem ser apresentadas até três emendas para dar continuidade às obras inacabadas, até a conclusão dos empreendimentos, desde que haja objeto certo e determinado e que constem do registro previsto na Constituição.

Para as emendas de bancada, são consideradas ações prioritárias as que se destinem a políticas públicas de 20 áreas, entre elas educação, saneamento, habitação, saúde e adaptações às mudanças climáticas.

Emendas de comissão

Nas emendas de comissão a serem apresentadas pe-

las comissões permanentes do Senado e da Câmara, terão de ser observadas suas competências regimentais para ações orçamentárias de interesse nacional ou regional. A norma estabelece que tais emendas deverão identificar, de forma precisa, o seu objeto, sendo vedada a designação genérica de programação que possa contemplar ações orçamentárias distintas. Pelo menos 50% das emendas de comissões serão destinadas a ações e serviços públicos de saúde, a partir de orientações e critérios técnicos indicados pelo gestor federal do Sistema Único de Saúde (SUS).

Emendas de modificação

As emendas de modificação estarão fora do limite do Novo Arcabouço Fiscal (Lei Complementar nº 200/2023). Cabem nessa regra os projetos de interesse nacional com destinatário ou localização específicos, conforme previsão no projeto de Lei Orçamentária Anual.

Novo arcabouço guia as despesas públicas

Em 2025, as emendas de bancada, individuais e de comissão deverão seguir o critério da receita corrente líquida. A partir de 2026, outros requisitos devem ser observados.

Para as emendas individuais e de bancadas estaduais, o limite deve seguir as regras do Novo Arcabouço Fiscal. Assim, será feita a correção das despesas públicas pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do ano anterior, mais um aumento equivalente a 70% ou 50% do crescimento real da receita primária de dois anos antes.

Já para as emendas de comissão, que não estão entre as de execução obrigatória, o limite-base é o valor global do ano anterior, acrescido da variação do IPCA nos últimos 12 meses, encerrados em junho do ano ante-

rior àquele a que se refere o orçamento votado.

O limite de crescimento não será aplicável às emendas parlamentares de modificação se, cumulativamente, tratarem de despesas não identificadas como emenda parlamentar; forem de interesse nacional e não contenham localização específica na programação orçamentária, exceto quando essa localização constar do projeto da LOA; e não tiverem destinatário específico, excluindo-se a hipótese de essa destinação constar do projeto da LOA.

Impedimentos

Na execução de emendas parlamentares, a Lei Complementar nº 210/2024 define uma lista de 26 possibilidades de impedimentos técnicos, entre eles: objeto incompatível com a ação or-

çamentária; problemas cuja solução demore e inviabilize o empenho da despesa no exercício financeiro; e não comprovação de que o ente beneficiado terá recursos suficientes para concluir o empreendimento ou seu custeio, sua operação e manutenção.

Quando formalizada a identificação de algum impedimento técnico, o órgão ou o ente executor da emenda terá que analisá-lo para determinar diligências com o propósito de tomar providências para viabilizar a execução da emenda.

Contingenciamento

Está autorizado o contingenciamento de dotações de emendas parlamentares até a mesma proporção das despesas discricionárias (aquelas que o Governo Federal possui liberdade de deci-

são no orçamento), devendo ser observadas as prioridades definidas pelo Poder Legislativo. Também convencionou-se que fica vedada a imposição de regra, restrição ou impedimento às emendas parlamentares que não sejam aplicáveis às programações orçamentárias discricionárias do Poder Executivo.

■ **Legislação estabelece uma lista de possíveis impedimentos técnicos para a execução de emendas parlamentares**

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Os bons são a maioria

Vai aí um Brasil agredido? Uma cidade ultrajada? Uma dor civilizatória para sempre no seu coração? Uma criança sem água na escola? Um poeta falando com seriedade para quatro paredes mucas?

Você conhece a Escola Nossa Senhora das Graças, em Itabaiana? Aposto que não. É uma escola para filhos de pobres. Visitei a escola em um sábado de um novembro de 10 anos passados. Lá, um sujeito ensinava como produzir poesia de cordel. A escola não tem charme, não tem estrutura, não é climatizada, não é chique. Uma escola para pobres, enfim.

O rapaz do cordel fazia com seriedade um trabalho de educação através da poesia, inspirado por forças indefiníveis, como a causa impulsora dos santos. Ele não aparece na mídia e nunca será o queridinho dos descolados que mamam na cultura com seus discursos bonitinhos e inócuos. E daí? O rapaz faz seu trabalho, ensina a metrificar versos, unicamente porque ele é compreensivo e bondoso para com a humanidade. Não recebe nada em troca. Vem de Queimadas para levar poesia para as crianças de Itabaiana em uma escola pública que não tem nem água para limpar as latrinas do prédio velho e malconservado. A gente sempre espera que os governantes sejam interessados no deus das pequenas coisas como essa de levar poesia para a escola, dê mais força, respeite e invista nas pequenas escolas da cidade e seus sonhadores, como a professora Anita, uma das que também acham que nem tudo está perdido.

Sim, o nome dele é Paulo Seixas, fã de carteirinha do Raul Santos Seixas, o cara que preferia ser essa metamorfose ambulante e provocar a vida do que "ficar sentado no trono de um apartamento esperando a morte chegar".

Li não sei onde e passo de graça para vocês: "a vida não é colorida, é colorível". Infelizmente, somos, de maneira geral, um povo acomodado e calmo, feito água de poço estagnado. Tudo indica que será assim por algum tempo. E, quando agitam essas águas incôscias, é com tentativas de lavagem cerebral praticadas por elementos despóticos como esse Bolsonaro. Enquanto isso, pessoas feito Paulo fazem meninos felizes, porque conseguiram "fechar" uma estrofe de cordel numa cidade onde cultura jamais foi prioridade. Lembro a frase de Helène Françoise: "Nunca deixe de acreditar que os bons são a maioria, mas faça sua parte e inclua-se também nessa porcentagem".

No dia 14 de dezembro, estarei ministrando curso de Literatura de Cordel, na cidade de Bananeiras, para 15 rapazes e moças, que terão a oportunidade de conhecer os elementos básicos e o papel social do cordel, na perspectiva de valorização da literatura popular e do reconhecimento à pluralidade cultural de nosso país. Minha aspiração é mexer com essa pequena humanidade e sua fútil rotina em meio ao mundo digital e, quem sabe, tocar suas consciências com a dimensão absoluta da poesia. Dedicarei a oficina ao poeta Paulo Seixas e ao seu delírio benigno de levar o encanto do verso do cordel para crianças, em meio aos desencantos e aflições de uma sociedade desvirtuada. "Quero a certeza dos loucos que brilham. Pois, se o louco persistir na sua loucura, acabará sábio", disse Raul Seixas e repete Paulo Seixas, seu devotado seguidor. "Meu egoísmo é tão egoísta que o auge do meu egoísmo é querer ajudar", afirmou Raul.

No lugar do metaverso, a moçada vai curtir o verso seco e direto do cordel brasileiro, como estes do meu folheto "A igreja da poesia":

Minha mente é minha igreja,
Assim diz o pensador.
Livre para meditar
Sem me sentir pecador
Nem estúpido fiel,
Angustiado e com dor.

Qualquer coisa é poesia?
Você fuma e bebe verso?
Poesia eleva a alma
Ou é escape perverso?
No templo da poesia
Todo tema é controverso.

DIREITOS HUMANOS

Discurso de ódio atinge adolescentes

Plataforma do Governo Federal registrou 88,3 mil denúncias neste ano, número 18,35% superior ao do ano passado

Da Redação
Com Agência Gov

“Mande um aluno para a direção devido à indisciplina em sala de aula. Ele me acompanhou, mas no caminho disse: ‘Se você der mais um passo, eu joga essa pedra na sua cabeça’. Fiquei num dilema: manter minha autoridade ou recuar por medo?”, conta um professor do Distrito Federal, que presencia situações de violência, constantemente, em seu trabalho.

O educador — que atua na acolhida de jovens adolescentes em situação de vulnerabilidade psicossocial e/ou socioeconômica — fez esse relato de forma anônima, por receio de ser identificado por sua comunidade escolar e, dessa forma, alimentar ainda mais o sentimento de insegurança entre colegas e alunos. Esse é o retrato de uma realidade cada vez mais comum no Brasil, de uma cultura de medo motivada pela violência disseminada dentro e fora das escolas.

Casos de comoção nacional — como o ataque a tiros que vitimou 12 adolescentes, em 2011, no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro — e a crescente disseminação do ódio e da desinformação por meio das redes sociais ainda motivam violências extremas no contexto das escolas. Mas o que caracteriza a violência escolar?

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a violência escolar pode ser definida como toda ação ou omissão que cause ou vise causar dano à escola, à comunidade escolar ou a algum de seus membros, que ocorram no ambiente de ensino ou que não sejam rela-

cionadas às atividades escolares em si.

Esse tipo de violência tem crescido nos últimos anos. Dados do Disque 100, a plataforma da Ouvidoria do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), registram um aumento, em 2024, de 18,35% no número de denúncias, na comparação com o período de janeiro a novembro de 2023. Até a última segunda-feira (25), foram computadas 88.353 violações, relacionadas a diversas espécies de violência, dentre elas, negligência, tortura psíquica, constrangimento, maus-tratos, ameaça ou coação, agressão física ou *bullying*.

As consequências desse cenário para quem vivencia o dia a dia das escolas podem ser emocionalmente devastadoras, segundo o professor que preferiu não ser identificado. “Afetou minha saúde, minhas relações pessoais e até meus estudos. Tive pesadelos e precisei de terapia para lidar com o trauma. Fui incentivado a registrar uma queixa na delegacia, mas fiquei com medo e não a fiz. Pensei na segurança, tanto minha quanto deles, e decidi evitar mais complicações”, conta.

Acolhimento

O apoio psicológico é essencial, tanto para professores quanto para alunos expostos a níveis extremos de agressividade e que encontram dificuldade na gestão de conflitos no ambiente escolar. É, inclusive, para contornar esses obstáculos que professores de diferentes instituições têm buscado implementar iniciativas de acompanhamento das vítimas de violência nas escolas. Luciana Henrique, pro-



Foto: Revena Rosa/Agência Brasil

Levantamento mostra que menores de idade estão expostos a negligência, tortura psíquica, ameaças, maus-tratos e agressões físicas

fessora de Literatura do Instituto Federal de Brasília (IFB) coordena um projeto com essa finalidade. Trata-se do Núcleo de Gênero, Diversidade e Inclusão Social (Nuge-dis), responsável por acolher, conscientizar e informar profissionais e estudantes.

Luciana explica que o núcleo trabalha na orientação de professores em temas como a identidade de gênero, homofobia, intolerância e tratamen-

to respeitoso dos estudantes, além de atender alunos vulneráveis, ajudando a identificar e encaminhar denúncias. De acordo com ela, é necessário oferecer um espaço de refúgio.

“Percebo que episódios de violência impactam diretamente o desempenho acadêmico. A violência no ambiente familiar, na vizinhança ou na rua impacta fortemente. O aprendizado não é só acadêmico; ele é holístico, envolve

afetos”, avalia a educadora. “Tenho estudantes que, devido a episódios de violência ou a questões pessoais, acabam ficando em regime domiciliar, sem poder frequentar a escola”, narra Luciana, enfatizando o papel crucial da socialização escolar para a construção de vínculos saudáveis e para a formação das relações entre alunos e professores, principalmente, depois da pandemia.

■ **Violência escolar é caracterizada por toda ação que cause dano à instituição ou às pessoas que dela fazem parte**

Agressividade em ambientes digitais gera impactos nas escolas

Durante sua atuação em sala de aula nos últimos anos, Luciana tem observado o impacto da popularização do uso das redes sociais, por meio de fenômenos como o *cyberbullying* — uma violência praticada repetidas vezes, no ambiente digital, com intuito de agredir, difamar, ofender ou expor a intimidade das vítimas. “Eu já passei por situações de alunos falando sobre mim em redes sociais, sem o menor respeito. Essa falta de ética digital tem um impacto sério no ambiente escolar”, constata a professora.

Keilla Vila, professora de História e ativista em escola particular, analisa que a prática do *bullying* encontra terreno fértil no meio digital, onde os estudantes são mais facilmente expostos a discursos de ódio. Uma vez em contato com esses conteúdos, é comum estudantes acabarem por normalizar comportamentos agressivos, levando-os para a realidade do ambiente escolar, prejudicando a sociabilidade.

O que tem contribuído



Foto: Tomas Silva/Agência Brasil

Especialista faz alerta sobre uso contínuo e precoce de telas

para o agravamento desse problema, no entendimento da especialista, é o uso excessivo de telas. “O vício em telas desde cedo pode gerar uma reação agressiva até em respostas simples, como ao pedir que guardem o celular. O uso contínuo do celular torna as pessoas mais autocentradas, focadas apenas em seus sentimentos e necessidades imediatas. Quando isso é interrompido, o conflito surge”, critica a professora Keilla Vila.

Entre os destaques em termos de regulação, a Câmara

dos Deputados aprovou no fim de outubro, por meio da Comissão de Educação, um projeto de lei que proíbe o uso de celular no contexto escolar. Em recente declaração no G20, o ministro da Educação, Camilo Santana, posicionou-se a favor da medida.

Ambiente antirracista

Keilla também é coidealizadora do projeto Tem Cor no Ensino, criado em 2020 para dar continuidade ao debate em prol da educação antirracista inclusive no meio digital, durante a pandemia

da Covid-19. A iniciativa trabalha na produção de materiais digitais, como PDFs e vídeos, que incluem histórias em quadrinhos, cartilhas para educadores e propostas de atividades com o objetivo de democratizar o conhecimento, sem custo.

A ativista destaca a importância da educação nas escolas na luta contra o racismo e afirma que o debate antirracista deve englobar todas as disciplinas. “O racismo, infelizmente, organiza nossas relações sociais, então ele aparece em diversas áreas do conhecimento: Linguística, Biologia, Física. Quando pedimos a professores de diferentes áreas que citem teóricos negros, indígenas ou de fora da Europa em suas disciplinas, muitos não conseguem”, afirma.

Na luta contra a perseguição sistemática, a professora defende que estudar nuances de gênero, raça e inclusão de pessoas com deficiência é essencial. “A única forma de prevenir é com formação e conhecimento. O caminho é a educação e a conscientiza-

ção, para que atitudes assim não tenham espaço e para que todos saibam que há consequências para o que dizem e fazem”, relaciona a educadora.

Políticas públicas

Mirando a necessidade de luta contra a violência no ambiente escolar, o Ministério da Educação (MEC) atua na criação de políticas públicas de enfrentamento. Em 2024, algumas iniciativas já entraram em vigor. Em parceria com o MDHC, o Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas (Snave) foi instituído no dia 25 de abril e autoriza o Poder Executivo a implantar serviço de monitoramento de ocorrências de violência escolar.

O Snave será implementado em articulação com os Estados, os Municípios e o Distrito Federal na produção de estudos, levantamentos e mapeamentos de ocorrências de violência escolar, na sistematização e divulgação de medidas e soluções de gestão eficazes no combate à violência nas escolas.

Neste ano, o MEC também publicou a Portaria nº 614, com o objetivo de implementar políticas educacionais de combate ao *bullying*, ao preconceito e à discriminação nas escolas. Um Grupo de Trabalho Técnico (GTT) encomendará pesquisas voltadas às temáticas definidas, promoverá conferências e seminários para debate, elaborará relatório de pesquisa com as principais conclusões e formulará recomendações ao MEC de desenhos de programas, bem como propostas de governança, avaliação e monitoramento de políticas.

Por meio de iniciativa do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), segue em elaboração a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente no Ambiente Digital. A medida visa unir sociedade, governos e empresas detentoras das redes sociais a prevenir a violência e criar mecanismos de proteção ao segmento infantojuvenil na internet.

EM ESTADOS VIZINHOS

Prefeituras têm mais de 220 vagas

Concursos em municípios de Pernambuco e do Rio Grande do Norte oferecem salários entre R\$ 1,4 mil e R\$ 10 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Para quem está disposto a atravessar a Paraíba em busca de novos horizontes profissionais, aqui vai uma dica imperdível: os vizinhos Rio Grande do Norte e Pernambuco estão com mais de 220 vagas abertas para candidatos de diferentes áreas e níveis de escolaridade. Os concursos das prefeituras de Pedro Velho (RN) e Santa Cruz do Capibaribe (PE) oferecem salários que variam de R\$ 1,4 mil a R\$ 10 mil, além de jornadas de trabalho entre 20 e 40 horas semanais e benefícios adicionais.

Níveis médio e superior

No Rio Grande do Norte, a Prefeitura de Pedro Velho retificou seu concurso recentemente, contando agora com 153 vagas para candidatos de níveis médio e superior. As oportunidades estão distribuídas entre os cargos de advogado, agente comunitário de saúde, guarda municipal, arquiteto, engenheiro agrônomo, assistente social, enfermeiro, médico, professor, entre outros. Segundo o edital, as inscrições seguem abertas até o dia 12 de dezembro e devem ser realizadas exclusivamente no *site* da Facet Concursos (www.facetconcursos.com.br), responsável pelo certame. Vale lembrar que, dependendo do cargo escolhido, a taxa de inscrição varia de R\$ 95 a R\$ 115.

O processo seletivo contará com prova objetiva, marcada para o dia 12 de janeiro de 2025, e etapas adicionais, incluindo pro-



Foto: Marcos Santos/USF Imagens

Provas em Santa Cruz do Capibaribe (PE) serão aplicadas em 12 de janeiro de 2025 e, em Pedro Velho (RN), o certame ocorrerá no dia 19 do mesmo mês

va de títulos para cargos específicos, como professores e coordenadores pedagógicos, e teste de aptidão física para guardas municipais.

Com duração estimada de três horas, a avaliação inicial será composta por questões de múltipla escolha sobre Língua Portuguesa, Matemática, Conhecimentos Gerais e Conhecimentos Específicos. No dia 3 de janeiro, os candidatos já terão acesso ao cartão de convocação com os locais e horários das provas. Já a convocação para a etapa de análise de títulos ocorrerá até o dia 4 de fevereiro, logo após a divul-

gação dos resultados das provas objetivas. O resultado definitivo do certame, por sua vez, deverá ser divulgado no dia 14 do mesmo mês.

Guarda Civil

Já em Pernambuco, a Prefeitura de Santa Cruz do Capibaribe oferece 70 vagas para o cargo de guarda civil municipal. Para concorrer, é necessário ter Ensino Médio completo, com certificado de conclusão de curso devidamente reconhecido pelo MEC, e carteira de habilitação na categoria "AB". Por lá, a remuneração inicial é de R\$ 1,8 mil para

uma jornada de trabalho de 40 horas semanais. Os candidatos interessados no concurso têm até 5 de dezembro para realizarem a inscrição no *site* do Instituto Darwin (www.institutodarwin.org), mediante pagamento de taxa no valor de R\$ 150.

Por se tratar da seleção de futuros guardas municipais, a seleção será extensa e bastante rigorosa, contando com diversas etapas classificatórias e eliminatórias. Além das provas objetiva e discursiva, haverá teste de aptidão física, avaliações psicológica e de saúde, investigação so-

cial e curso de formação. De acordo com o edital, as provas objetivas vão ocorrer no dia 19 de janeiro do próximo ano, com questões voltadas para as áreas de Segurança Pública, Língua Portuguesa, Raciocí-

nio Lógico e Direito Penal. O cronograma indica que o resultado definitivo desta primeira fase será divulgado em 13 de junho, dando início ao curso de formação, que também terá caráter eliminatório.



Acesse o QR Code acima e leia o edital completo da Prefeitura de Pedro Velho



Acesse o QR Code acima e leia o edital completo de Santa Cruz do Capibaribe

Exercício da advocacia exige estudo e adaptação constantes

Sempre vistos como figuras impecáveis, de ternos alinhados e pastas recheadas de documentos, os advogados carregam até hoje a marca da tradição. Não por acaso, a profissão é uma das mais respeitadas e antigas do mundo. Mas, por trás desse ideal, há uma realidade mais desafiadora e bem menos charmosa, na qual não basta passar no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) para alcançar o sucesso.

Com leis e tecnologias em constante evolução (como o metaverso e a inteligência artificial), ser advogado, hoje, exige estudo contínuo, especialização e uma boa dose de adaptabilidade para acompanhar as transformações da sociedade e do mercado. Segundo a advogada Fernanda Carvalho, especialista em Direito Civil e Digital, manter-se atualizado é indispensável. "Todos os

dias saem novas leis, atualizações e ordenamentos jurídicos nos âmbitos municipal, estadual e federal. O advogado tem que estar sempre um passo à frente nas coisas que estão acontecendo", destaca.

Não à toa, a graduação em Direito e a aprovação no exame da OAB representam apenas o primeiro passo da carreira jurídica. Para Fernanda, o aprendizado deve ser contínuo, já que as especializações são muito bem-vindas para ampliar sua atuação no mercado. "Faz parte da trajetória acadêmica de um advogado entender que ele precisa estar sempre estudando. Pós-graduações e mestrados são fundamentais", complementa a especialista, citando ainda que não existe mais a figura do advogado generalista.

Qualificação

A demanda atual é por especialistas, até porque,



Foto: Arquivo pessoal

Todos os dias saem novas leis e ordenamentos jurídicos. O advogado tem que estar um passo à frente nas coisas que estão acontecendo

Fernanda Carvalho

diante da quantidade de ramificações no Direito, seria impossível dar conta da legislação de cada uma delas de forma abrangente. Tem Direito Tributário, Digital, Trabalhista, Previdenciário, do Consumidor e Ambiental, entre tantas outras áreas. "Temos novas nuances. Hoje, por exemplo, existe o Direito Digital, que engloba as *startups* e as leis de proteção de dados. O advogado dessa área precisa saber tudo isso para exercer sua profissão com maestria", reflete Fernanda.

Naturalmente, a demanda por advogados qualificados cresce também no serviço público. Um exemplo disso é o concurso da Prefeitura de Pedro Velho, no Rio Grande do Norte, que oferece uma vaga para advogado com remuneração inicial de R\$ 3,9 mil, com jornada de 20 horas semanais. Para concorrer, é necessá-

rio ter graduação em Direito e registro na OAB. Já a seleção inclui prova objetiva e análise de títulos, exigindo dos candidatos um sólido conhecimento das legislações e das práticas jurídicas, habilidades que, como ressalta Fernanda, constroem-se com dedicação e muito estudo.

Áreas de atuação

Embora a rotina de um advogado varie conforme a especialização escolhida, a profissão apresenta uma dinâmica comum, segundo Fernanda: atender clientes, realizar reuniões, peticionar processos, conversar com juízes e magistrados, além de impulsionar os processos. Porém, em áreas específicas como a de Direito Criminal, o dia a dia envolve ainda a visita a presídios — enquanto outras, como o Tributário, têm menos audiências presenciais.

Outra constante na pro-

fissão é a necessidade de lidar com pessoas diversas, muitas vezes, em situações adversas. Por isso, além de conhecimento técnico, o advogado precisa ter inteligência emocional para encarar com versatilidade, ética e transparência os desafios da profissão. "É importante tratar o cliente com clareza, explicar tudo o que acontece no processo e dar segurança para que ele confie ao profissional do direito que lhe é tão importante", pontua a advogada.

Apesar dos desafios, Fernanda Carvalho destaca o impacto positivo da advocacia na sociedade ao garantir a justiça em um cenário cada vez mais complexo e tecnológico. Embora não seja fácil acompanhar a velocidade das transformações, advogar é, acima de tudo, uma questão de compromisso com a verdade e com os direitos das pessoas.

Selic

Fixado em 6 de novembro de 2024

11,25%

Salário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

+0,19%

R\$ 6,000

Euro € Comercial

+0,41%

R\$ 6,348

Libra £ Esterlina

+0,27%

R\$ 7,647

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Outubro/2024 0,56

Setembro/2024 0,44

Agosto/2024 -0,02

Julho/2024 0,38

Junho/2024 0,21

Ibovespa



PESQUISA

Conquista da casa própria é maior sonho dos brasileiros

Empresas têm focado em imóveis com preços acessíveis para todos os públicos

Mikaely Batista
Especial para A União

O maior sonho dos brasileiros continua sendo a conquista da casa própria, segundo apontou uma pesquisa recente da Federação Brasileira de Bancos. Para 31% dos entrevistados, adquirir um imóvel é o principal objetivo de vida, já que conquistar a casa própria representa a busca por segurança, estabilidade e qualidade de vida.

A Paraíba, por exemplo, possui um déficit habitacional de mais de 135 mil residências, segundo dados da Fundação João Pinheiro (FJP), de 2022. Além de programas habitacionais dos governos Federal e Estadual e de muitas prefeituras para diminuir esse número, empresas também têm apostado em ações para proporcionar às famílias paraibanas a conquista da casa própria.

A MRV, por exemplo, com presença na Paraíba desde 2011, oferece produtos com foco em empreendimentos residenciais econômicos, com preços acessíveis para um público que busca o sonho da casa própria. Com um portfó-

lio que hoje abrange rendas familiares a partir de R\$ 3 mil/mês, a construtora já entregou mais de 4,6 mil chaves no estado e oferta imóveis com benefícios de programas habitacionais, como Minha Casa Minha Vida (MCMV) e Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE).

“Em um país como o Brasil, com grande déficit habitacional, a MRV abraçou o propósito de construir sonhos e de transformar vidas por meio da habitação pensada para entregar transformação e dignidade ao brasileiro, contribuindo para a redução desse número, comenta Alessandro Almeida, diretor comercial da empresa no Nordeste.

Foi o caso de Danrley Carvalho, professor do Ensino Fundamental, que adquiriu seu primeiro apartamento em João Pessoa, com a noiva, por meio do programa Minha Casa, Minha Vida. Danrley compartilhou que sempre sonhou com a casa própria e não via sentido em alugar um imóvel ao perceber que o valor da parcela seria muito semelhante ao das prestações do financiamento.

“Era basicamente o mes-

mo valor, ou uma diferença pequena, não valeria a pena alugar. Para o trabalhador, é sempre melhor comprar e ter mais segurança e estabilidade. Depois, se não quiser mais morar ali, é possível vender por um preço maior ou alugar e ter uma fonte de renda”, destaca o professor.

Danrley explicou que adquiriu um apartamento no empreendimento Jardim dos Corais, situado na região do Altiplano, e que o principal critério na escolha do apartamento foi a localização e a forma de pagamento. Por dependerem de transporte público, tanto ele quanto a noiva queriam morar perto dos seus locais de trabalho. “Tudo depende de onde você quer morar e de quanto pode gastar. Em outros bairros, até é mais barato, mas ficava longe do trabalho para a gente e não tinha tantas facilidades”, explica.

Até o fim de novembro, a construtora diz estar com condições especiais para quem quer adquirir um imóvel com entrada facilitada em até 60 parcelas e um vale-desconto de até R\$ 3 mil com o 13º salário. Além disso, as

condições da campanha ainda podem ser aliadas às do programa Minha Casa, Minha Vida, com subsídios de até R\$ 55 mil em imóveis específicos.



Foto: Arquivo pessoal

“Em um país como o Brasil, com grande déficit habitacional, a MRV abraçou o propósito de construir sonhos e transformar vidas por meio da habitação

Alessandro Almeida

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Drex: a revolução digital do sistema financeiro brasileiro

Os amigos, hoje é o primeiro dia do último mês do ano. Um ano intenso, cheio de acontecimentos no Brasil e no mundo, que nos dá a sensação de termos vivido quase mil dias. Retomo aqui um tema já abordado, que promete revolucionar o sistema de transações financeiras, algo idêntico ou até mais revolucionário que o Pix. Estou falando do Drex, o “Real Digital”. Ainda em fase de testes, ele deve ser lançado, amplamente, a partir do primeiro trimestre de 2025.

O Drex, a Moeda Digital do Banco Central do Brasil (CBDC), é uma inovação que visa transformar o sistema financeiro nacional. Diferentemente das criptomoedas, ele será emitido e regulado pelo Banco Central, utilizando tecnologia *blockchain* para garantir segurança e rastreabilidade.

A principal vantagem do Drex é a eliminação de intermediários, o que possibilitará transações mais rápidas e com custos reduzidos. Pagamentos e transferências poderão ser feitos instantaneamente, 24 horas por dia, sete dias por semana. Isso beneficia empresas que dependem de agilidade nos fluxos de caixa, reduzindo custos operacionais e facilitando a gestão financeira.

Além disso, o Drex abre oportunidades para empresas, especialmente *fintechs*, criarem novos serviços financeiros, como sistemas de pagamento, ferramentas de gestão e produtos de investimento. Sua facilidade de acesso pode atrair novos segmentos de clientes, incluindo aqueles desatendidos por bancos tradicionais.

A rastreabilidade proporcionada pelo Drex também melhora auditorias e controles

internos, prevenindo fraudes e garantindo conformidade regulatória. A integração com contratos inteligentes permitirá automatizar processos financeiros, como pagamentos automáticos e acordos condicionais, tornando operações mais eficientes.

Os efeitos e as inovações futuras do Drex são difíceis de prever

João Bosco Ferraz

e treinamento de equipes. Empresas terão que adaptar *softwares* de contabilidade e ferramentas de venda, além de capacitar funcionários para operar com a nova moeda digital.

O Drex promete tornar o mercado financeiro mais eficiente e inclusivo, mas também traz desafios. Sua implementação exigirá mudanças nos modelos operacionais e estratégias de negócios, afetando a forma como consumidores e instituições interagem com o dinheiro e gerenciam recursos.

Para os consumidores, o Drex traz benefícios significativos. Com a redução dos custos para empresas, há potencial para preços mais competitivos e serviços financeiros mais acessíveis. Além disso, novas tecnologias facilitarão o acesso a produtos bancários e pagamentos, promovendo maior conveniência e inclusão financeira.

Assim como ocorreu com o Pix em seu lançamento, os efeitos e as inovações futuras do Drex são difíceis de prever. O Pix, inicialmente projetado para oferecer agilidade e liberdade nas transações, evoluiu e incorporou uma série de novos serviços ao longo do tempo. Segundo especialistas, mesmo com essas inovações, ainda há um vasto campo de possibilidades a ser explorado, indicando que o potencial do Pix está longe de ter atingido seu limite — e o mesmo pode acontecer com o Drex.

Foto: Roberto Cuedes



A Paraíba possui um déficit habitacional de mais de 135 mil residências, segundo dados da Fundação João Pinheiro

Programas facilitam o acesso a imóveis

Outra empresa que tem contribuído com a oferta de imóveis focados na população que busca a compra do primeiro apartamento em João Pessoa é a 3RDelta Engenharia. O Residencial Vila Jardim, localizado no bairro do Valentina, terá mais de três mil unidades, divididas em nove condomínios, que deve abrigar cerca de 15 mil pessoas quando estiver finalizado. Em 2023, a construtora concluiu e fez a entrega aos moradores da primeira fase do empreendimento, com um total de 320 unidades. O segundo, terceiro e quarto

condomínios estão em momentos diferentes de construção, mas a empresa deve finalizar mais dois condomínios neste ano, com mais 640 unidades entregues.

O residencial torna o sonho da casa própria possível para diversas famílias por meio dos benefícios do Minha Casa Minha Vida (MCMV), que podem chegar até R\$ 55 mil de subsídio, e com juros a partir de 4% ao ano. Os futuros moradores também contam com um benefício a mais via Companhia Estadual de Habitação Popular da Paraíba (Cehap), com o

programa Parcerias FGTS. Para quem ganha até dois salários mínimos, também há isenção do ITBI.

O Grupo Mirantes também tem se destacado na oferta do imóvel próprio. A empresa lançou, em setembro, o condomínio Cidade das Flores, localizado próximo à Faculdade de Medicina Nova Esperança (Famene), e já assinou mais de 60 contratos em parceria com a Caixa Econômica Federal, o primeiro passo para realização do sonho do imóvel próprio em João Pessoa, com a oficialização do financiamento ha-

bitacional, estabelecendo o prazo de entrega do empreendimento e garantindo segurança e planejamento aos compradores.

“Já são mais de 100 vendas desde o lançamento, em um setor imobiliário muito aquecido. Conseguimos esses resultados graças à qualidade do produto e à opção de 100% de financiamento sem entrada, sendo 80% pela Caixa Econômica Federal (CEF), no MCMV do Governo Federal, e 20% pela própria construtora”, explica Carlos Andrade, gestor comercial do grupo Mirantes na Paraíba.

MERCADO DE TRABALHO

Salário lidera aflição dos Millennials

Executivos entrevistados ocupam cargos que vão desde posições de suporte à gestão até a diretoria

Os Millennials (nascidos de 1981 a 1994) são os que consideram o salário como o fator mais importante no emprego em que atuam (75%). É o que aponta o Guia Salarial 2025, recente pesquisa realizada pela Michael Page, marca integrante do PageGroup, uma das maiores consultorias especializadas em recrutamento de média e alta gerência. De acordo com o estudo, os Millennials superaram as médias dos Baby Boomers (nascidos antes de 1965), com 60%; da geração X (nascidos de 1966 a 1980), com 70%; e da geração Z (nascidos após 1995), com 73%.

O levantamento apontou ainda que 90% dos profissionais que nasceram de 1981 a 1994 classificam, também, o salário como aspecto de maior importância para aceitarem uma nova proposta de trabalho, ficando atrás apenas da geração Z (92%), superando os Baby Boomers (75%) e os respondentes da geração X (84%).

“A verdadeira riqueza de uma empresa não está em sua conta bancária, mas na qualidade das mentes e corações que ela atrai e conquista. Sem uma proposta atraente e competitiva, as empresas podem perder a chance de atrair profissionais promissores antes mesmo de começarem o processo”, afirma Ricardo Basaglia, CEO da Michael Page no Brasil.

Para elaborar a pesquisa, a Michael Page consultou, neste ano, cerca de 6,8 mil profissionais e empresas de todo o Brasil para entender quais são suas reais impressões sobre o mercado atual. Os executivos entrevistados ocupam cargos que vão desde posições de suporte à gestão até a diretoria. A pesquisa procurou entender como os profissionais enxergam sua carreira, a posição do empregador no seu desenvolvimento profissional e outros fatores que completam a remuneração.

O estudo também procurou avaliar quais outros fatores são essenciais para os profissionais no ambiente de trabalho. Para os Baby Boomers, salário (60%), equilíbrio entre trabalho e vida pessoal (55%) e ambiente de trabalho e cultura empresarial (32%) são os principais aspectos no emprego em que atuam. Já para os colaboradores da geração X, o salário (70%), o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal (50%) e os benefícios (32%) ganham destaque.

■ **Novas gerações não querem apenas executar tarefas; elas desejam liderar e influenciar as organizações**



O estudo também procurou avaliar quais outros fatores são essenciais para os profissionais no ambiente de trabalho

Entre os Millennials, aparecem o salário (75%), o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal (50%) e a progressão de carreira e treinamento (29%). Os profissionais da geração Z apontam o salário (73%), o equilíbrio entre a rotina pessoal e profissional (44%) e a progressão de carreira e treinamento (40%).

A valorização e o reconhecimento no trabalho foram outros aspectos avaliados pelos profissionais. Para os Baby Boomers, reconhecimento financeiro e bônus (49%), valo-

rização por parte da liderança (29%) e plano de carreira e desenvolvimento (10%) são os principais fatores. Nas demais gerações, os aspectos são bem semelhantes. Na geração X, aparecem reconhecimento financeiro e bônus (47%), plano de carreira e desenvolvimento (25%) e valorização por parte da liderança (22%). Para os Millennials, reconhecimento financeiro e bônus (47%), plano de carreira (32%) e valorização por parte da liderança (14%). E, para a geração Z, reconhecimento financeiro e

bônus (46%), plano de carreira (37%) e valorização por parte da liderança (12%).

Quando questionados sobre as competências que mais teriam interesse em desenvolver, os Baby Boomers classificam o gerenciamento de conflitos (39%), a influência (34%) e o gerenciamento de estresse (27%) como prioridades. A geração X seguiu pelo mesmo caminho: gerenciamento de conflitos (39%), influência (38%) e gerenciamento de estresse (34%). No caso dos Millennials, priorizam a lideran-

ça (52%), a influência (43%) e o gerenciamento de conflitos (37%). A geração Z acompanha a geração anterior: liderança (69%), influência (35%) e gerenciamento de conflitos (33%).

“As novas gerações não querem apenas executar tarefas; elas desejam liderar e influenciar o rumo das organizações. O mercado precisa se preparar para essa ambição crescente. Empresas que não oferecerem oportunidades para essa liderança emergente correm o risco de perder relevância rapidamente”.

Cada geração tem suas próprias prioridades

As diferentes gerações se alteram na busca por uma nova oportunidade de trabalho. Entre os respondentes da pesquisa nascidos entre 1966 e 1980 (geração X), 55% estão procurando emprego ativamente, superando os profissionais Baby Boomers (52%), os Millennials (45%) e os da geração Z (44%).

O estudo detalhou também o que cada geração consideraria como prioridade para aceitar uma proposta de trabalho nos próximos meses. Os Baby Boomers elencaram o salário (75%), os benefícios (45%) e a possibilidade de trabalhar de forma híbrida ou remota (43%) como os fatores essenciais. Os respondentes da geração X seguem a mesma linha, com salário (84%), benefícios (58%) e trabalho híbrido ou remoto (43%) como prioridades. Os Millennials classificam como aspectos fundamentais a remuneração (90%), o trabalho híbrido ou remoto (58%) e os be-



A remuneração, o trabalho remoto e os benefícios ganham o topo da preferência, dependendo do grupo em questão

ça inadequada (54%); e os Millennials, remuneração ou benefícios insatisfatórios (71%), mau clima (51%) e liderança inadequada (48%).

Os profissionais da geração Z também concordam com as gerações anteriores nos quesitos salário ou benefícios insatisfatórios (74%) e liderança inadequada (45%). Diferenciam-se das demais pela falta de oportunidades de crescimento e desenvolvimento profissional (40%).

A maneira como cada geração costuma procurar emprego também foi avaliada no levantamento. Para os Baby Boomers, o LinkedIn (82%), *networking* pessoal (50%) e portais de busca on-line são as principais ferramentas para encontrar uma nova vaga. A mesma linha é observada nas duas próximas faixas etárias; geração X, LinkedIn (92%), *networking* pessoal (42%) e portais de busca on-line (37%) e Millennials, LinkedIn (95%), sites de busca on-line (35%) e *networking* pessoal (33%). Com a preferência por ferramentas digitais, 95% dos profissionais da geração Z afirmaram que buscam novas oportunidades no LinkedIn, 44,8% disseram que utilizam portais de vagas on-line e 28% seguem o *networking* pessoal.

nefícios (51%). Já para os mais jovens (geração Z), os principais fatores para aceitar uma nova vaga são o salário (92%), o trabalho híbrido ou remoto (61%) e a oportunidades de crescimento interno (57%).

Entre os motivos que fariam ou já fizeram os profissionais renunciarem a um novo trabalho, as três gerações mais experientes indicaram as mesmas razões, alternando apenas os percentuais. Os Baby Boomers destacam o sa-

lário ou benefícios insatisfatórios com o mercado (62%), mau clima organizacional (60%) e liderança inadequada (48%); a geração X traz salários ou benefícios insatisfatórios (65%), mau clima organizacional (59%) e lideran-

Equilíbrio: vida pessoal e profissional

Para analisar a saúde mental dos profissionais, o estudo elencou as principais causas de estresse no trabalho. Os Baby Boomers detectaram a remuneração não condizente com as exigências do cargo (50%), a falta de participação na tomada de decisões e a falta de con-

trole sobre os processos (45%) e o relacionamento ruim com colegas de trabalho ou líderes (41%) como os principais fatores do estresse.

Para a geração X, o esgotamento mental é causado em maior parte pela remuneração não condizente (56%), falta de

participação na tomada de decisões (42%) e relacionamento ruim com colegas ou líderes (40%). Os Millennials classificam a remuneração não condizente com as exigências do cargo (60%), o relacionamento ruim com colegas ou líderes (41%) e o excesso de trabalho

(36%) como as maiores causas do estresse no emprego. E, no caso da geração Z, remuneração não condizente com as exigências do cargo (71%), falta de perspectivas de carreira (44%) e excesso de trabalho (41%) são as principais queixas de estresse.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E EMPRESARIAL DE CAMPINA GRANDE - ACCG CNPJ
09.194.002/0001-33

EDITAL DE CONVOCAÇÃO Nº 0001/2024 ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE ELEIÇÃO
O Presidente da Associação Comercial e Empresarial de Campina Grande - ACCG - Sidney Toledo, cumprindo os termos dos artigos 13, 14 e 15 do Estatuto Social da Entidade, registrado no 5º Ofício de Notas desta Comarca, sob o número 41.923, Livro 14, em 23.04.2004, respeitando os prazos legais e por deliberação do Conselho Diretor e da Diretoria Executiva, CONVOCA todos os associados da instituição em pleno gozo de seus direitos sociais para a **Assembleia Geral Ordinária de Eleição a realizar-se no dia 02 de dezembro de 2024, às 19 horas**, na sede da entidade localizada na Avenida Floriano Peixoto, 715, 1º Andar, centro, na cidade de Campina Grande-PB, CEP 58400-165. O pleito visará a eleição dos integrantes do Conselho Diretor, nele incluído a Diretoria Executiva e o Conselho Fiscal, para o **biênio 2025-2026**. Os associados interessados em se candidatar ao Conselho Diretor para o respectivo biênio deverão registrar a chapa até cinco dias úteis antes do horário previsto para a realização da Assembleia Eletiva, por meio de requerimento assinado por todos os componentes da chapa e endereçado ao Presidente da Entidade, em duas vias, munidos de comprovantes atualizados de todos os integrantes assegurando serem associados admitidos ao quadro social pelo menos 180 dias antes da data da eleição e documento comprobatório de quitação com as contribuições. Conforme regimento do Estatuto Social, a Assembleia Geral Ordinária, instaurar-se-á em primeira convocação às 19 horas. Não sendo possível a realização em primeira convocação, por falta da maioria absoluta, realizar-se-á meia hora depois em segunda convocação com 20% dos associados, e, se necessário, uma terceira e última convocação, também meia hora mais tarde, exigindo a presença de pelo menos duas vezes o número de integrantes do Conselho Diretor. A votação será realizada com o depósito dos votos em uma urna receptora, nos moldes previstos no Estatuto Social. Após o processo de votação e contagem de votos, haverá aclamação dos presentes, e a eleição será homologada pela presidência dos trabalhos, função exercida pelo atual Presidente da entidade.

Ordem do dia: Eleição dos Membros do Conselho Diretor (Diretoria Executiva e Conselho Fiscal) para o biênio 2025-2026, a realizar-se no dia 02 de dezembro de 2024, na sede da entidade, localizada na Avenida Floriano Peixoto, 715, 1º andar, centro, Cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba.

Campina Grande, 01 de dezembro de 2024
Sidney Toledo

INDIE

PB investe R\$ 800 mil no Game Dev Quest

Atividade é um circuito voltado para o desenvolvimento de jogos digitais

Ascom Secties

O Governo do Estado, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), promove um circuito pioneiro no Brasil para a formação de um polo de jogos na Paraíba. O Game Dev Quest é um circuito voltado para o desenvolvimento de jogos digitais independentes (jogos *indie*).

O Game Dev Quest será um circuito competitivo em que equipes multidisciplinares do setor de entretenimento digital (programadores, *designers*, artistas, músicos, escritores) deverão aprimorar ou desenvolver do zero jogos independentes. O circuito recebeu o investimento de R\$ 800 mil. É dirigido a entusiastas de jogos *indie* em todo o país.

Os interessados em participar deverão inscrever as equipes por meio do edital Game Dev Quest, executado por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba. O circuito ocorrerá de janeiro a julho de 2025.

O secretário da Secties, Claudio Furtado, ressalta que o fomento vai ao encontro da alta densidade de desenvolvedores - programadores - na Paraíba; gente que já trabalha com jogos *indie*. "A profissionalização dessas pessoas é muito importante para gerar negócios. O circuito Game Dev Quest está fazendo a chamada para profissionalizar aqueles que têm projetos de jogos *indie*, para transformarem as suas ideias, seus protótipos, em uma versão concreta. O objetivo é a formação de uma empresa com um produto rentável", considera o secretário.

O edital receberá propostas, inclusive, de moradores de estados vizinhos, como Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará. "Prendemos melhorar as condições da indústria de *games*, principalmente aqui no Nordeste", informa Claudio Furtado.

A pesquisa "A Indústria Brasileira de Games 2023", contratada pela Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Games (Abragames), mostra que o Nordeste contribui com 15% do total de estúdios e de desenvolvedoras no Brasil. O Sudeste se destaca com 58% das empresas, seguido do Sul (20%), do

Centro-Oeste 6% e do Norte 2%.

De acordo com estudos de prospecção da Secties, embora existam grupos de desenvolvedores e comunidades focadas no desenvolvimento de jogos na Paraíba, o mercado ainda é pequeno e carece de mais aquecimento. Por isso, iniciativas como esse edital são fundamentais para impulsionar o crescimento dessa área e gerar novas oportunidades no estado.

A Secties está promovendo uma série de ativações em diversas instituições de ensino na Paraíba, incluindo institutos federais, universidades federais e escolas técnicas. As ativações acontecem tanto de forma presencial, em cidades como Campina Grande, João Pessoa, Patos e Rio Tinto; quanto on-line, abrangendo outras localidades do estado, como Guarabira, além de alcançar estados vizinhos, como o Ceará.

O Game Dev Quest será dividido em três fases eliminatórias, cada uma com ativida-

des e benefícios específicos:

Círculo dos Visionários é o título da primeira fase, iniciando com 40 equipes. O objetivo dessa fase é o amadurecimento da ideia. Os desenvolvedores passarão por *workshops* direcionados para a construção e refinamento da ideia e terão acesso a conteúdo exclusivo com viés empreendedor focado na indústria de *games*.

Na fase Fábrica de Lendas, as 20 equipes selecionadas na primeira fase receberão um aporte financeiro em subvenção de R\$ 20 mil para desenvolver a proposta. Nessa fase, o jogo deverá estar com uma versão pronta para ser jogada, um *playtesting* — um processo no qual um jogo é testado por jogadores reais antes de seu lançamento oficial — e empresa formalizada.

O Coliseu dos Campeões é a última fase do circuito. Serão alocados mais R\$ 40 mil (subvencionados) para 10 *startups* que demonstrarem capacidade de venda. O objetivo dessa fase é o amadurecimento

da empresa para comercialização e monetização do jogo.

As cinco *startups* finalistas terão outros benefícios como o momento "Covil dos Dragões" que acontecerá durante um evento no qual elas têm a oportunidade de apresentar seus negócios a investidores anjo. Além disso, compõem a turma estreante no Polo de Jogos Digitais da Paraíba.

1ª fase

Círculo dos Visionários é o título da primeira fase, iniciando com 40 equipes. O objetivo desta fase é o amadurecimento da ideia

Games permitem uma maior criatividade

Os *indie games* são jogos independentes (da abreviatura de *independent*, em inglês), desenvolvidos por estúdios pequenos ou por criadores individuais. Geralmente esses projetos individuais não têm suporte financeiro ou logístico, como as grandes publicadoras ou grandes empresas da área de jogos, que são as *publishers*.

As *publishers*, ou editoras, são empresas que desenvolvem

a parte "estratégica" do produto. Contrata o desenvolvedor para criar um jogo previamente criado e é responsável pela divulgação e comercialização do jogo. Algumas publicadoras globais mais conhecidas são a Sony, Microsoft, Activision Blizzard e Warner Bros.

Em contrapartida, os jogos *indies* se destacam por sua liberdade criativa, com maior controle sobre as decisões artísticas e técnicas

Jogos *indies* se destacam por sua liberdade criativa, com maior controle sobre as decisões artísticas e técnicas

tísticas e técnicas a respeito do jogo. Costumam envolver equipes menores e orçamentos bem mais reduzidos e limitados.

A diferença é que, muitas vezes, resulta em soluções inovadoras em mecânicas criativas, em histórias mais envolventes. Por outro lado, muitas vezes, numa empresa grande de jogos ou num *publisher*, não há essa oportunidade.

Ecossistema do Universo

Carlos Alberto P. da Silva
radioastronomia.educacional@gmail.com | Colaborador

Grote Reber:

o 1º radiotelescópio

Em 1933, Karl Jansky apresenta os resultados da sua descoberta sobre as interferências que não eram provenientes da Terra, mas sim do espaço. Apesar de ganhar diversas manchetes no noticiário da época, a descoberta não produziu o mesmo interesse nos seus contratantes e na comunidade científica. No mesmo ano, formava-se, no Illinois Institute of Technology em Chicago, Grote Reber.

Desde os anos 20, o rádio dominava a atenção de muitos entusiastas que viam na novidade uma oportunidade de experimentação. Nascia o novo *hobby* o radioamadorismo. O tema rádio era tão quente que muitas universidades formavam engenheiros de rádio, termo para o que hoje chamamos de engenheiro de telecomunicações.

O jovem Reber, então com 22 anos, logo após sua formatura, passa a atuar como engenheiro em diversas fábricas de rádio em Chicago. Paralelamente, era um ávido operador de radioamadorismo, combinação que alavancaria sua capacidade técnica e investigativa.

Quando teve acesso à pesquisa de Jansky, sobre as interferências espaciais, não sobraram dúvidas: construiria um radiotelescópio.

Diferentemente de Jansky, que contava com o financiamento dos Laboratórios Bell quando da construção da sua "Merry-go-round", apelido da antena giratória que lembrava um carrossel, Reber não tinha patrocinadores dispostos a gastar

na construção de uma antena para captar sinais espaciais.

Usando recursos próprios e materiais como vigas de madeira, chapas de metal galvanizado e peças sobressalentes de um caminhão, ele constrói um imenso prato parabólico no quintal da sua casa em 1937. Nascia, assim, o primeiro radiotelescópio. Primeiro pois não era intenção de Jansky investigar esse tipo de sinais. A antena de Reber já nascia com esse propósito, ela serviria de modelo para muitos dos radiotelescópios que se seguiriam.

A antena se destacava em sua vizinhança pelas dimensões, tornando-se rapidamente atrativo turístico na cidade. Vale lembrar que, diferente dos dias de hoje, em 1937, não havia parabólicas como vemos em quase todas as casas, tampouco uma de 9,5 metros de diâmetro.

Reber passaria os próximos anos fazendo uma varredura metódica do céu em busca de sinais de rádio vindos do espaço, a chamada Estática Cósmica, título do seu artigo de 1944 para o *Astrophysical Journal* em que apresentaria o primeiro mapa de rádio do céu até então. Seguiria pesquisando o tema por toda sua vida.

Apesar de ter sido oficialmente indicado para o Prêmio Nobel de Física, o fato de não estar vinculado a nenhum Instituto de Pesquisa aliado a uma postura cética em relação a algumas das hipóteses da astrofísica privariam-no do Prêmio.

Seu legado é até hoje amplamente reconhecido pela comunidade científica. Em 1962, Reber receberia o título honorário de Doutor em Ciência pela Ohio State University de Columbus. Sua antena original encontra-se hoje em exposição no National Radio Astronomy Observatory (NRAO), em Charlottesville no Estado de Virgínia.

Em nosso próximo artigo, um dos nossos pioneiros, porém, foi laureado com o Prêmio Nobel, mas não por seus trabalhos na radioastronomia. Em janeiro, abordaremos a descoberta das emissões de rádio na faixa de 21 cm com Harold Ewen, Edward Purcell e a descoberta da linha de hidrogênio.

Carlos Alberto P. Silva, Coord. BERG (Brazilian Educational Radioastronomy Group), atua na pesquisa e na divulgação de temas voltados para a radioastronomia educacional.

Colunista colaborador



Fotos: Mateus de Medeiros/Secties



Edital receberá propostas, inclusive de moradores de estados vizinhos, como RN, PE e CE

RIQUEZA NATURAL

Solo é elemento essencial em todo o ciclo da vida

Superfície é necessária à preservação da biodiversidade, à produção de alimentos, à moradia e na decomposição

João Pedro Ramalho
joapramalhom@gmail.com

Nele plantamos nossos alimentos, sobre ele caminhamos e construímos nossas casas, de seus nutrientes depende grande parte da biodiversidade e a ele retornam os resíduos sólidos do planeta, cuja decomposição reinicia o ciclo da vida. Esse é o solo, elemento fundamental ao meio ambiente e imprescindível para a existência humana. E sua importância para a sustentabilidade e para a produção alimentar é celebrada, internacionalmente, na próxima quinta-feira, 5 de dezembro, data estabelecida pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) como o Dia Mundial do Solo.

O geógrafo Jonas Otaviano de Souza lembra que todas as atividades humanas são executadas acima do solo — e que a própria história da humanidade está intimamente ligada a ele. “A forma mais simples de uso do solo, desde sempre, foi a agricultura, que possibilitou a estabilização das comunidades em locais únicos. Assim, as primeiras grandes sociedades humanas, a exemplo da Mesopotâmia e do Egito, são diretamente relacionadas ao advento da atividade agrícola e ao cultivo em terras férteis, como as áreas de várzea e as planícies de inundação”, aponta.

A relevância do solo para a vida na Terra também pode ser observada em

sua contribuição para a manutenção dos recursos hídricos, como explica Jonas, que também é professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). “Existem áreas que devem ser protegidas justamente porque são locais onde, quando chove, a água infiltra no solo e percola para os aquíferos. E as comunidades vão utilizar a água desses reservatórios”, declara.

A importância desse elemento para a humanidade justifica os cuidados que devem ser adotados durante o uso de seus recursos, especialmente na produção agrícola. Conforme ressaltou Josinaldo Lopes Rocha, engenheiro florestal e doutor em Ciência do Solo, uma forma de garantir a qualidade do solo — e evitar a poluição — é não utilizar fertilizantes e defensivos químicos sem a orientação de um agrônomo. Também é necessário fazer análises de solo periódicas e adequar o manejo às características locais. Em culturas irrigadas com águas salobras, por exemplo, orienta-se recorrer a técnicas mais eficientes de irrigação e implantar sistemas de drenagem para impedir a salinização.

Outras técnicas mencionadas por Josinaldo para a conservação do solo são o plantio direto, referente ao cultivo sobre os restos da cultura anterior; o plantio em terraços ou curvas de nível, quando o terreno é íngreme; e a aduba-

ção orgânica. “Além disso, é recomendado o controle do número de animais por unidade de área, para evitar a compactação do solo, a qual poderá levar à erosão. Também é recomendado o uso racional da aração e da gradagem, fazendo o controle da pressão dos pneus dos tratores, do número de passadas no terreno e entrando com o trator no solo sob uma umidade adequada”, complementa o engenheiro florestal, que atua como professor do Centro de Tecnologia e Recursos Naturais (CTRN), na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Foto: Arquivo pessoal



A forma mais simples de uso do solo, desde sempre, foi a agricultura

Jonas Otaviano de Souza



Dia Mundial será celebrado nesta semana, em 5 de dezembro

Na Paraíba, clima vegetação e tipos de rocha proporcionam variedade

Se conhecer as características de cada solo é fundamental para sua preservação, vale compreender como são as terras sobre as quais os paraibanos vivem. Segundo Jonas, os principais elementos que influenciam a formação dos solos são o clima, a vegetação, os tipos de rocha e o tempo de desenvolvimento. Desse, os que mais impactam a diferença entre as regiões da Paraíba são a variação climática e a formação rochosa.

“Enquanto no Litoral, que é úmido, a gente vai ter solos mais desenvolvidos, na região semiárida, que é seca, os solos são menos desenvolvidos. Além dessa questão climática, há variações devido ao tipo de

rocha. Por exemplo, no Litoral, existem áreas de tabuleiro, com rochas sedimentares, que geram solos arenosos e bem profundos, diferentes dos solos argilosos do Brejo e dos solos rasos e pedregosos do Semiárido. Mas, se você for para a região de Sousa e de São João do Rio do Peixe, onde existe uma bacia sedimentar, os solos já são mais profundos”, descreve o professor da UFPB.

A diversidade dos solos paraibanos deságua, assim, na variação de seus usos. Josinaldo afirma que os solos argilosos do Brejo, por exemplo, são explorados com a plantação de cana-de-açúcar. Por outro lado, o Sertão do estado possui um tipo chamado lu-

vissolo crômico, marcado por boas características químicas, como um pH adequado, mas pouco utilizado pela agricultura por causa da escassez hídrica, da pedregosidade e do relevo inclinado. Ainda assim, foi palco, no século passado, para a cultura do algodão e para a criação de gado. Outra categoria destacada pelo docente da UFCG é a dos solos jovens, ou neossolos, que ocupam quase metade (47,5%) do território da Paraíba. Apesar de sua alta concentração de minerais, os neossolos têm pouca profundidade e são íngremes, o que limita o cultivo — à exceção dos neossolos flúvicos, localizados nas margens dos rios e mais adaptados à produção agrícola.

Poluição, compactação e erosão estão entre as principais ameaças

De acordo com Josinaldo, os principais fatores que prejudicam os solos, na Paraíba, são a poluição, a compactação, o excesso de sais e a erosão. Na região sertaneja do estado, a degradação está ligada, principalmente, à erosão, intensificada por ações humanas, como as queimadas e o desmatamento.

Esses locais sofrem ainda com a compactação, causada pela concentração excessiva de animais e máquinas, o que diminui a infiltração de água durante as chuvas. “Já nas áreas irrigadas, o excesso de sais tem

sido a principal causa, substancialmente devido ao uso de água salobra, à adubação sem critérios e a sistemas de irrigação ineficientes. É preciso salientar que um centímetro de solo pode levar mais de mil anos para se formar, enquanto um único evento de precipitação pode consumir esta mesma camada de solo”, alerta o professor.

Especialmente no Semiárido, o estado do solo tem preocupado os especialistas, uma vez que a desertificação, fenômeno que transforma terras férteis em regiões áridas, intensifica os prejuízos. “Esses são ambientes em que, como existe naturalmente um estresse hídrico durante uma parte do ano, a vegetação não tem o mesmo vigor de recuperação e demora um tempo a mais para isso. Mas, com o aumento

das secas extremas, por causa das mudanças climáticas, a vegetação não consegue se recuperar e acaba-se tendo um maior nível de degradação do solo”, esclarece Jonas.

O geógrafo defende que a solução para combater esse cenário é investir em revegetação. “A gente tem que trabalhar em projetos ativos de recuperação da Caatinga, não só nas áreas de conservação, mas, principalmente, nas terras degradadas que não são utilizadas para pasto intensivo nem para agricultura. Nas regiões da Borborema e do Cariri paraibano, existem extensas áreas que foram plantações de algodão e, hoje em dia, não são usadas. Esses são locais em que a gente está perdendo carbono, mas que têm um potencial de recuperação muito grande”, comenta.

Saiba Mais

Por que 5 de dezembro?

O Dia Mundial do Solo foi oficializado pela FAO em uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2013. A ideia de reservar uma data para isso, porém, surgiu em 2002, durante um congresso da Sociedade Internacional de

Ciência do Solo (IUSS), realizado em Bangkok, na Tailândia. A escolha pelo 5 de dezembro tem a ver, então, com a origem de tudo: o quinto dia do último mês do ano era o aniversário do rei tailandês à época, Bhumibol Adulyadej.



O futebol de Patos está em alta, com o retorno do clássico representado pelo Pato (Esporte) e pelo Nacional (Canário)



ESPORTE X NACIONAL

Clássico patoense volta após cinco anos

Maior novidade do Campeonato Paraibano da próxima temporada é o reencontro dos rivais de Patos

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

A edição de 2025 do Campeonato Paraibano protagonizará grandes clássicos do futebol local. Em João Pessoa, Botafogo-PB e Auto Esporte farão o tradicional Clássico Botauto. Em Campina Grande, Treze e Campinense jogarão o Clássico do Maiorais. No Sertão do Estado, em Patos, Nacional e Esporte voltarão a duelar na elite após cinco anos, pelo clássico patoense. Esses confrontos já decidiram títulos e promoveram grandes histórias.

Nacional x Esporte de Patos é o duelo que está há mais tempo sem ocorrer no certame estadual. Os dois clubes da cidade do Sertão da Paraíba se enfrentaram na elite estadual pela última vez em 10 de fevereiro de 2019, em jogo válido pela quinta rodada da fase classificatória. O Canário venceu o Patinho por 2 a 1.

No próximo ano, a partida entre os dois times acontecerá na quarta rodada da competição. Diante da expectativa da cidade pelo enfrentamento, o Jornal **A União** conversou com os presidentes Thiago Cintra, do Nacional, e Bruno Marlon, do Esporte. Os gestores falaram sobre a preparação das equipes e dificuldades na montagem do elenco.

Além disso, falaram sobre as parcerias para pagar os atletas que estão chegando.

“É interessantíssimo para a cidade e para os torcedores. Eu vejo o Esporte, um time chegando da Segunda Divisão, um time com um administrador muito competente, inclusive um amigo meu pessoal. A rivalidade só ocorre em campo, somos amigos pessoais. Frequento a casa de Bruno, sou convidado no aniversário dele, saímos para tomar café e bater papo. Mas, no campo, vai ter aquela rivalidade boa, disputa de clássico que volta a acontecer depois de muitos anos. Isso é muito bom para os dois times e para o futebol”, afirmou Cintra.

O clássico patoense, de acordo com o site Acervo do Futebol Paraibano, acontece desde 1965. Durante esse período, foram registradas cerca de 25 partidas oficiais. Os números são incertos porque houve épocas em que ambos interromperam suas atividades. Além disso, em muitos anos, os dois estiveram em divisões diferentes. Uma das maiores goleadas do confronto foi em 1976, quando o Nacional venceu por 7 a 1.

“Estamos trabalhando forte para alcançar nossos objetivos. Essa partida vai abrilhantar o campeonato. Criou-se uma expectativa muito boa para a volta do clássico; após

cinco anos, Esporte e Nacional se reencontram na Primeira Divisão. Vai ser interessante para a cidade em todos os aspectos possíveis”, comentou Bruno.

Planejamento do Nacional

“Conforme nosso planejamento, os atletas vão começar a chegar em Patos a partir do dia 9 de dezembro, quando iremos iniciar nossas atividades e exames médicos; depois começa a rotina de treinos. Temos amistosos dia 21 e 29. A expectativa é muito boa”, explicou Thiago Cintra, que esteve envolvido nas contratações de Derlei, Rogério e Kiesa, atletas de renome que vestirão a camisa do Nacional em 2025.

“Nossos atletas são nomes que trazem uma representatividade, uma pluralidade para a competição. São grandes jogadores que vão somar tanto para o Nacional como também para o Paraibano. O comércio da cidade de Patos nos apoia muito bem; com isso o planejamento para 2025 pode acontecer com muita tranquilidade”, acrescentou.

Thiago Cintra falou do ambiente que espera encontrar nos jogos da equipe, realizados no Estádio José Cavalcanti. “Antes, é preciso ressaltar que, apesar da boa condição financeira, não estamos com uma situação definida; precisamos do nosso torcedor. O nosso torcedor é

o combustível principal desse time. O que nós conseguimos de planejamento com patrocínios equivale a 40% da nossa despesa. A principal receita vem da torcida”, destacou o dirigente.

“Nós precisamos tanto do sócio-torcedor como da nossa torcida presente no José Cavalcanti, fazendo a festa, empurrando o time, aumentando nossa bilheteria. Além disso, que eles comprem nossos brindes para poder ajudar e acrescentar nesse planejamento de 2025 para fortalecer ainda mais nosso elenco”, completou Cintra. O Nacional joga a Primeira Divisão ininterruptamente desde 2018. Em 2025, as expectativas são altas. O principal dos objetivos é uma vaga em competições nacionais. “Enxergamos que será um campeonato muito acirrado, com bons times. Serão 10 times muito fortes. Mas nossa meta é buscar uma classificação para a Série D”, ressaltou o presidente do Canário. O clube tem um título estadual, conquistado no ano de 2007.

Planejamento do Esporte

Recém-promovido para a Primeira Divisão, o Esporte de Patos atrasou em alguns dias o planejamento da pré-temporada. De acordo com o presidente Bruno Marlon, devido ao curto espaço de tempo entre o fim da Segunda Divisão e o co-

meço da temporada 2025, não houve tempo suficiente para mobilizar jogadores e comissão técnica. Mas o dirigente afirmou que os trabalhos visando o Estadual se iniciam na segunda semana de dezembro. Boa parte do elenco já foi anunciado.

“A gente teve pouco tempo de trabalho desde o fim da Segunda Divisão: 45 ou quase 50 dias. Parte do elenco foi anunciado durante a semana. Quanto à comissão técnica, tivemos que procurar um novo nome para comandar o clube; tínhamos treinador, mas ele fez um pré-contrato fora do estado. Então foi preciso reestruturar tudo. Mas o Esporte continua dando passos largos. Nessa última semana, a gente fechou algumas parcerias que vão fortalecer nossa equipe”, falou Bruno.

“A expectativa é muito positiva, diante de um cenário de um clube que vem da Segunda Divisão. Houve algumas dificuldades, mas já estamos direcionando todo planejamento para os enfrentamentos da Primeira Divisão. Vamos contar também com o dinheiro do Departamento Estadual de Trânsito (Detran), de uma parceria com o Governo do Estado, para ajustar nosso orçamento e o nosso elenco. O objetivo é fazer uma competição digna e garantir a permanência”, concluiu o dirigente do Patinho.

MUNDIAL FEMININO

Gabi diz que título no Brasil é a meta

Destaque nas Olimpíadas de Paris, jogadora do Corinthians vê a Seleção em grande evolução com Arthur Elias

Gabi Portilho foi uma das estrelas do Brasil na campanha da medalha de prata no Torneio Olímpico de Futebol Feminino de Paris 2024. A jogadora conhece bem o DNA desta Seleção Brasileira comandada por Arthur Elias: ela atua no Corinthians, clube que foi multicampeão com ele como técnico e é uma influência natural para a equipe canarinho. A mentalidade competitiva está ali, e a garantia é de que o Brasil está crescendo.

O crescimento deslançou em agosto, no mata-mata das Olimpíadas, quando a Seleção venceu as fortes França e Espanha — com gols de Gabi Portilho nos dois jogos — e chegou à final contra os Estados Unidos; o tão sonhado ouro foi adiado (com derrota por 1 a 0 para as americanas), mas o Brasil voltou a ser aplaudido e elogiado por sua torcida. A campanha resgatou a confiança e a autoestima do futebol feminino brasileiro.

Meses depois, em novembro, todos os envolvidos já tiveram tempo para analisar aquela campanha olímpica. De onde veio a força do Brasil no mata-mata após uma primeira fase conturbada? E o que faltou até o ouro? Tudo isso enquanto sonham com o título da Copa do Mundo Feminina da Fifa 2027, que será disputada em solo brasileiro.

São perguntas que Gabi Portilho foi convidada a responder na entrevista exclusiva à Fifa.

■ *Você e Arthur Elias trabalham juntos há muito tempo. O que você sentiu quando ele foi escolhido como técnico da Seleção?*

Um cara muito merecedor. Por tudo que fez no futebol feminino e no Corinthians, ele merecia chegar à Seleção e ser reconhecido como vem sendo. Então, fiquei muito feliz mesmo porque ele trabalhou muito. Mas, em nenhum momento, achei que seria convocada ou estaria lá só por ele me conhecer. Pelo contrário, a exigência seria maior.

■ *Nas Olimpíadas, o que fez vocês crescerem tanto da fase de grupos para o mata-mata?*

A mudança foi após a derrota para o Japão, que fez a gente ir para o jogo contra a Espanha dependendo de outros resultados. Acho que isso fez a gente despertar e entender que estava em um momento único, que não voltaria, e que a gente tinha que dar o nosso melhor e aproveitar a oportunidade como nunca. Dali para o mata-mata, a gente foi com tudo para viver o nosso sonho e fazer valer a pena. Tudo que aconteceu na fase de grupos foi importante para que a gente mudasse a mentalidade e a atitude no mata-mata.

■ *Brasil x França, 81 minutos, e você roubou a bola na cara do gol. O que passou pela sua cabeça naqueles segundos de tomada de decisão antes de marcar?*

Para falar a verdade, eu nem sei o que passou na minha cabeça, eu só fui. Deus me usou naquele momento, porque hoje eu vejo o vídeo do gol e ainda fico sem acreditar, sabe? Eu, de verdade, não me lembro. Não lembro nem de ter escolhido o canto, nem de ter olhado a goleira! Com certeza, foi o gol mais importante da minha vida, no jogo mais importante que eu pude viver. Isso está marcado para sempre na minha memória, até me emociono.

■ *O seu gol contra a França foi fruto de uma roubada de bola, forçando o erro da adversária. Contra a Espanha, foi uma jogada ensaiada, e você sabia o movimento que deveria fazer para receber o lançamento. Qual dos dois gols foi mais gostoso?*

Ah, foram gols diferentes. Acho que o da França foi bom por acreditar até o final, e o da Espanha foi algo trabalhado; por trabalhar também com a Yasmim no Corinthians, eu a conheço muito bem, então o cruzamento foi muito bom. Os dois gols foram bem emocionantes, mas acho que contra a França, para mim, foi mais especial, por eliminá-las na casa delas, quebrar um tabu e colocar a gente em uma semifinal de Olimpíadas.

■ *Vocês já conseguiram entender o que faltou para conquistar o ouro?*

O que faltou mesmo foi colocar a bola para dentro. A gente teve muitas chances e acabou desperdiçando, então acho que o que faltou mesmo foi fazer gol. Mas a gente está no começo. Apesar de o trabalho ser recente, depois de 16 anos, a gente chegou em uma final olímpica. O Brasil está no caminho certo para obter outros resultados, chegar em finais, conquistar o ouro em outras competições. É trabalho, né? Trabalhar, trabalhar e trabalhar, porque não se ganha nada antes. O Brasil está crescendo de novo, e é isso que importa.

■ *Você já disse: "Eu sou prata com muito orgulho". Qual é a importância dessa medalha?*

Essa prata valeu ouro por tudo que a gente fez. Depois de 16 anos, chegamos a uma final eliminando as donas da casa [França] e passando por uma Espanha campeã mundial. Então, apesar do resultado, a gente tem de valorizar tudo que fez. Foi a primeira Olimpíada de muitas. A gente tem de valorizar o futebol brasileiro, que vem crescendo, e essa prata mostrou que existe potência, que o Brasil pode chegar mais longe. Eu confesso que foi um mix de sentimentos; a gente merecia muito o ouro por tudo que fez ali. Tivemos muitas oportunidades, poderíamos ter matado o jogo, mas, ao mesmo tempo, tenho orgulho por tudo que a gente fez, por ter chegado à final tantos anos depois e levando a prata para casa com meninas tão jovens e um

trabalho tão recente. A minha ficha ainda nem caiu; às vezes eu olho a medalha e nem acredito. Estou muito orgulhosa e muito feliz por tudo que o Brasil vem construindo.

■ *Seu sonho é jogar a Copa do Mundo Feminina da Fifa no Brasil em 2027?*

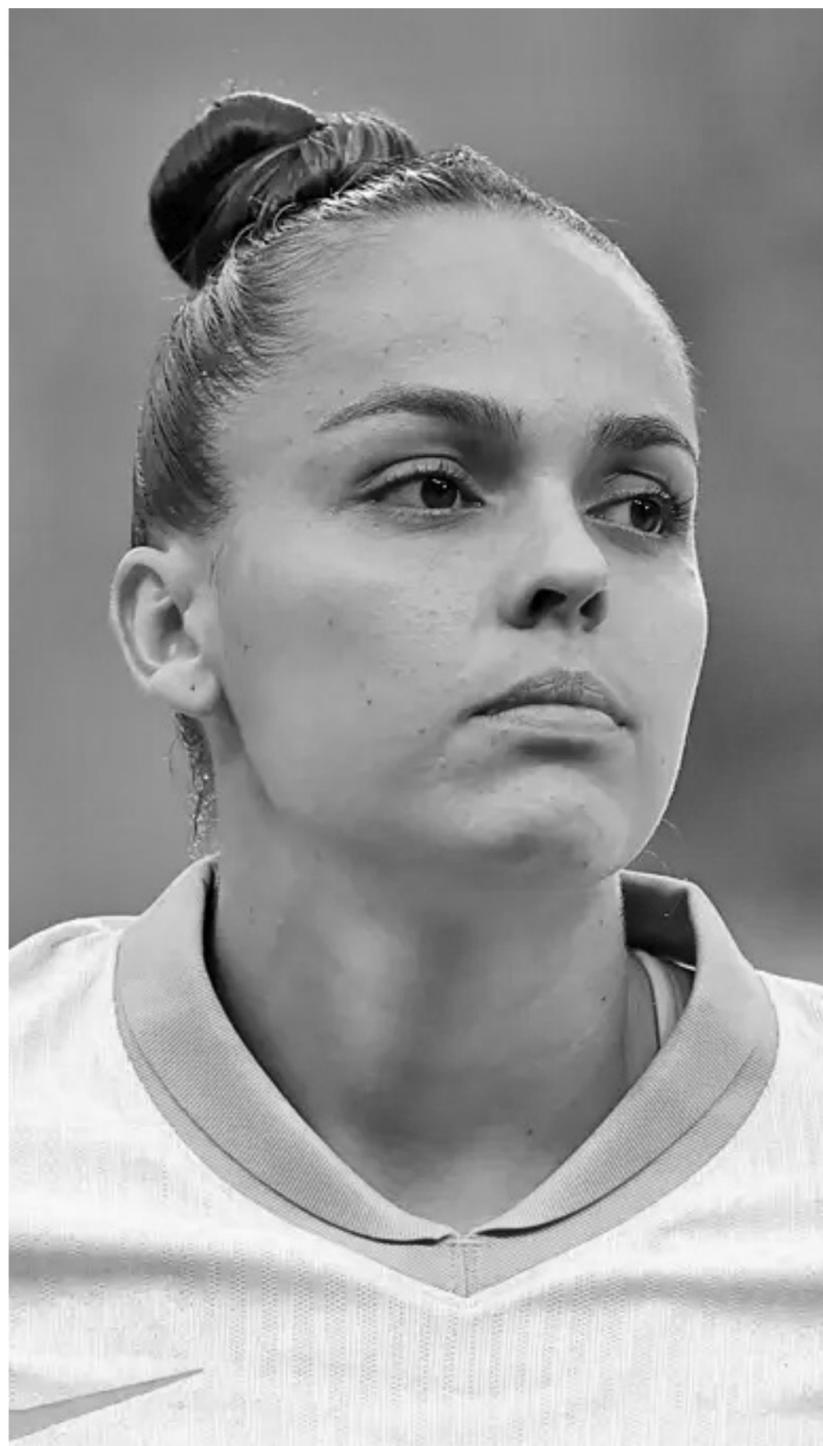
Com certeza, meu sonho é jogar uma Copa do Mundo, ainda mais sendo em casa, no Brasil, então eu vou trabalhar muito mesmo para estar lá, ajudar e trazer o ouro.

■ *Você terá 32 anos. É uma boa idade?*

É claro que agora eu nem olho tanto a idade, porque nem parece que tenho 29 anos hoje, mas espero chegar bem. Irei trabalhar e cuidar do meu corpo, porque a gente sabe que, para mulher, é muito mais difícil, mas espero estar lá, poder viver isso em casa e trazer o tão sonhado ouro para o Brasil.

■ *O fato de que vocês se acostumaram a competir por títulos no Corinthians e disputar grandes jogos todos os anos é um trunfo dessa Seleção?*

Cara, ter vivido tantos momentos aqui no Corinthians — mata-mata, finais e títulos — nos fez amadurecer muito e ter uma força mental. Porque não é só físico, é muito mais mental dentro do jogo, ainda mais em jogos importantes. Ajudou bastante viver grandes coisas aqui no Corinthians. A gente tem uma força mental para lidar com jogos como esse.



Gabi terá 32 anos em 2027 e não vê problema com a idade para disputar o Mundial



Arthur Elias e Gabi Portilho, uma sintonia que vem dando muito certo no Corinthians e também na Seleção Brasileira



Gabi fez gols decisivos contra a Espanha e a França nos Jogos Olímpicos de Paris, onde a Seleção chegou a disputar o ouro

BRASILEIRÃO

Fla recebe o Inter hoje, no Maracanã

Time gaúcho ainda se mantém na briga pelo título da competição, mas o Rubro-Negro apenas cumpre tabela

Da Redação

A 36ª rodada do Brasileirão será finalizada hoje, com cinco partidas. Às 16h, ocorrem dois confrontos: na Arena do Grêmio, em Porto Alegre, o Tricolor gaúcho recebe o São Paulo (Premiere); no Maracanã, no Rio de Janeiro, jogam Flamengo e Internacional (TV Globo). Os outros três jogos acontecem às 18h30: no Barradão, em Salvador, duelam Vitória e Fortaleza (SporTV e Premiere); no Nabi Abi Chedid, em Bragança Paulista, tem Red Bull Bragantino x Cruzeiro (Premiere); e, na Ligga Arena, em Curitiba, enfrentam-se Athletico-PR e Fluminense (CazéTV).

Ainda sonhando com o título, o Internacional visita o Flamengo em busca de mais uma vitória no Brasileirão. O Colorado sustenta uma invencibilidade de 16 jogos na competição; sua última derrota aconteceu no dia 18 de agosto, quando perdeu por 1 a 0 para o Atlético-GO. Com 65 pontos, o time gaúcho precisa dos três pontos para se aproximar do Botafogo, que tem 73. Empate ou derrota acabam com as chances de ser campeão da equipe de Roger Machado.

Para o Flamengo, a partida desta tarde será usada como laboratório para jovens garotos da base. Mas o Rubro-Negro ainda tenta finalizar a Série A no G4. Hoje, tem 63 pontos, ocupando a quinta colocação, duas posições

abaixo do Inter. Filipe Luís terá três jogos para dar rolagem e oportunidade a jogadores que tiveram poucos minutos em campo em 2024.

Conforme o site.ogol.com.br, as duas equipes se enfrentaram em 88 jogos por todas as competições oficiais, com 29 vitórias do Flamengo, 26 empates e 33 triunfos do In-

ternacional. No Rio de Janeiro, foram disputados 40 jogos, com 23 vitórias do time carioca, nove empates e oito triunfos do clube gaúcho.

Athletico-PR x Fluminense

A Ligga Arena estará com sua capacidade máxima na partida entre o Furacão e o Fluminense. A torcida do

CAP esgotou os ingressos disponíveis para o duelo desta noite. No encontro com o time carioca, a equipe paranaense pode concretizar sua permanência na Série A. O Athletico-PR tem 41 pontos, três a menos que o 17º colocado; o triunfo e uma combinação de resultados favoráveis o deixa a seis pontos do Z4,

não tendo mais risco de entrar na zona de descenso nas duas últimas rodadas.

Para o jogo de hoje, o Furacão tem três desfalques confirmados: o volante Erick, o zagueiro Kaíque Rocha e o lateral-direito Madson. Uma novidade nos donos da casa pode ser o retorno do atacante Canobbio, que não joga desde o dia 17 de outubro. Ele se recupera de um edema ósseo no osso sacral; durante a semana, o uruguaio fez um trabalho de transição física.

Com 39 pontos, o Fluminense iniciou a rodada na 16ª colocação na tabela do Campeonato Brasileiro. O clube faz contas para se salvar e garantir a permanência na elite do torneio nacional. O Tricolor não vence há cinco partidas, acumulando três empates e duas derrotas. Sua última vitória foi justamente contra o Athletico-PR (1 a 0), dia 22 de outubro, em partida atrasada da 17ª rodada.

Para voltar a vencer, Mano Menezes reforçou a necessidade de atacar os adversários e ser objetivo nas finalizações: “É necessário fazer gols para vencer os jogos, é necessário fazer gols para se pontuar. Eu acho que a gente fez poucos gols na temporada e acho que a nos-

sa equipe tem dificuldade de encontrar o caminho que te aproxima mais do gol. A gente conclui pouco; com o volume que tem, a gente conclui pouco, e a gente precisa melhorar essa condição urgente”, disse o treinador após a última partida.

Athletico-PR e Fluminense se enfrentaram 60 vezes em partidas oficiais. Os paranaenses acumulam 26 vitórias, e ainda houve 11 empates e 23 triunfos dos cariocas. Nos três últimos confrontos, o clube das Laranjeiras levou a melhor e saiu sem ser derrotado, venceu dois e empatou um.



No jogo válido pelo primeiro turno, no Beira Rio, Inter e Flamengo empataram em 1 a 1 e hoje voltam a se enfrentar pela 36ª rodada do Brasileirão



Depois de empatar sem gols contra o Criciúma, em casa, o Fluminense joga com a obrigação de vencer o Athletico-PR

Jogos de hoje

- 16H
Grêmio x São Paulo
Flamengo x Internacional
- 18H30
Vitória x Fortaleza
Bragantino x Cruzeiro
Athletico-PR x Fluminense

GOLDEN BOY

Yamal é consagrado como melhor jogador sub-21 do mundo

Agência Estado

Principal revelação do Barcelona nos últimos tempos, o atacante Lamine Yamal teve o seu talento reconhecido ao ser anunciado como vencedor do Golden Boy, destinado ao melhor jogador sub-21 do mundo, na última quarta-feira (27). A entrega do troféu acontece no próximo dia 16, em Turim. A premiação é organizada pelo jornal italiano Tuttosport.

Aos 17 anos, a joia do clube catalão viveu realmente um ano especial, já que foi uma das peças importantes na conquista do título da Eurocopa 2024 com a Seleção Espanhola.

Na eleição, Arda Güler, do Real Madrid, ficou com a segunda colocação, enquanto Warren Zaire-Emery, do Paris Saint-Germain, terminou em terceiro. Yamal se tornou o atleta mais jovem a ganhar o prêmio. Além disso, ele já ha-

via conquistado o Troféu Kopa no mês passado, durante cerimônia do Bola de Ouro.

Toni Kroos também foi lembrado pelos organizadores. O astro alemão foi escolhido o jogador do ano. No entanto, o dia foi mesmo do Barcelona, que também se destacou no futebol feminino.

A meia Vicky López recebeu o prêmio Golden Girl, enquanto a sua companheira de time Aitana

Bonmatí foi eleita a jogadora do ano. Em seu site oficial, o clube catalão fez questão de divulgar o feito de seus atletas.

“O FC Barcelona foi o grande vencedor no anúncio de hoje dos prêmios Golden Boy apresentados pelo jornal esportivo italiano ‘tuttosport’. Lamine Yamal, Vicky López e Aitana Bonmatí receberão os prêmios na cerimônia em Turim”, diz parte do trecho da postagem.



Yamal, do Barcelona, foi destaque na Eurocopa de 2024

JOGOS DA JUVENTUDE

Atletismo paraibano mostra evolução



Diogo Kauã, Vinicius Oliveira e Vitória Silva conquistaram quatro medalhas para o atletismo

Brilhantismo dos atletas fez a Paraíba conquistar uma posição de destaque no quadro de medalhas, sendo o segundo melhor estado do Nordeste, com a conquista de 12 medalhas, e o nono do Brasil

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Os Jogos da Juventude 2024, encerrados na última quinta-feira (28), em João Pessoa, renderam à Paraíba a nona colocação geral e a segunda posição das regiões Norte e Nordeste (atrás apenas de Pernambuco, nesse quesito). O quadro de medalhas da competição organizada pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB) contabiliza 12 medalhas, sendo cinco ouros, três pratas e quatro bronzes, levando em conta somente a primeira divisão nas disputas.

O maior destaque foi o atletismo, no qual os representantes do estado anfitrião conquistaram três condecorações douradas (Vitória Silva, na marcha atlética; Diogo Kauã nos 200 m rasos; Vinicius Oliveira nos 3000 m) e uma prata (Diogo Kauã nos 100 m rasos). Em 2023, conquistou apenas um bronze, em Ribeirão Preto. O resultado positivo nesta edição é, no entanto, uma soma de esforços e a constatação de uma evolução crescente que a modalidade vem tendo nos últimos anos. Quem afirma isso é um dos técnicos responsáveis pelo grupo paraibano na competição estudantil, Carlos Alberto, o Carlinhos.

“A gente já tinha uma expectativa muito boa em relação a essa equipe de atletismo, porque ela vem numa evolução; a gente observa isso em edições passadas, onde, mesmo sem conquistar medalha, atletas vinham chegando à final pela primeira vez, vinham se aproximando e tornaram realidade agora. Os Jogos são divididos em uma categoria que envolve atletas de 15 a 17 anos, então, no primeiro ano, eles já conquistaram várias finais e a gente vem com resultado pra culminar, agora. A Paraíba termina como o melhor estado do Norte-Nordeste de atletismo, com essas três medalhas de ouro e uma de prata”, disse.

“A gente tinha uma projeção, e saiu até melhor que ela. A gente pro-

jetava duas de ouro e duas de prata, e saímos com três de ouro e uma de prata. Mas foi dentro do que a gente esperava, pelo resultado que eles vêm fazendo durante o ano; foi um ano de muitas competições, e a Paraíba vem sendo destaque em diversas dessas”, acrescentou ele.

Para Carlinhos, esse panorama positivo é fruto, também, do investimento na base e na descoberta de talentos no interior do estado. “O atletismo aqui, hoje, conta com diversas competições, desde as categorias abaixo de 16 anos, atletas com 13, 14, 15, festivais que foram realizados; além disso, o crescimento do atletismo no interior, porque a gente tem, hoje, uma pista nova de atletismo em Campina Grande. A nossa delegação é composta por 22 atletas; acho que dois terços dessa delegação são feitos por atletas do interior da Paraíba. Então, essa busca, essa visão de um atletismo mais amplo, não só dentro dos grandes centros, mas com representantes de diversas cidades, é muito importante”, explica.

O megaevento esportivo é uma das grandes oportunidades que permitem aos jovens iniciarem sua vida esportiva, após uma jornada que se inicia na sua própria cidade e culmina na participação nacional. O professor defende que é justamente aí que reside a importância desse evento.

“Um fato muito interessante dessa competição, principalmente no

“

A gente tinha uma projeção, e saiu até melhor que ela. A gente projetava duas de ouro e duas de prata, e saímos com três de ouro e uma de prata

Carlos Alberto

meio escolar, é que é a competição mais democrática, onde você tem atletas de todo o estado que podem participar, que vão participar de uma etapa regional, uma etapa estadual, até chegar ao nacional. Então, eles não precisam estar vinculados a um grande clube; eles vêm das escolas e vêm trazendo um esporte básico, que é o atletismo”, elucidou Carlinhos.

“A gente tenta manter sempre o contato com os professores, com os técnicos desses atletas, tentando ajudá-los da melhor maneira dentro da competição, para que a gen-

te consiga ter um melhor desempenho. São competências que a gente já vem estudando, projetando e pensando para chegar ao ápice. Então, esse vínculo, esse processo de treinamento é um processo de parceria direta com os técnicos, treinadores de cada um; isso nos ajuda a crescer cada vez mais”, adicionou.

Carlinhos faz uma última avaliação do desempenho obtido pelo grupo paraibano na competição estudantil, em casa, e diz estar confiante para o futuro.

“Como eu conversava com o chefe da delegação, o Zé Hugo, o atletismo não trouxe só os resultados de medalha. A gente tem uma expectativa crescente. Quase toda a nossa delegação fez final de competição, estava ali entre os melhores, e são atletas que estão com idade mínima, que é a idade de 15 anos até os 16 anos; o Diogo mesmo ainda tem mais de um ano de competição, dentro da idade escolar. Então, a nossa projeção para a frente também é de estar brigando por mais medalhas. Não foram medalhas casuais, esse é um futuro que a gente tem”, finaliza ele.

“Tivemos três medalhistas. O Diogo, ele ganhou uma medalha de ouro e uma medalha de prata; isso é uma projeção muito positiva. O Diogo ainda é um atleta que tem mais um ano dentro da categoria escolar; é o primeiro ano dele do Sub-18, é o atual recordista brasileiro do Sub-

16; na categoria de base, e está focado, os meninos estão focados em conseguir algo maior. O Vinicius, lá na cidade de Pilõesinhos, é bicampeão da prova, é campeão brasileiro, tem o melhor tempo da temporada. Ele está em busca de cada vez melhorar a sua marca, mais e mais. Tem como treinador o Pedrinho, que, para quem conhece o atletismo, é referência, treinador de Petrucio Ferreira, que vem trabalhando muito bem com ele nessa projeção. Já Vitória, atleta do professor Tanio, de Campina Grande, uma marchadora, uma modalidade que não está há tanto tempo nos jogos escolares, mas que traz junto com ela diversos outros atletas que vêm trabalhando junto. E a gente acaba de ter uma medalha olímpica na marcha atlética, o Caio Bonfim, que estava na competição, e que nos projeta para um futuro promissor com o atletismo da Paraíba igualmente”, descreve Carlinhos.

Encerrados os Jogos da Juventude, as atenções se voltam, agora, para o Campeonato Sul-Americano Sub-18, na cidade argentina de San Luis, entre a própria sexta-feira (6) e o domingo (8). Três atletas paraibanos, além do técnico Tânio José, foram convocados para integrar a Seleção Brasileira.

“A expectativa está grande. Você mesmo ouviu quando conversaram com o Diogo. a gente está focado nessa competição; para muitos, a primeira competição fora. Os meninos tiveram a experiência, tanto o Diogo quanto o Vinicius, no Bahrein, no Mundial Escolar, participando há pouco tempo. A Vitória também vem com a experiência da marcha atlética; no ano passado teve terceiro lugar no Sul-Americano. Então, a expectativa é de medalha, de agora, para o Brasil; eles não vão só para viajar, não. Eles não vão fazer turismo, não. Pode esperar que logo, logo, vocês estarão fazendo matéria com os novos medalhistas”, projetou, confiante, o técnico.



Foto: Roberto Guedes

Todas as provas de atletismo nos Jogos da Juventude foram realizadas na pista da Vila Olímpica Parahyba

HISTÓRIA

Preta Páscoa Vieira e a história de Mãos Brancas

Obra resgata uma grande representante africana, incluindo também informações sobre a escravidão, a Santa Inquisição e o Brasil e Portugal na virada do século 18

Ademilson José
Especial para A União

É muito fácil, até fácil demais, contar a história de uma pessoa. Por complexa, grandiosa ou desastrosa que ela seja, não há dificuldade nenhuma. E, de certa forma, a mesma coisa poderíamos dizer em relação a um país inteiro, à Santa Inquisição e à escravidão, por exemplo. Agora, contar a história de uma pessoa e, ao mesmo tempo, de tudo isso junto não é nada fácil.

Porém, com muita maestria, foi isso que fez a escritora francesa Charlotte de Castelnu-L'Estoile, em seu livro *Páscoa Vieira diante da Inquisição – uma escrava entre Angola, Brasil e Portugal no Século XVII* (Editora Bazar do Tempo). Ao se propor a contar a vida de uma mulher negra, ela acabou fazendo muito mais para a história do Brasil, mais precisamente para a história colonial.

Contada em 280 páginas, com cenas cinematográficas e depoimentos impactantes, a história começa com um fato banal: a transferência da negra Páscoa de Angola ao Brasil, para Salvador. Banal porque, à época, isso fazia parte da vida de milhões de africanos que, ao longo de quatro séculos, se viram arrancados de suas terras para servirem de escravizados nos mais diversos recantos do mundo.

O sofrimento de muitos desses negros e negras pode ter ficado somente na escravização. Mas o de Páscoa não. Resultou num processo bastante volumoso que durou 10 anos (1693 a 1703) e que, da denúncia, em Salvador, ao julgamento, em Lisboa, fez oito travessias do Atlântico.

Tudo porque, nascida em Angola, antes de ser transferida com 26 anos, Páscoa vivia com o negro Aleixo, em uma comunidade chamada Massangano. Ocorre que sua transferência se deu sem Aleixo e, ao que se sabe depois, o senhor deles dois (Pascoal da Mota Teles) teria feito isso não por acaso, mas porque pretendia separar um do outro. Na comunidade, eram tidos como “um casal desunido”.

Tudo parecia continuar na normalidade, mas o azar de Páscoa é que, mesmo Salvador já sendo uma cidade com população entre 20 e 30 mil pessoas, e com centenas de senhores comprando negros que vinham dos mais diversos recantos do enorme continente africano, ela acaba sendo comprada e se estabelecendo, justamente, na propriedade de Francisco Álvarez Távora, que, pouco tempo depois iria receber a visita de um primo que morava em Angola.

Assim que chegou na propriedade do parente, o visitante encon-

Páscoa foi acusada do crime de bigamia; ela casou-se, no Brasil, sendo que seu primeiro marido ainda estava vivo, em Angola



Ilustração: Tônio

tra e reconhece Páscoa, e estranha que, contrariando as leis de então, ela estivesse casada com outro negro, em Salvador. Como conhecia o companheiro anterior dela e como sabia que ele ainda estava vivo, o visitante conta sua descoberta ao primo, ao novo senhor de Páscoa, que, como homem muito religioso, entra em pânico.

Bigamia e santo ofício

Não era à toa. Apesar de tratar os negros escravizados como meras mercadorias, a elite controlava a vida deles, do batizado ao falecimento. No caso do poder religioso, do Santo Ofício, esse controle era ainda mais acirrado também em relação ao casamento. Tanto que a bigamia era pecado vigiado noite e dia. Então, se era casada com Aleixo e ele ainda estava vivo, em Angola, Páscoa jamais poderia ter se casado com Pedro, ou com qualquer outro homem, em Salvador.

Com medo de ser punido como cúmplice, o senhor de Páscoa parte para confessar/denunciar o caso de sua escravizada junto ao Santo Ofício. E é aí que começa o calvário jurídico. Contra ela, claro, sobravam testemunhas. Andreza da Cunha, por exemplo, sogra do seu primeiro senhor, Pascoal da Motta Telles, diz em depoimento perante o Santo Ofício que Páscoa teria sido embarcada sozinha “por ser desinquietada e fugitiva, e deixar o marido (o negro Aleixo) por outros sujeitos”.

Quem vai lendo a história, em nenhum momento chega a se convencer disso. Até porque, mesmo se abastecendo de tantos depoimentos comprometedores, o Santo Ofício jamais conseguiu a principal prova do suposto crime que seria o documen-

to oficial do suposto primeiro casamento, em Angola. Mas qual o poder que não pode?

Em 1700, sete anos depois de aberto o processo, Páscoa é condenada a mais três de exílio em

Castro Marim, Portugal, longe de Angola e muito mais ainda de Salvador. E no epílogo – *O silêncio das fontes* –, a autora confessa que, apesar dos esforços, não conseguiu descobrir como foram os últimos

“A Preta Gertrudes”: paraibana que travou uma batalha na justiça pela sua liberdade

Por falar nisso, não teriam idêntico arrojado de pesquisa, mas há trabalhos locais com essa mesma filosofia. Assim que comecei a ler *Páscoa Vieira diante da Inquisição*, lembrei-me imediatamente do escritor Marcos Cavalcanti, autor do livro *A Preta Gertrudes*. Trata-se de uma escravizada paraibana aqui da várzea, que comprou sua liberdade ao patrão e que, durante 14 anos, também travou batalha na justiça.

No campo dos povos originários, temos o indígena potiguar paraibano Pedro Poti, que foi tema de um livro de José Fernandes de Lima. Curioso é que, quando ele desenvolveu a pesquisa, não tínhamos a mínima noção dos estudos sobre descolonização, sobre a história precisar ser recontada a partir do ponto de vista daqueles que nunca tiveram voz nem vez.

É porque, à época, nossa mentalidade e nossos projetos de estudo e pesquisa ainda sofriam muita influên-

cia da historiografia eurocêntrica, centrada nos interesses e no triunfalismo dos colonizadores europeus. Pena que, ao invés de questionar tudo isso, de buscar fonte original diversificada, os historiadores tenham saído reproduzindo os relatos deixados pelos escribas dos colonizadores europeus.

É por isso que, numa linguagem mais simples e coloquial, o que tínhamos e infelizmente ainda

temos, sobretudo em nossa base de ensino, em nossas escolas, é uma história marcada de preconceito e discriminação contra indígenas e africanos. Ou seja, “uma história de mãos brancas”, termo que, atribuindo ao historiador José Octávio de Arruda Mello, o antropólogo Carlos Alberto Azevedo, cravou certo dia em artigo publicado aqui mesmo neste jornal.

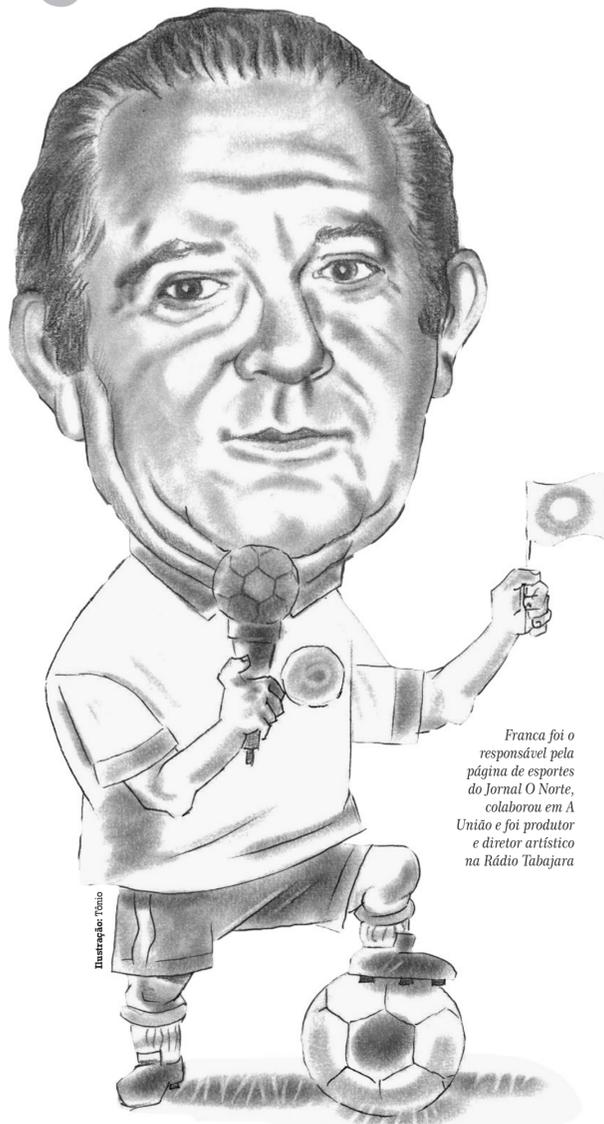
O livro de Páscoa Vieira vem, no mínimo, confirmar isso. Que a história não foi feita somente de Pedro Álvares Cabral, Martim Leitão e Maurício de Nassau, mas deles e também dos Iniguaçu, Paraupabas e das muitas, mas muitas pretas, como Maria Gertrudes e Páscoa Vieira.

A propósito, é por aí que a autora conclui seu livro: “A investigação procura fazer com que os arquivos falem, para neles encontrar os escravos como agentes históricos: há um verdadeiro desafio em restituir-lhes a humanidade, e nisso reside a responsabilidade dos historiadores”.

Ilustração: Flávio Tavares/Reprodução



Ex-escravizada Maria Gertrudes



Franca foi o responsável pela página de esportes do *Jornal O Norte*, colaborou em *A União* e foi produtor e diretor artístico na Rádio Tabajara

Imagem: Pêso

João Carlos Franca

Habilidade na escrita da crônica esportiva e da poesia

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O ofício do jornalista João Carlos Franca foi a arte da palavra: na imprensa, no rádio, na literatura, nas canções e nos discursos. A habilidade na escrita misturava inteligência e sensibilidade, recorrendo à arte da retórica ou da humanização dos relatos para alcançar públicos amantes dos esportes, dos programas de auditório de rádio e das análises da sociedade de seu tempo.

Recebeu o nome João por ter nascido na véspera da maior festa nordestina, em 23 de junho de 1932, na capital paraibana. O primogênito do tabelião Carlos Neves da Franca e de Ana Coelho da Franca viveu a infância entre estudos e brincadeiras com os outros cinco irmãos, mas já na juventude dividia-se entre o trabalho no Cartório do Júri e de Execuções Criminais e as atividades na imprensa, em um tempo em que as faculdades eram as redações.

Em 1954, portanto com 22 anos, já era o responsável pela página de esportes do *Jornal O Norte*, em que também escrevia uma coluna opinativa. Com texto esmerado e bons argumentos, sempre fazia do espaço uma oportunidade para trazer à tona questões ligadas aos times paraibanos ou reivindicar iniciativas para fortalecer os esportes amadores.

Diante da notícia de que em Campina Grande, o Estádio Municipal Plínio Lemos já estava com as

obras avançadas, João Carlos expôs a negativa dos legisladores para que um empreendimento semelhante fosse construído na capital, e dizia que Campina Grande era exemplo para João Pessoa. “Como todo bom pessoense, eu sou bairrista e tenho verdadeira coqueluche pela capital, meu berço natal, mas nesta oportunidade, tenho a dignidade de dizer, que a ‘matuta cidade da serra’, está passando a perna na ‘elegante cidade-jardim’”, afirmou.

Nas colunas, as rivalidades esportivas manifestaram-se como espaço de debates com outros cronistas e até leitores. Em uma delas, Franca reage à carta de um leitor com palavras que ele classificou de “pouco lisonjeiras”. “Nela, com uma deselegância notória, seu autor ofende-me, apenas com palavras, pois a carta é vazia de qualquer pensamento ou construção de ideia. (...) Certamente, este João Ninguém, que desconhece o que é esportes, quer ver seu nome saindo em jornais, e valeu-se do mesmo roteiro que se valeu um certo moço de Caruaru, quando em carta procurou rebaixar o meu colega Barbosa Filho, da Rádio Jornal do Commercio”, diz um dos trechos.

As críticas ao jornalista pareciam ser recorrentes. Em outra ocasião, ele responde a um torcedor pernambucano que lhe entregou uma revista do Náutico, na qual foi chamado de “escrevinhador apagado”. A razão seria uma crônica contrária a vinda do time recifense à Paraíba e chama-

va o alvirrubro de “mais vaidoso que um pavão”. Franca ocupou-se por duas vezes em esclarecer os fatos, destacando as inconsistências e os “crimes” do redator da revista contra a língua materna: “Indelicado e malicioso, o rapaz procurou ofender-me, dizendo que eu queria apenas que o meu nome aparecesse na imprensa de um grande estado. Pois eu tenho o orgulho de dizer, que me acho com capacidade para formar na imprensa de qualquer estado, incluindo o seu, pois se ele, escrevendo ruim e sem beleza literária como o faz, tem oportunidades, porque não organizamos, nós, a nossa associação? (...) Deixemos de lado, por enquanto, as lides jornalísticas e marchemos unidos pela estrada das inovações”, escreveu em um de seus textos. Na crônica social, Durvaldo Dantas afirmou que João Carlos de Franca e Jairo Lisboa, que se utilizavam do pseudônimo de Tom e Jerry, foram grandes nomes na Paraíba, noticiando festas, casamentos, aniversários e viagens de alguns “casacudos” ao exterior.

O talento com as palavras manifestava-se na página dos jornais ainda pela poesia, arte da qual era amante e capaz de produzir um texto ou improvisar um verso se lhe oferecerem o mote. No so-

neto *Felicidade*, publicado na edição de *O Norte* de 26 de julho de 1954, escreve: *Felicidade é como o horizonte: / é uma linha estendida ali defronte / E que no entanto de fugir não cansa / Esperança que nunca se avizinha, / Felicidade é como aquela linha: / – A gente avista porém numa alcança!*

Esportes, poesia e música (outra arte que procurava desenvolver) estão presentes no conto *Marginal*, inspirado numa música de Zé Pequeno e Genival Veloso, e publicado na edição de março de 1981 do *Correio das Artes*. Ali, Franca conta a história do Zé Neguinho, “ninguém mais moleque, ninguém mais vadio, ninguém com dentes tão alvos e sadios. Bom prá levar recados, língua solta, sempre com um ‘filho da puta’, pulando boca afora. Dez anos e já derrubava meninas por trás dos barracos, já fumava piolas, participava de peladas na beira da lagoa”. O drama do garoto, cujo sonho era receber uma bola de presente do Papai Noel, terminaria estampado nas páginas dos jornais. No *Jornal A União*, ele colaborou com artigos, a exemplo de *Antônio Silvino – Anjo ou Demônio?*, contando detalhes da trajetória do cangaceiro Manoel Batista de Moraes.

“Crônica do meio-dia”

Na Rádio Tabajara, João Carlos Franca foi produtor e diretor artístico. Sob sua responsabilidade estavam programas como *Uma mulher em forma de Canção*, estrelado por Marlene Freire, *A Hora da Saudade*, que fazia muita gente chorar, *Sua Excelência a Orquestra* e o

programa humorístico *Só se for agora*. Mas seu grande sucesso no rádio foi o programa *Crônica do meio-dia*.

“João Carlos, uma cabeça cheia de ideias, acurados conhecimentos da língua portuguesa, era capaz de preparar variadas crônicas para uma semana e é bom que se diga que o seu trabalho tinha público certo”, escreveu o amigo e locutor Paulo Rosendo, o terceiro na lista dos preferidos do escritor para ler seus textos. O colega de trabalho destacou o brilhantismo de Franca pela capacidade de, por intermédio do rádio, dar aulas de história, geografia, política e sociedade brasileira pelos seus escritos. “Dentre os funcionários da emissora, ele foi o que mais se destacou graças a sua comunicabilidade, e o modo de tratar indistintamente era o motivo maior de nossa aproximação para com ele”, revelou Rosendo.

O único filho, Carlos Antônio Franca, recorda que o pai costumava levá-lo a alguns programas. “Naquela época, quando eu tinha cinco anos de idade, havia programa de rádio ao vivo com cantores, no auditório da Rádio Tabajara, e eu ia com ele. Desde criança que eu via aquele monte de amigos dele, principalmente do rádio, numa época que sempre foi muito tradicional pra ele, que era no aniversário, na véspera de São João”, relembra.

A convivência com João Carlos nos círculos de trabalho e amizade era marcante, seja por apelidos como “Galo”, dado a Otinaldo Lourenço porque era

muito brigão, por musicar versos que caíam no gosto dos colegas, como o do responsável pelo setor de relações públicas da Rádio Tabajara, Fernando Moreira. “Na redação da emissora, a gente cantava outra música de João Carlos e só parávamos quando o Fernando berrava. O negócio era mais ou menos assim: ‘Fernando Moreira de Albuquerque, eu vou comprar um leque, pra Fernando de Albuquerque’”, contou Paulo Rosendo.

O filho, Carlos Antônio, menciona que da produção musical, o pai chegou a ser campeão de festivais, alcançando o primeiro lugar em um concurso promovido pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) com a música “Pai Francisco”. No meio político, João atuou como assessor parlamentar dos deputados estaduais Sócrates Pedro e Antônio Quirino, e depois como diretor-geral da Câmara Municipal de João Pessoa. Nesse trabalho, desenvolveu habilidades na escrita de discursos para políticos e solenidades, desde posse de autoridades a colação de grau.

“Ele era espirituoso e gostava de brincar, de contar uma piada de salão e sabia como agradar as pessoas, mas ao mesmo tempo era sério. Era uma pessoa muito ligada à literatura. O gabinete dele tinha cinco estantes e muitas coleções, como Machado de Assis e J.G. de Araújo Jorge, que é um poeta muito conhecido na literatura brasileira”, revelou o filho.

O jornalista João Carlos Franca morreu em 19 de setembro de 1998, deixando esposa, filho e netos.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Será que ainda há espaço para revistas de papel?

Em um artigo publicado na revista norte-americana *Bloomberg Businessweek*, em outubro passado, a jornalista Amanda Mull aborda o tema do retorno das revistas impressas. Não mais como um veículo de divulgação massiva (em tempos áureos nos Estados Unidos e também no Brasil), mas como um artigo de luxo ou um item de nostalgia para os leitores, a exemplo do que vem ocorrendo com os discos de vinil.

A primeira revista do mundo surgiu na Alemanha, em 1663. Chamava-se *Erbauliche Monats-Unterredungen* (“Edificantes Discussões Mentais”). Já a publicação pioneira no Brasil tinha o título *As Variadades ou Ensaio de Literatura*. Foi lançada em 1812, em Salvador, Bahia, e seguia o modelo das publicações estrangeiras. A revista baiana focava em “novelas de gosto comum, fragmentos de história antiga e moderna, e discursos sobre costumes e valores sociais, além de artigos de estudos científicos e textos de autores clássicos portugueses”, segundo o site *Revistas* (revistas.com.br).

Depois, outros títulos começaram a aparecer no Brasil, como *O Patriota* (1813) e *Anais Fluminenses de Ciências, Artes e Literatura* (1822), ambas do Rio de Janeiro. As revistas segmentadas surgiram logo depois e eram especializadas, por exemplo, em temas voltados à medicina ou ao público feminino. A publicação *Espelho Diamantino* (1827), também do Rio de Janeiro, é apontada como a primeira revista feminina brasileira; tratava de assuntos variados, mas de forma simplificada, abordando assuntos como política, arte e moda.

Já no século 20, esse tipo de periódico evoluiu: ganhou fotos e muitas ilustrações.



Capa de uma das edições de *O Cruzeiro*, uma das mais importantes revistas do país

Foto: Reprodução/Biblioteca Nacional

da revista (ainda sem o artigo “O” no título) teve 50 mil exemplares.

Alguns anos antes, a Paraíba ganhava a publicação *Era Nova*. Editada na então Parahyba do Norte, como o estado era chamado, circulou de 1921 a 1926, de forma quinzenal. Era um periódico modernista, colorido, impresso em papel *couché*, com fotografias e ilustrações de inspiração *art nouveau*. Tal revista é, hoje, objeto de estudo de um projeto desenvolvido pela Fundação Casa de José Américo (FCJA), em João Pessoa, sob a coordenação da professora Alômia Abrantes.

No Brasil, algumas editoras ainda investem nesse tipo de publicação, destacando-se as editoras Abril, Globo, Símbolo e Três, mas a quantidade de leitores de revistas vem caindo ano a ano, especialmente após a pandemia da Covid-19. A revista *Veja*, por exemplo, que chegou a registrar periodicidade superior a um milhão de exemplares por semana, em 2017, mal passou dos 92 mil exemplares semanais, em 2022.

Eu sempre tive afeição por revistas impressas: das mais informativas e complexas até as voltadas ao entretenimento. Mesmo com as edições digitais à disposição, mantenho o hábito de assinar (ou de comprar eventualmente) um ou outro título. Gosto de manusear as folhas das revistas, de sentir a textura do papel (às vezes, também o cheiro), de apreciar o projeto gráfico e a diagramação de cada página (escolha de fontes, imagens, mancha gráfica), de analisar a hierarquia de informações ali expostas. Sim, sou uma leitora atenta com o hoje, mas também com hábitos antigos. E quer saber? Acho isso um luxo!

A revista *O Cruzeiro*, uma das mais importantes do Brasil, foi lançada, em 1928, pelo jornalista paraibano Assis Chateaubriand,

no Rio de Janeiro. Ela trabalhava com grandes reportagens, destacando-se o espaço dado às imagens. O primeiro número

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os instrumentistas da MPB — XIII

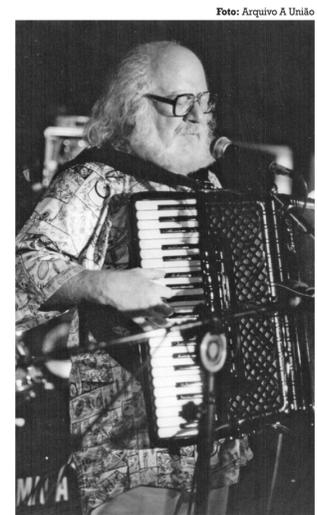
Quando se fala da discografia existente na MPB, em termos instrumentais, o acordeon ou acordeão, como queiram, certamente não fica em primeiro plano, mesmo porque a sanfona sempre foi, e o será tida e havida apenas com um instrumento básico na formação de conjuntos regionais de estúdio, ou seja, fadado, simplesmente, a acompanhar intérpretes, conforme opções desses e/ou dos seus maestros arranjadores, quando não das próprias gravadoras. Isso, no entanto, não invalida a contribuição de muitos deles ao cânone nacional.

Sem juízo de valor, o que não é o objetivo da coluna, citamos alguns que dominaram o jaez acordeonista, mesmo que não somente a esse tenham se dedicado.

Assim, é que se nos surgem nomes de frente, como Pedro Raymundo (1906-1973), Luiz Gonzaga (1912-1989), Mário Zan (1922-2006), Mário Gennari Filho (1929-1989), Sivuca (1930-2006), Dominginhos (1941-2013), Oswaldinho do Acordeon (1954), entre outros mais recentes.

Severino Dias de Oliveira, ou simplesmente Sivuca (1930, Itabaiana-PB/João Pessoa, 2006), merece destaque, creio que exatamente por se tratar de um compositor, maestro, orquestrador, arranjador e até cantor bissexto, além de multi-instrumentista que chegava quase à perfeição, fosse na execução da sanfona, piano, teclado, violão, guitarra e até de instrumentos de percussão. Quanto à diversidade de ritmos, Sivuca “passeava” por choros, frevos, baiões, jazz, blues e pela música erudita.

Oriundo de família de sapateiros, iniciou-se na profissão de músico, ainda criança, em apresentações pelo interior nordestino, em festas de casamentos e batizados Quando de suas primeiras apresentações públicas, fosse no Brasil ou no exterior, a sua figura,



Multi-instrumentista e paraibano de Itabaiana, Sivuca (1930-2006) com seu acordeon

portador de albinismo, de pronto, chamava a atenção dos presentes.

Como se deleitava ao ver/ouvir um “sanfoneiro”, o seu avô o presenteou com uma sanfona, pela época de São João, de 1939, quando ele contava apenas nove anos de idade. Aos poucos, ele foi “criando gosto” pelo instrumento e, quando se achava pronto, em 1934, profissionalizou-se, ingressando na Rádio Clube de Pernambuco, a convite de Nelson Ferreira, quando assumiu o seu nome artístico, e de onde, em 1948, migrou para a Rádio Jornal do Comércio, ambas em Recife.

Foi a cantora Carmélia Alves quem deu um empurrão na carreira de Sivuca, quando ela o conheceu, em uma excursão ao Recife, e resolveu apresentá-lo no Rio de Janeiro, em 1951. Logo veio a primeira gravação: um disco de 78 rpm, gravado pela Continental (“Carioquinha do Flamengo”, de Waldir Azevedo e Bonifácio de Oliveira; e “Tico-Tico no Fubá”, de Zequinha de Abreu). No mesmo ano, veio um *hit* que se tornou sucesso nacional — “Adeus, Maria Fúlv” (parceria dele com Humberto Teixeira), que mereceu a aplaudida gravação do grupo psicodélico Os Mutantes.

Somente em 1955, quando trocou a sanfona pela guitarra, foi o maestro Guerra-Peixe quem lhe ensinou os primeiros passos de harmonia. Após algumas apresentações pela Europa, mudou-se para o Rio, e passou a apresentar-se, entre 1955 e 1959, em programas da Rádio e TV Tupi. Em 1959, passou a viver entre Lisboa e Paris, em face do sucesso obtido, o que, em 1962, o elevou à categoria de “o melhor instrumentista do ano”, título que lhe foi conferido pela imprensa especializada francesa. E dessa época a gravação do álbum (LP) *Samba Nouvelle Vague* (Barclay), com a interpretação de ritmos da Bossa Nova. Do ano de 1964 até 1976, Sivuca estabeleceu-se em Nova York e ganhou mais visibilidade ainda, quando foi contratado pelo empresário/marido da consagrada intérprete africana Miriam Makeba (“Pata, Pata”), com quem atuou por quatro anos e viajou pelo mundo até o fim da década de 1960, já como guitarrista e arranjador musical. Foram viagens com apresentações de sucesso, que ensejaram oportunidades de ativismo antirracista e que legaram grande impacto cultural. Daí, adveio o convite de outro astro, no caso Harry Belafonte (“Matilda”, “Day-O/Banana Boat

Song” e “Jamaica Farewell”), o inovador do ritmo *calypto*, com quem trabalhou de 1971 a 1975. Com Belafonte apresentou-se, inclusive, com a estrela Julie Andrews, na TV NBC (Los Angeles). A convite de Nelson Riddle chegou a trabalhar como arranjador para orquestra e cordas dele.

No plano nacional, compôs trilhas sonoras para filmes dos Trapalhões. Marcante também foi a parceria com Chico Buarque, letrista da envolvente “João e Maria”, cuja melodia estava arquivada, desde 1947, por Sivuca, autor da música: “Agora eu era o herói / e o meu cavalo só falava inglês / A noiva do cowboy / era você além das outras três”. Dentre os seus álbuns mais emblemáticos está o *Sivuca Sinfônico*, com a Orquestra Sinfônica do Recife (2006), com registro de sua obra clássica; um DVD, também de 2006 (*O Poeta do Som*), contou com a participação de mais de uma centena de músicos e de que também participou a Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB). Outro fato marcante em sua carreira foi a apresentação e a gravação, em 2002, de shows no Canecão, acompanhado por acordeonistas de uma nova geração, no caso Dominginhos e Oswaldinho do Acordeon, mas aí já será outra estória...

Deixou viúva a paraibana (de Sousa) Glorinha Gadelha, formada em Medicina, violonista, intérprete e compositora, com quem gravou o *hit* “Feira de Mangá”, uma parceria de ambos: “Fumo de rolo, arreo de cangalha / eu tenho pra vender, quem quer comprar / Bolo de milho, broa e cocada / eu tenho pra vender, quem quer comprar”, composto em 1974, em Nova York, e que, segundo ela, teve a letra inspirada nas feiras livres interioranas de Sousa e de Itabaiana, na Paraíba.

Todo o acervo musical de Sivuca foi doado por Glorinha, filhos e netos à Fundação Joaquim Nabuco, de Recife.



Eita!!!!

"O Mágico de Oz"

O universo mágico criado pelo escritor L. Frank Baum, em 1900, ganhou vida por meio de inúmeras adaptações e releituras. Com o longa-metragem *Wicked* em cartaz, nos cinemas paraibanos, vamos listar a seguir algumas curiosidades e conexões das produções com base na obra de Baum.

Versão mais famosa

A história original de Baum, *O Maravilhoso Mágico de Oz*, narra as aventuras de Dorothy, uma menina do Kansas que é transportada por um ciclone para a terra de Oz. Lá, ela encontra personagens icônicos como o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde, além de enfrentar a temida Bruxa Má do Oeste. Uma das mais famosas adaptações é a versão cinematográfica de 1939 (foto acima), estrelando Judy Garland como a protagonista. A MGM pagou a L. Frank Baum US\$ 75 mil pelos direitos de adaptação cinematográfica de seu livro, uma quantia recorde na época. O orçamento de *O Mágico de Oz* foi de US\$ 2,7 milhões, sendo que o filme arrecadou US\$ 3 milhões em seu primeiro lançamento nos cinemas.

Conexão com "Wicked"

Wicked é uma releitura que se passa antes dos eventos narrados em *O Mágico de Oz*. A trama foi escrita por Gregory Maguire e publicada em livro, no ano de 1995. Foi essa obra que deu origem ao musical da Broadway de 2003, que agora serve como base para a criação cinematográfica. *Wicked* é centrado na história de Elphaba (com a atriz Cynthia Erivo no papel), a futura Bruxa Má do Oeste, e Glinda (interpretada por Ariana Grande), a Bruxa Boa do Sul. A trama explora como essas duas personagens, inicialmente amigas, seguem caminhos diferentes que as levam a se tornar as bruxas que conhecemos no romance original.

Mais complexo

Uma das curiosidades mais interessantes é que *Wicked* reinterpreta os acontecimentos de *O Mágico de Oz*, dando nova profundidade e complexidade aos personagens. Por exemplo, a obra explora como Elphaba, nascida com pele verde, enfrenta discriminação e incompreensão, levando-a a se rebelar contra a tirania do Mágico de Oz. Outro ponto é que, enquanto o livro é uma obra mais voltada ao público infantil, *Wicked* aborda temas mais maduros, como preconceito, poder e a natureza do bem e do mal.

"Wicked": parte dois

Na adaptação cinematográfica, o musical da Broadway (tradicionalmente realizado em dois atos) é dividido em dois longas-metragens. Essa primeira parte de *Wicked* termina exatamente no momento em que o primeiro ato da peça acaba. Nos Estados Unidos, a previsão para que a parte que encerra a narrativa chegue aos cinemas está para o dia 21 de novembro de 2025.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - caminho; 2 - nuvem; 3 - bandeira; 4 - teto da torre; 5 - portão; 6 - tijolo; 7 - galho; 8 - janela; 9 - brinco.

TECNOLOGIA

X usa dados de usuários para treinar a Grok IA

Plataforma pode utilizar as postagens e as interações para o seu chatbot

Leonardo Siqueira
Agência Estado

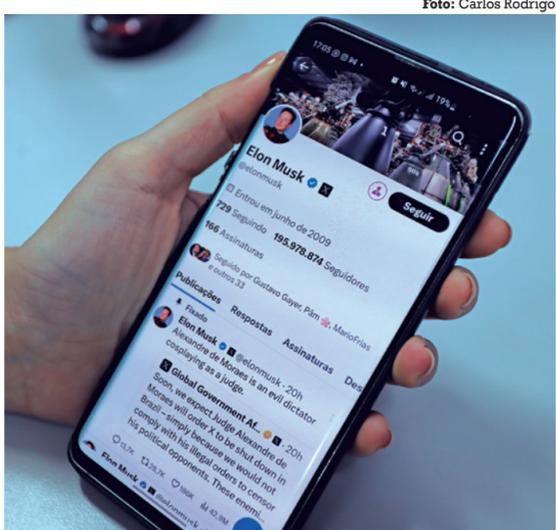


Foto: Carlos Rodrigo

Entrou em vigor, desde o dia 15, os novos termos do X (antigo Twitter), e uma das novidades que tem preocupado os usuários é que a plataforma vai poder usar os dados das contas para treinar sistema de inteligência artificial (IA). A mudança não oferece ao usuário a possibilidade de rejeitar a prática, algo visto no LinkedIn e nas redes da Meta (Instagram, Facebook e WhatsApp).

Os novos termos dizem: "Você concorda que essa licença nos reserva o direito de analisar o texto e outras informações fornecidas por você e, de outra forma, fornecer, promover e aprimorar os serviços, inclusive, por exemplo, para uso e treinamento de nossos modelos de aprendizado de máquina e inteligência artificial, sejam eles generativos ou de outro tipo".

Isso significa que, ao acessar a plataforma, o X pode usar as suas postagens e interações para treinar a Grok AI — modelo de *machine learning* da empresa — sem a opção de desativação. A política de privacidade também foi atualizada, e o novo texto afirma que o X poderá compartilhar essas informações com terceiros:

"Colaboradores de terceiros. Dependendo de suas configurações, ou se você decidir compartilhar seus dados, poderemos compartilhar ou divulgar suas informações com terceiros. Se você não optar por não participar, em alguns casos, os destinatários das informações poderão usá-las para

seus próprios propósitos independentes, além daqueles declarados na política de privacidade da X, incluindo, por exemplo, para treinar seu modelo de IA, sejam eles generativos ou não".

O documento não deixa claro se informações privadas, como mensagens diretas e outros dados não públicos também viraram material de treinamento de IA. Até a implementação dos novos termos, usuários com conta privada não podiam ser rastreados pelo Grok.

"Você declara e garante que possui ou que obteve todos os direitos, licenças, consentimentos, permissões, poderes e/ou autorizações necessários para outorgar os direitos aqui citados para qualquer conteúdo enviado, postado ou exibido por você nos serviços ou por meio deles", diz a seção.

Diante da impossibilidade de rejeitar os novos termos de uso, usuários estão ameaçando sair do aplicativo e migrar para novas re-

des — outros estão excluindo a conta. No entanto, não é possível excluir a conta de forma instantânea, por isso, esses usuários estão apagando todos os posts antes de fazer a exclusão.

Para excluir seu perfil, clique na sua foto e depois aperte em "Configurações e privacidade", "Desativar conta", e selecione o botão vermelho "Desativar". Seu login vai ficar inativo por 30 dias. Se você não logar nova-

mente depois desse período, sua conta vai ser excluída.

O Grok é um chatbot alimentado por um grande modelo de linguagem (LLM), uma ferramenta de IA que pode entender e gerar textos, semelhante ao ChatGPT, e sua função é buscar e responder a quase todas as perguntas dos usuários. Está disponível para os assinantes da plataforma X Premium.

Como resultado da mudança nos termos de uso, a Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD) convocou o X, em 21 de outubro, para esclarecer o tema. Segundo a agência, a ausência de uma resposta pode ser interpretada como obstrução à fiscalização.

Essa não é a primeira vez que a ANPD exige explicações de uma Big Tech. Em julho, a Meta foi questionada após atualizar seus termos de privacidade com o mesmo objetivo, e precisou incluir uma opção que permite aos usuários negarem o uso de seus dados no treinamento da Meta AI, a ferramenta de inteligência artificial da empresa.



Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

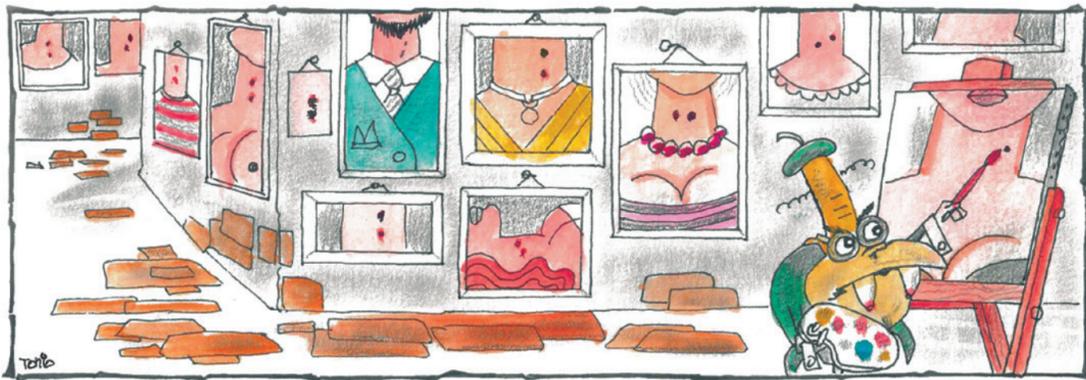
Resposta da semana anterior: O que fica para trás (1) = re + sentimento físico ou moral (1).
Solução: dor espaço circundante (2) = redor.

Charada de hoje: Toca a nota musical (1), toca uma segunda nota (1), mas o sofrimento (1) persiste na pessoa tagarela (3).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota

